Al Ill.mo Sr.
Giovenale Vegezzi-Ruscalla

OBRAS

DE

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO.

TOMO I.

Offerta
do
Auctor.

EXCAVAÇÕES POETICAS

POR

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO,

CAVALLEIRO DA ANTIGA E MUITO NOBRE ORDEM DA TORRE E ESPADA, DO VALOR, LEALDADE E MERITO; BACHAREL FORMADO EM DIREITO PELA UNIVERSIDADE DE COIMBRA; NA ARCADIA DE ROMA **MEMNIDE EGINENSE**, MEMBRO DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRASILEIRO, DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA, DO CONSERVATORIO REAL E DA ACADEMIA DAS BELLAS-ARTES DA MESMA CIDADE, DO INSTITUTO HISTORICO DE PARIZ, DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS E BELLAS-LETTRAS DE ROÃO, DA SOCIEDADE DE LEITURA DE GIBRALTAR, DA DAS SCIENCIAS E ARTES DOS ARDENTES DE VITERBO, DA SOCIEDADE LITTERARIA DO PORTO, DA SOCIEDADE ESCHOLASTICO-PHILOMATICA DE LISBOA E DE OUTRAS CORPORAÇÕES LITTERARIAS.

LISBOA

Typographia Lusitana, rua do Abarracamento de Peniche, 43.

1844.

AO

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO DO BRASIL,

EM PENHOR

DE

ADMIRAÇÃO, RESPEITO E AGRADECIMENTO,

OFFERECE

O SEU SOCIO

Antonio Feliciano de Castilho.

PROLOGO.

DAREI rasão do que seja e do porque sahe a lume a presente obra. O titulo, que leva, ja terá dado a intender — que não passa de um museo de fragmentos desconnexos; e isso é; — não aspira, nem póde aspirar a mais. São fragmentos do meo passado, que para mim mesmo jaziam como que perdidos: sobre elles pesava um grande montão de ruinas; e sobre as ruinas ja o tempo, que as-fizera, tinha, como é seo costume, semeado e edificado novas cousas: — é essa a historia de todas as existencias. D'entre os affectos e idéas do meo preterito ser, a maior parte se-hão resolvido n'aquelle confuso e mentiroso nevoeiro, que faz noite no profundo de todas as almas, e a que chamam — saudade —; refugio para onde o coração se-nos-some a suspirar, quando crueldades do presente o-maltractaram. Outros affectos e idéas porém tinham-se corporalisado, porque se-tinham escripto; e como taes permaneciam sem vida, sim, sem as suas primitivas relações, mas tão claros e distinctos, que a mim, pelo menos, que revendo-os podia recompôr os dias a que pertenceram e tornar phantasticamente a vivel-os se-me-approuvesse, me-interessava muito. Todas estas páginas dispersas e cujas mais proximas dis-

tam ás vezes entre si muitos dias e muitos mezes, estão-me sendo n'esta hora, em que as-acabo de percorrer, e ordenar como quer que seja, o mesmo que, para o viajante, o herbario, onde cada florinha e cada folha sêcca, que pouco dirá aos outros, lhe-diz a elle a odysséa completa das suas perigrinações.

No pôr ao de cima da terra, e aos olhos de todos estes fragmentos, que nem ja em grande parte poderão harmonisar nem acertar-se com os meos affectos, idéas e interesses de hoje, não foi vanglória a que me-obrigou; melhor do que ninguem conheço eu o pouquissimo que isto val: não foi tambem só desejo de obedecer a súpplicas de pessoas, que, de véras, me-amam, e que se-diziam despojadas por minha mão, se eu deixasse perecer estas reliquias: — foi principalmente o gôsto de legar a meos filhos o mais que eu podesse de mim mesmo. Sei eu que algum dia, lá para o diante, quando ja comigo não podérem conversar — triste mas deleitoso lhes-hade ser o interterem-se ainda com o meo espirito, — evocarem com a magía dos meos versos, irresistivel quando por elles recitados, o ser de quem o seo se-derivou, e que muitas vezes pelo amor d'elles e pela sua saudade nos sonhos e nas meditações lhes-hade apparecer. Por este meio, eu não só resurgirei nos seos animos — apparição sempre de bom conselho para filhos em qualquer lance, — senão que por estes vestigios, que deixo

impressos da minha passagem, poderão ir ainda accompanhar-me em alguma das penas, em alguns dos praseres dos meos dias de mocidade.

Mais valiosos presentes de instrucção, colhida na experiencia, lhes-destino eu para regalo; mas, entre as ligeiresas d'estas mesmas bagatellas, aprenderão — que a religião e culto da poesia nos-infunde alguns sentimentos rectos e generosos; nos-desafoga nos males,que não podemos curar; nos-povôa a solidão; e nos-converte o ócio em occupações, vantajosas para nós, e não talvez inuteis para os outros; porque n'isto é a poesia, como aquelle imperador romano, que da pestilente lagôa pontina fez campos de saude e de abundancia,

> . . . . sterilis. . . . . diu palus aptaque remis
> Vicinas urbes alit, et grave sentit aratrum.

Para documento pois do que a poesia póde contribuir, como auxiliar para a felicidade da vida, é que eu agora concérto e offereço este livro, e não como exemplar de litteratura, que nem o-é, nem o-poderia ser: ja porque todos estes quasi fragmentos, versejados, como em outra parte expliquei, em tempos sem esperança e no recôncavo de um êrmo silvestre, nunca presumiram que houvessem de ver a luz, ja principalmente porque bem sei eu que a poesia portugueza, como a do restante da Europa, e a nossa mesma linguagem, se-andam, ha annos, revolvendo para um futuro que ainda se não enxérga bem distincto; e que tudo

o que nós fazemos n'este genero, mormente os que ainda, como eu, retiveram (máo grado seo) alguma cousa, e muito, de certos habitos tradicionaes e viciosos em litteratura, teem e temos de ficar esquecidos diante da brilhante eschola, que ja porventura vem raiando. Terra da promissão, em que temos fé, para onde caminhamos, guiados, ora por nuvem, ora por columna de luz, mas onde a nós-outros nos não será dado penetrar.

Possam aquelles, para quem ja disse, que ordeno este e todos os meos outros opusculos, figurar lá um dia com a glória, que eu não cheguei a conseguir: — o que estas páginas me não houverem grangeado, possam elles, forcejando por me-exceder e obtendo-o sem custo, concilial-o aos seos nomes, que serão ainda o mesmo gravado sobre a minha pedra. E perdoe-me o publico se, emvez de para elle me-voltar, como é costume e rasão em quem escreve um prologo, me-esqueci a conversar do limiar para o recanto doméstico, com quem só d'aqui a alguns annos chegará a intender o que lhe hoje digo: — que m'o perdoem; foi uma astucia innocente; não me-sei arrepender: — quiz impôr de antemão, a quem sobretudo me-incumbia, obrigações de honroso brio no trabalho e no estudo: e para as-corroborar, inspirou-me o coração, que as-dictasse diante de não menor testimunha, que todo o povo da nossa terra.

EXCAVAÇÕES POETICAS.

EPISTOLA

A FRANCISCO DE PAULA CARDOSO DE ALMEIDA,

Morgado de Assentiz.

S. Mamede da Castanheira do
Vouga, 20 de Dezembro de 1830.

D'este seculo o estame vai fiado
Das furias pela mão na stygia noite,
Magnanimo *Assentiz*: medra no fuso,
Farto de sangue, de peçonha e léthes.
Era fado, cumpriu-se; expiaremos
No opprobrio e dôr, os seculos avitos,
Gloria, saber, virtudes, opulencia.
¡A antiga Lusitania, a flor das terras,
Chara filha do sol, dos mares deusa,
Cahiu emfim, baldão dos maus, e infamia
Dos proprios filhos! Retumbou no Tejo
Inteira a maldicção troada ao Nilo,
E os espantos do Egypto em Lysia pesam.
Nossas aguas vão sangue: amanheceram
Sem vida os primogenitos; searas,
Palmas, louros, cobriram-se de enxames,
Que os-devoram zunindo; e o Ceo mudado,

Para ultimar o horror, nós-chove as trévas.
¿Que ha-de fazer um coração sensivel?
Desertor do presente ¿onde albergar-se?
¿Irá, da alva esperança conduzido,
A's portas do porvir, buscar o alivio?
Não: quando a boa-fé regía os homens,
Véo transparente e leve as-cortinava.
Vinham fóra os reflexos luminosos
Da ja proxima scena á mente alegre.
Hoje o egoismo as-trancou e as-guarda á vista,
Monstro que, detestando a propria essencia,
De política o manto e o nome arroga.
A esp'rança, ultimo bem dos infelizes,
Essa mesma expirou. Nós, máos e infames,
Affronta dos avós, produziremos
Raça peior, mais vil que nos-affronte.
¿Que faremos, amigo? o chão da vida
Jaz tisnado do raio; nem tem fructos,
Nem flor promette. Aos campos do passado
Convem volver o espirito saudoso,
E, eguaes á turba vã de Elysios manes,
Semiviver de imagens vãs da vida.
Ja la vão, na torrente das edades,
Os dias de união, de paz, de risos,
De abundancia e de amor; la correm mudos,
Mas tão perto inda vão, que inda nos-sôa
O echo final do seo folgar festivo.
Tu, que inda viste o rosto da ventura,
E em suas róseas mãos bebeste o nectar
Na taça de ouro que abysmou fugindo; —
Tu, que a pleno gosaste, ornando a pleno
Esse côro de genios de Ulysséa,

Livres, jocosos, flóridos, fecundos,
Que os lembrados salões em vão suspiram; —
Tu na vasta memoria enthesouraste
D'esses brilhantes círculos os fastos,
A cortesã facecia, os saes picantes,
A resposta subtil, a argucia prompta....
Flores gentis de tempos descançados:
Tão naturaes, tão frescas as-conservas
Co'o verniz d'esse espirito brilhante
Como as que em primavera estudiosa
Apanha aqui e alli, prepara, ordena
Dentro em museo sagaz naturalista.
Segue-lhe o exemplo, amigo: elle, não pago
De as-mostrar quaes lh'as-deu a naturesa,
As-descreve em seo livro, as-faz eternas.
Não basta que no ouvido attento e alegre
Do círculo, que emtorno se-te-aperta,
Vertas a flux os ingenhosos risos:
Não basta no recinto de uma salla
Contrahir os serões do tardo inverno.
Tira da pasta ociosa a penna de ouro
Com que o genio fecundo te-brindára,
E que o bom-gosto te-aparou surrindo:
Eternisa escrevendo os memorandos
Dictos e acções dos cidadãos do Pindo,
Socios teos no folgar, teos socios no estro;
Venham nos postos de honra o *Tolentino*,
Pae da quintilha chula, e chiste ameno:
Os teos *Bersanes*, de amorosa lyra,
Sérios no rosto, no dizer jocosos;
O poeta Diogenes, o *Lobo*,
Sem capa, bolsa, ou lar, mordendo em todos.

Os *Malhões*, mais poeticos vivendo,
Que não compondo desleixados versos;
O *Mattos*, que entre cysnes campeára,
Se ao doce, ao natural junctasse o gôsto,
E as Musas tanta vez lhe não fugissem;
O *Barros* (1) e o *Carvalho*, (2) em quem discordes
Naturesa e fortuna em guerra andaram;
E o que brilhou qual sol, passou qual raio,
O ígneo *Bocage*, o príncipe de todos,
Unico em Lysia, a não tolhel-o as parcas.
Dos theatros, *caffés*, passeios, sallas
Sê o Valerio Maximo, o Supico.
Vê que o chão do presente só nos brota
Sôbre o pó das antigas alegrias
Vis tristezas, cuidados espinhosos.
Leva-nos algum'hora a rabuscarmos
Nos campos do passado, amigos campos,
Saudosos, como a patria aos desterrados.
Desabou em ruinas todo o templo
Do publico praser, alevantado
Pela abundancia e paz. Convem que fique
Tua obra promettida em pé, no meio,
Da torrente dos seculos vorazes,
Como columna do alluido templo,
Que em suas inscripções o-lembra ás eras,
Depois de extincto o nume, e extincto o povo.
Aos ocios do jardim nega-te uns dias,
Larga o sacho ao frenetico *Alexandre* (3)
Se Schiller e o Phantasma o-deixam livre; (4)
A's duas Floras o tractar das flores,
E ao *Bastos* os pinceis que na Thebaida (5)
Pintam de Alcant'ra a ponte e as lavandeiras;

Incommenda ao *Leoni* (6) algumas odes;
Ao bom padre (7) uma data que esquadrinhe:
E tu, se podes tanto, occulto escreve.
Emquanto nos-faltar uma anecdota,
Co'a Preguiça (8) nem paz nem treguas queiras;
Em vão, tingindo em pranto as faces gordas
Venha cahir-te aos pés, orar que a-deixes
Passar comtigo o resto de teos dias,
E embalar-te, ao murmurio da Mãe-d'agua.
Em vão doces memorias, uma a uma,
Te-avivará das horas que, tão faceis,
Te-fiou, dormitando, em toda a vida:
Em vão, com mil promessas seductoras,
Te-pintará mil noites de sombrinhas,
Deleitosos serões, cantigas, danças
Tardes de Oeiras, musicas dos Arcos. (9)
Tu, d'esta nova Dido, Eneas novo,
Cumpre ovante o dever, custoso embora;
Despede-a, e, surdo aos ais, tranca-lhe a porta:
La tem Patriarchal, la tem cabidos,
La tem solares de morgados lôrpas;
Quem possue tanto ¿de que mais precisa?
Perguntarás talvez, eu que assim prégo
¿Que faço, ou com que jus te-dou tarefas?
Mas da fructeira o officio é dar-nos fructa,
Da ortiga vegetar: — vegeto, durmo —:
Se não posso dormir, traduzo Ovidio;
Romantiso; edifico os meos castellos;
Abraço os bons amigos de Ulysséa;
Pela lanterna magica da mente
Vou correndo os paineis das tardes curtas
E curtas noites que passei comtigo;

Converso ao lume; e aprendo do Francisco (10)
Quando se-malha o trigo, e plantam couves.
¡ Vê quanto val um conversar de amigos!
Comecei quasi em chôro, e em riso acabo.

NOTAS.

(1) Miguel Antonio de Barros.

(2) Antonio Joaquim de Carvalho.

(3) O nosso amigo Alexandre Herculano, em principio de estudos ainda a esse tempo, mas em quem ja se-admirava o infatigavel fervor do trabalho, assim mental como corporal, porque ja então, como ainda hoje, as suas horas de desenfadamento litterario eram dispendidas em cavar e jardinar.

(4) No estudo da lingua allemã andava todo, e na sociedade do sr. Assentiz nos-fazia, ás noites, leitura da sua traducção do *Phantasma* de Schiller.

(5) Linda sallinha, desquitada do restante da casa, e posta muito bem contente e solitaria no meio do quintal do sr. Assentiz, juncto á Mãe d'agua da praça da Alegria. Puzera-lhe nome de Thebaida. Nunca houve ermitães mais alegres.

(6) Francisco Evaristo Leoni, tambem juvenissimo a esse tempo, e auctor de um volume de poesias ja impressas.

(7) O padre José Theotonio Canuto de Forjó, traductór do Tacito e grande sabedor de litteratura classica e de historia.

(8) O peccado mortal da preguiça era uma das virtudes do nosso amigo Assentiz. N'ella consistia, cuido eu, uma parte do segredo da amabilidade, que tão singularmente o-caracterisa: assím não fosse ella tambem a culpada de nos não ter inriquecido, como bem podéra, a nossa litteratura, tanto com a mui promettida obra, que eu n'esta carta lhe-pedia, como com outras, que nos-haveria dado sem nenhum custo; especialmente de theatro.

(9) As tardes de Oeiras, e os passeios com musica aos Areos, são d'aquellas cousas que se não hão de descrever. Quem n'isso não introu, não o-poderia nunca intender: era contentamento estreme; não se-póde dizer mais nada. Não haverá quem não tenha na sua vida por onde intenda, pouco mais ou menos, este enigma.

(10) Francisco Gomes, velho, quasi macrobio, antigo servo da residencia de S. Mamede, onde ja interrára a tres priores. Era o superintendente das lavouras da casa; pela sua larga experiencia o Borda d'agua das visinhanças, e por nunca ter aprendido nada, nem a ler, nem sahido jamais dos seos montes, um dos mais chapados classicos que nunca topei. Coitado, come-o ha ja 4 annos a terra do adro da freguezia.

SANCTA IRIA.

CHAÇARA.

Quinta da Azenha-Velha, juncto
a Carnide, 28 de Maio de 1839.

Tocam sinos em Nabancia,
Tocam sinos á porfia;
E' por S. Pedro e S. Paulo,
Que se-festeja o seo dia.

A' Matriz são vindas freiras,
Quantas em S. Bento havia:
Todo o altar um ramalhete;
O povo galas vestía.

Mas nem no altar se-inlevava,
Nem no povo se-revia
Britaldo, filho mancebo
Do que em Nabancia regía:

Curiosidade o la trouxe
Do muito que ouviu de Iria;
Que nem ha freira tão linda,
Nem sancta de egual valia.

Logo em a-vendo foi cego,
De quanto o ceo n'ella ria;
Iria, é toda da glória,
Britaldo, todo d'Iria.

Desde aquella negra hora
Perdeu comer e alegria ;
Sonha as noites accordado,
Não cuida em al todo o dia.

Promette amor e segredo,
Promette ouro e pedraria,
A propria vida promette
Se ella acceitar-lh'a queria,

Marido quer a donzella,
Porém de mór jerarquia ;
Quer delicias e riquesas,
Mas não ouro, e pedraria.

Quer Jesu por seo esposo,
Por sogra a virgem Maria,
O ceo por palacio e hortas,
Os anjos por companhia ;

Por delicias basta a pomba
Do Paráclito seo guia,
Que entre as flores das virtudes
N'alma lhe-arrulha alegria.

Gastado dos vãos desejos
Morrer Britaldo se-via :
Geme seu pae Castinaldo,
Chora sua mãe Cassía.

Todo o povo anda pasmado,
Que é dó ver tal louçania,
Annos tão verdes, murchados,
Pender para a terra fria.

Chegou a nova ao mosteiro;
Lastimou-se a boa Iria:
Deu-lhe licença a abbadessa
De ir ver a quem se-morria.

Introu manso ao pé do inferмo,
Que nada ver não queria,
E disse-lhe: « ¡ Sus Britaldo! »
E elle accordou e tremia.

Reconhecendo ser ella,
Recobrou nova alegria:
Dos olhos, faces e bocca
Logo a morte sacudia;

Ambos os braços alçava
Como d'antes não solia:
E por júlgal-a rendida
Abraçal-a ja queria.

Como que foram serpentes
Ella os braços lhe-fugia:
E contra o fogo da carne
Sanctas rasões lhe-dizia.

E vendo que ás rasões sanctas
O doente se-rendia,
Foi pôr-lhe as mãos na cabeça,
E disse com fé mui pia:

« Nome do padre e do filho
« E do esp'rito que alumia,
« Accuda-te o anjo da guarda,
« Salve-te a virgem Maria. »

Palavras não eram dictas,
Britaldo mui são se-erguia
E vendo-a que se-apartava,
Com esta falla a-seguia:

« Da morte, sim, me-has livrado,
« Não do amor de que morria;
« Não sei se é favor, se é damno
« O que me ora has feito, Iria. »

« Mas qualquer que me tu fosses,
« Nunca te eu mal quereria,
« Deus te-accrescente a ventura
« Com toda a que me-devia. »

« Eu que te-chore no mundo,
« Onde tão sôlto me-ria;
« Tu, folga sem mim no ermo,
« Sem homem, hora, nem dia. »

« Que se jamais ca me-soa
« Amor terrestre de Iria,
« Qual a vida que me-has dado,
« Morte crua eu te daria. »

« Adeus! e porque vás certa
« Que ninguem te-livraria,
« Por Deus te-juro isto mesmo,
« E pela virgem Maria! »

Mal era finda uma guerra,
Outra guerra se-accendia
Contra a limpa castidade
D'aquella fermosa Iria.

D'entre as rosas d'annos verdes
Viu amor que a não rendia:
Foi entre cãs emboscar-se,
Que não ha maior falsía.

Em montes de sanctidade,
Onde se ella mais confia,
Por entre as fontes da graça
Lhe-armou sua bateria.

Um monge, dicto Remigio,
A confessal-a sohia,
Varão d'annos e virtudes,
O mór que em monges havia.

Namorou-o a fermosura
D'alma que nua lhe-via;
Votou perdel-a e perder-se
Quem lhe sempre fôra guia.

Pasmou Iria atterrada
De tão estranha ousadia;
Mas logo com grão despêjo
Suas tenções rebatia.

Como que alfim cae na conta,
O monge perdão pedia;
E com mores penitencias
Nova maldade incobria.

As calidades das hervas
Todas elle as-conhecia,
Que umas são para saude
Outras de grã tyrannia.

Como veiu a meia noite,
Da sua cova sahia;
Como a meia noite dava,
Hervas no monte colhia.

Colhidas que teve as hervas,
Suas folhas espremia;
Toda a terra era calada,
O rio triste corria.

Mixturava o sumo verde
Com palavras que sabía;
Com seo bafo peçonhento
O sumo se-denegria.

Nenhum anjo ousava olhal-o;
Nenhuma estrella luzia:
Põe Remigio olhos de fogo
No vaso.... e o vaso fervia.

D'aquella infernal peçonha
Temp'rou a mesa d'Iria;
Iria estava innocente,
Não suppunha mal, comia.

Comidas que teve as hervas,
Logo o ventre lhe-crescia,
Como foi crescendo o ventre
Logo o seio se-lhe-inchia,

O parecer do sembrante
De panno se-lhe-cobria;
Mostras de dona pejada
Nenhuma lhe-fallecia.

Todo o convento se-espanta,
A-despreza e a-injuría,
Toda a terra de Nabancia
Ri da sua hypocrisia.

A triste não se-defende
Nem defender-se podia;
Remigio a-amaldiçoava,
Britaldo em furias ardia.

Tudo era contra a coitada;
Nem o céo não lhe-acudia:
Chorem leões, chorem ussos,
Chorem tanta barbaria.

Foi Britaldo ter, a occultas,
Com um que na terra havia,
Acostumado a alugar-se
Em qualquer malfeitoria.

" Ora, sus Banão! lhe-disse:
" Boa nova eu te-daria,
" Que houvéras tu prata e ouro
" Se a ferro morresse Iria. „

Depois de cuidar um pouco,
Banão assim respondia:
" Fizera-o eu por dar gôsto
" Só a tua senhoria.

" Quantas monjas tem S. Bento,
" Quantas eu te-mataria :
" Traze ora o que prometteste
" Que ella morta, eu posto em via. „

Recebido o ouro e a prata
A' façanha se-partia :
Soube em que parte da cêrca
Aso de a-colher teria.

Por entre umas matas densas,
Por-li o Nabão corria
Logar mui feito a tristuras,
Por brenhas e penedia.

Nas horas mortas da noite,
Quando do côro sahia,
Alli vinha ajoelhada
Chorar mais resas Iria.

N'aquellas silvestres lapas
Logo Banão se-escondia;
Nem vento não respirava,
A lua n'água tremia.

Bem poderam piar mochos,
Só um rouxinol se-ouvia,
Ao som do murmúrio fresco,
Das pedras entre a água fria.

Banão, por livrar do somno,
Que no esperar lhe-crescia,
N'uma pedra, manso e manso,
A afiada espada afia.

Detem-se, que ouviu passadas;
Surge, olha em redor, espia. ...
Quando n'uma lagea bronca
Vê de joelhos Iria.

Dava-lhe a lua no rosto,
Como estrella resplendia;
E apertando as mãos alçadas
Estes prantos proferia: —

« Jesu, esposo d'esta alma,
« O'sancta virgem Maria,
« O'celestes potestades,
« O'anjo, meo casto guia.

« Ja nada por mim vos-peço,
« Que eu nada vos-merecia,
« Mas que não se-perca a fama
« Das monjas com quem vivia.

« Tirai do escandalo o povo,
« E o convento da agonia,
« E eu que morra... » Eis mão de ferro
Que a garganta lhe-tolhia.

E eis que vibrada no ouvido
Esta palavra rangia:
« Britaldo, agora te-mata,
« Britaldo, ¿ intendes, Iria?

E logo um tinir de ferro,
Uma espada que lusia,
A garganta atravessada,
O corpo em terra batia.

¡ O sangue que borbutava!
¡ E um lume que aos ceos subia!
¡ E em roda d'elle mil anjos
Com celeste melodia!

O corpo da virgem martyr
Lá vai na corrente fria
Nu dos habitos sagrados
Que desde a infancia trasia.

Ramo de lirios e rosas,
Que aboiava, parecia,
Do Nabão tomou-a o Zêzere
Com elle ao Tejo descia.

Assim veiu navegando
N'aquella água corredia,
Aquella alva barca humana
Que serafins traz por guia.

De sangue vai purpurada
Por mais nobre galhardia,
Dado aos ventos o cabello
Que era as vellas que trasia.

Por onde quer que passava
Tudo ao longe recendia;
Té que veiu aos pés d'um monte
Que juncto a Escalabi havia;

E alli, onde um bom remanso
O Tejo fundo fasia,
Foi sepultada nas águas
Perla de tanta valia.

Todos os anjos e archanjos
Da celeste jerarchia,
No fundo d'aquellas águas
Trabalharam todo um dia.

Lavraram-lhe um moimento
De pedra mui luzedia;
Depois cantaram-lhe obsequias
De estremada melodia.

E antes que outra vez tornassem
Para a eternal monarchia,
Co'as conchinhas de mil côres,
E o ouro que o Tejo cria,

Sobre a campa lhe-intalharam
Um letreiro, que disia:
" Livre da terra, aqui poisa
" A virgem mui sancta Iria. ,,

Sagrada a vêa do Tejo
Ficou desde aquelle dia.

Para intrar no capítulo da *Tomada de Santarem*, nos meos *Quadros Historicos de Portugal*, é que fôra traçada esta chacara de Sancta Iria. Descuidei-me ao versejal-a, que era em meio de umas sombras mui frescas de um pomar banhado em aromas de flor de laranja, onde, em quanto eu dictava os meos versos á minha secretária, cantava, para outro cabo, os seos, o rouxinol mais poeta e namorado que eu nunca ouvi; quando reparei na minha obra, ja ella estava descompassada para o intento; — rasão, porque logo alli fiz, para o logar d'ella, a cantilèna, que no dicto capítulo se-incorporou, e que, por não deixar separadas a duas irmãsinhas quasi gemeas, e em tão ameno sítio geradas e nascidas, me-pareceu bem traser para aqui: e é a seguinte: —

OS DESEJOS DO ROMEIRO.

O Sol té aos fundos penetra do mar:
Quem fôra planeta de tanto luseiro!
Que víra o que nunca ver poude o romeiro,
Segredos divinos de muito folgar.

Veria em que valle do Téjo, incantado,
Reluz o sepulchro de tanta valia,
E n'elle, entre palmas, de rosas c'roado,
O corpo de Iria.

As águas co'as folhas têm longo palrar:
¡Ai bordas do Téjo, quem fôra salgueiro!
De uns psalmos soubera, que ignora o romeiro,
Segredos divincs de muito folgar.

Soubera os cantares que a todo momento
Os anjos renovam com grão melodia,
Debaixo das ondas, em torno ao moimento,
Sacrario de Iria.

Quem fôra a serêa do mago cantar,
Ou quem-te-soubera cantar feiticeiro!
Da vêa do Téjo, de noite ao romeiro
Cantára mil cousas de muito folgar.

Cantára-lhe a vida do lirio entre espinhos
Nascido, creado, desfeito n'um dia,
E como ao ceo alto, por novos caminhos,
Subiu Sancta Iria.

Assim descantava, de noite ao luar,
Em barca boiada sem mão de remeiro,
No pégo de Iria, de Iria um romeiro,
Acceso em saudades de sancto folgar.

E ao somno passando com esta memoria,
Sonhou que os desejos o céo lhe-cumpria!..
Desfaz-se-lhe o sonho, desperta na glória,
E vê sancta Iria!

AS FLORES.

Devaneiosinho de uma alvorada de primavera.

Quinta da Murteira na Bairrada 5 de abril de 1823.

Em fresco pomar de abril,
N'uma alegre madrugada,
Vagando nympha gentil,
Viu uma arvore toucada
De flores a mil e a mil.

« ¡ Como estes ramos são bellos! »
Diz comsigo, e colhe um ramo,
Que inlaça nos seos cabellos.

Hastesinha, orgulhosita
De ornar a nympha louçã,
Só gloria e festas cogíta;
Ja córa de ser irmã
Da mais flor que o bosque habita.

¡ Que ar e troncos tão grosseiros!
¡ Quem lh'os-déra ja trocados
Em salões e lisongeiros!

Desprêzo, dó e praser
Mostrou deixando o arvoredo,
Mas saudades, nem sequér:
Ramos houve, que em segredo
Murmuraram de tal ver;

Principalmente uns visinhos,
De quem sempre recebêra
Fragrancia, abrigo e carinhos.

Houve-os tambem que invejaram
Da vaidosa a condição,
E tal desgôsto ganharam
A' rustica solidão,
Que de tristinhos murcharam.

Mas um pecegueiro velho,
Nestor d'aquelles pomares,
Em curva edade e conselho,

Dos frondosos circumstantes
No murmúrio attenta um pouco;
De seo seio alguns instantes
Bane o motim crespo e rouco
De seos enxames errantes;

Alça o cume um tanto mais,
E socegado assim falla
Na lingua dos vegetaes;

« Deixai ir esse imprudente,
« Pobre ramo sem ventura;
« Agora está mui contente
« Porque approuve á formosura,
« E vai viver entre gente.

« Domína em throno dourado,
« Festas espera e louvores:
« ¿Ser-lhe-ha firme ou longo o fado?

« Deixai-o tornar com ella
« A' tarde outra vez aqui,
« Vereis qual sorte é mais bella.
« Eu, que mil ramos ja vi,
« Ja lamento a sua estrella.

« Em nosso manso pomar,
« A seos destinos brilhantes
« Dêmos graças de escapar.

« Hoje por nós temos Flora,
« Logo Pomona virá;
« Se o cultor nos-ama agora,
« Amigos, ¡que não será
« Da colheita em vindo a hora!

« Comnosco a alegria esteja;
« Quem tem viço, flor e fructo
« Não sei que mais bens deseja.

« ¡Inda a inveja vos-faz guerra!
« Pouco abalo o sermão fez:
« ¡Murmúrios o bosque incerra!
« Pois bem; não fui d'esta vez
« Propheta na minha terra.

« Paciencia, esperaremos,
« E talvez que em poucas horas
« Concordes todos fiquemos. »

Volveu a nympha ao sol posto;
E em quanto via e revia
No regato o lindo rosto,
Da trança, onde ja morria,
Lança o ramo com desgôsto;

E alguns botões dos mais bellos
Vem da proxima roseira
Infeitar os seos cabellos.

Cantando e léda partiu
Sem mais pensar no raminho,
Que todo o dia a-serviu.
Diz-se até que o coitadinho
O incauto pé lhe-sentiu.

Então triste o moribundo
Viu toda a immensa distancia
De um pomar ao *bello mundo*.

.... et dulces moriens reminiscitur Argos.

OS TRESE ANNOS.

CANTILENA.

Hortas da calçada do duque, Paschoa do espirito sancto de 1840:

Ja tenho trese annos,
Que os-fiz por janeiro:
Madrinha, casai-me,
Com Pedro Gaiteiro.

Ja sou mulhersinha;
Ja trago sombreiro;
Ja bailo ao domingo
Co'as mais no terreiro.

Ja não sou Annita,
Como era primeiro,
Sou a Senhora Anna,
Que mora no outeiro.

Nos serões ja canto,
Nas feiras ja feiro,
Ja não me-dá beijos
Qualquer passageiro.

Quando levo as patas,
E as-deito ao ribeiro,
Olho tudo á roda
De cima do outeiro,

É só se não vejo
Ninguem pelo arneiro,
Me-banho co'as patas
Ao pé do salgueiro.

Miro-me nas águas
Rostinho trigueiro,
Que mata d'amores
A muito vaqueiro.

Miro-me olhos pretos
E um riso fagueiro,
Que diz a cantiga
Que são captiveiro.

Em tudo, madrinha,
Ja por derradeiro
Me-vejo mui outra
Da que era primeiro.

O meo gibão largo
D'arminho e cordeiro
Ja o-dei á neta
Do Braz cabaneiro,

Dizendo-lhe — « Toma
« Gibão domingueiro,
« D'ilhoses de prata,
« D'arminho e cordeiro.

« A mim ja me-aperta,
« E a ti te-é laceiro;
« Tu brincas co'as outras,
« E eu danço em terreiro. »

Ja sou mulhersinha,
Ja trago sombreiro;
Ja tenho trese annos,
Que os-fiz por janeiro.

Ja não sou Annita,
Sou a Anna do outeiro;
Madrinha, casai-me,
Com Pedro Gaiteiro.

Não quero o sargento,
Que é muito guerreiro,
De barbas mui feras,
E olhar sobranceiro.

O mineiro é velho;
Não quero o mineiro:
Mais valem trese annos
Que todo o dinheiro.

Tão pouco me-agrado
Do pobre moleiro,
Que vive na asenha
Como um prisioneiro.

Marido pertendo
De humor galhofeiro,
Que viva por festas,
Que brilhe em terreiro.

Que em elle assomando
Co'o tamborileiro,
Logo se-alvorote
O logar inteiro.

Que todos accorram
Por vêl-o primeiro;
E todas perguntem
Se ainda é solteiro.

E eu sempre com elle,
Romeira e romeiro,
Vivendo de bôdas,
Bailando ao pandeiro.

¡Ai, vida de gostos!
¡Ai ceo verdadeiro!
¡Ai paschoa florída,
Que dura anno inteiro!

Da parte, madrinha,
De Deus vos-requeiro:
Casai-me hoje mesmo
Com Pedro Gaiteiro.

EPIGRAMMA.

Lembrou-se de casar Thomé caduco
Porem não quiz: ¿e a causa? ao pôr do sol
Interneceu-se ouvindo o rouxinol....
Mas ja de tarde tinha ouvido o cuco.

A INFANCIA.

Tradusido do dinamarquez, de Baggesen, e publicado no Panorama.

Quando eu era pequenino
(Tinha um covado de altura!
Em me isto lembrando, chóro,
E no chôro acho doçura.)

Era o brinquinho de todos;
Era da casa o regalo;
A mãe me-trasia ao collo,
O pae no hombro a cavallo.

Tristesas, penas, cuidados
Eram tanto para mim,
Como os risos de Glicéra,
Como o dinheiro e o latim.

Fasia idéa do mundo
Ser mais pequeno do que é;
Mas suppunha-o mais alegre,
E cheio de boa-fé.

Nuvem da aurora ou poente
Sempre cuidei ser papoulas;
O iris, pedras mui finas;
As estrellas lentejoulas.

Custava-me em tantas joias
Não poder pôr as mãosinhas;
¡ Que invejas vos-tive ás asas
O' mosquitos e andorinhas!

Se um monte apanhava a lua,
Quem me la dera, disia,
A ver se é bem redondinha,
E de que é feita, e se é fria!

¡ Pois o sol! como eu scismava
De o-ver cada tarde ao certo
Ir todo alegre apagar-se
No mar dourado e deserto!

¡ E logo a manhã seguinte,
Das nuvens rasgando o véo,
Trasel-o de novo acceso
Ja d'outra parte do céo!

¡ Mil cousas então pensava,
No meu juisinho estreito,
A'cerca do pae celeste
Que ao sol e a mim tinha feito!

¡ Com devoção de creança
Punha as mãos e ajoelhava,
E as orações repetia,
Que a boa mãe me-ensinava!

" Pae do céo, fasei que eu siga
" As sanctas leis que me-dais,
" Que seja amigo de todos,
" Que vos-agrade, e a meos paes. "

Depois resava por elles,
Por minha irmã, pela gente
Que morava em cada choça
Da nossa aldêa innocente;

Pelo rei, que eu nunca víra,
E velhos pobres, que eu via
Pagar-nos com suas resas
A esmola de cada dia.....

¡ Tempos de paz e de gôsto!
¡ De vós que resta?... A saudade,
Esta, ao menos, Deus piedoso,
Me-conserva em toda a edade.

ABORTO DE UMA SATYRA.

Coimbra 17 de se-
ptembro de 1829.

Nasci, graças aos ceos, n'um seculo de peta!
Medita-se o lunario, estuda-se a gaseta.
Ferve o papel-moeda, imprimem-se versões,
Ha punhos sem camisa, ha sem vintem funcções.
Ha serviços sem premio, e premio sem serviços,
Dentes, ilhargas, seio, e cabellos postiços.
Nobresas sem nobresa, e virgens sem o-ser,
E sermões sem moral, e esposos sem mulher.
Século de ouropel, baixaste á humanidade!
Viva a geral comedia! e viva a nossa edade!

ADVERTENCIA.

O verso alexandrino, que é entre os franceses o mais commum, talvez pela propria hydiosincrasía da lingua, que, se hoje vai opulenta de poesia, nunca ha-de deixar de ser mesquinha para a musica e para o rythmo; — o verso alexandrino foi sempre, e é ainda hoje, quasi desconhecido nos lavores dos poetas de Portugal, Castella e Italía — onde só um ou outro curioso o-cultiva por exhibição, como planta forasteira. — Ora como a variedade seja em cousas de arte e luxo condição muito principal, era claro que se ás duas medidas vulgares do hendecassylabo e do octossylabo, que são todo o nosso haver heroico e lyrico, se-podessem ajunctar, não só o alexandrino, mas quaesquer outras combinações métricas, em o-diligenciar se fasia boa obra, e boa avença se-levaria em o-conseguir; sendo de mais a mais que assim ficava o escriptor mais surtido de tinctas de melodia para acertar pelo natural com as côres do seo pensamento. Esta tentativa foi a que eu fiz na minha traducção dos Amores de Ovidio, e em outros opusculos de dias ociosos, em que me-dava mais cuidado o tamanho e geito da fôrma, em que havia de vasar uma ária, do que hoje me-dão muitas questões que alvorotam botequins e parlamentos,

Pauperum tabernas regumque turres.

O verso alexandrino foi o que me-pareceu, a principio,

mais rebelde: e foi por isso mesmo o contra que empreguei maiores empenhos. Cheguei, cuido eu, a domestical-o; a ponto não só de levar com boa cara quanta carga se-lhe podesse deitar, mas até de subjeitar-se a grilhões, e phantasías, com que em França, sem absoluta necessidade, o-opprimiram.

Este apólogo dos macacos é amostra d'isso mesmo: as rimas graves e agudas, femeas e machas, como os franceses, não sei porquê, as-appellidam, aqui vão regular e constantemente alternadas, sem que nunca duas diversas graves, ou duas diversas agudas se-achem junctas. A partição e pausa forte de cada hemistychio são sempre observadas.

Tanto escrúpulo não acconselharia eu aos que tivessem pouco tempo para perder; mas o adoptar o métro e servir-se d'elle rasgadamente, sim e muito que sim: — 1.° pela razão, que ja toquei, da maior variedade, no que vai muito para os recursos de quem escreve e para o regalo de quem o-lê ou ouve: — 2.° porque quanto maior é o ambito do verso, mais farto póde ser o pensamento, ou o affecto que nos elle apresente de uma vez, o que nenhum poeta, que saiba da cousa, negará ser de uma grande vantagem para os effeitos. Por último não imagine alguem que eu apresento, nem esta, nem outra qualquer de minhas trovas, como exemplar de cousa alguma: foram quasi todas ellas passatempos meos, e já agora não transcenderão de meros passatempos para os leitores.

OS MACACOS.

APÓLOGO.

Vivia no Brasil, la n'uns sertões opacos,
Um monão, pé-de-boi, com filhas e mulher:
Na cova que elegeu, longe dos mais macacos,
Tinha todo o seo mundo, e todo o seo praser.
Uma nascente á porta, á roda um bosque cheio
De cana doce, côco e banana sem fim,
Eis a adega, o celeiro, a cosinha, o jardim.
E' o Eden macacal na abundancia e recreio.
¿ Que lhes-falece? nada: a bondade, a affeição
Lhes-sobredoura á paz da estreita solidão.

—

Uma sesta que ao sol estava dormitando
Toda a hirsuta familia esmoendo o jantar,
Um saguim caçador, estafado e suando,
Quiz o acaso que errante alli viesse dar.
Pediu água: o bom velho o-condusiu á fonte;
As filhas serviçaes colheram fructos mil,
E em quanto os-iam pondo ao hóspede gentil
A mona-mãe lhe-abana e lhe-dessua a fronte:
¿ Quem de obsequios não gosta? era ja negro o ceo
Quando o saguim se-foi, mas voltar prometteu.

Não faltou á palavra: a aurora do outro dia
O viu com outro irmão ja no hospicio outravez;
A segunda com dous; a terceira com tres;
E assim foi, de um em um, crescendo a companhia:
Ja não eram somente os irmãos do saguim,
Eram primos sem conto, amigos, conhecidos,
Desconhecidos... tudo! Agora, agora sim!
Que mesa, que brincar, que obsequios repetidos!
A's filhas que respeito, e que affectos ao pae!
Em delicias desfeito o tempo se-lhes-vai.

—

Passou-se mez e meio; os brodios amainaram,
Não supprindo ao consumo o estafado vergel:
Então, qual foge o enxame ás flores ja sem mel,
Bons tres quartos ou mais da súcia desertaram.
Mas ao menos o resto odeia infamia tal,
Não podem supportar amigos int'resseiros;
Ao mono cada um protesta ser leal,
Tem poucos, mas agora amigos verdadeiros.
« Pobresa, eu te-agradeço, o honrado velho diz,
« Afugentaste os maos; co'os bons vou ser feliz. »

—

Passou tempo: morreu-lhe uma das macaquinhas,
Das duas a mais bella, a gloria do sertão:
Não só perdeste, ó pae, o maior bem que tinhas,
Mas na súcia fiel vês nova deserção.
Inda carpia o velho um golpe tão funesto
Quando seguir da morte approuve o exemplo a amor:
Namorado saguim, amavel seductor,
Da prole lhe-roubou e lhe-fugiu co'o resto.
As filhas ja la vão... mas ao menos a mãe...
¿ Que é d'ella? apaixonou-se, e fugiu-lhe tambem!

Não succumbas á dor, distrae-te co'os amigos,
Repete-lhes teo mal, tão digno de seo dó:
Ah misero Simão! de tantos bens antigos
Nem filhas, nem mulher, nem um amigo só!
Um preto, homem de bem, que me-contou tudo isto,
Tal e qual ao leitor acabo de o-contar,
Me-disse, que até aqui podia asseverar
Tudo verdade ser, como se o-houvéra visto.
Mas em dúvida punha, e por certa rasão
Tudo o mais que se-segue a esta narração.

—

O mono endoideceu co'a força do desgôsto,
A um rio se-atirou, d'onde a nado fugiu;
Correu muitos sertões, até que um dia viu
De monos uma aldeia (era quasi sol posto):
Atrepou a um coqueiro, e com sonora voz
Desatou a prégar ao som de mil gemidos;
« ¡ Macacos, o meo mal seja um bem para vós!
« Horrorise os bons paes, atterre os bons maridos,
« Os pródigos converta! a vista ponde em mim;
« Das cousas no princípio está d'ellas o fim.

—

—¡ Monos que dais partida, olhai que esses marmelos
Não visitam ninguem pelos seus olhos bellos! —

PREAMBULO

AOS VERSOS LIBERAES.

Salomão exclamava : « Vaidade das vaidades e tudo vaidade ! » Um poeta romano que não tinha lido Salomão, mas tinha visto o mundo, escrevia : « Oh cuidados dos homens, oh que de vaidade não vai em tudo !

Oh curas hominum ! oh quantum est in rebus inane !

Não ha philosopho que não tenha dicto outro tanto, nem sequer ignorante, de certa edade para além, que o não tenha sentido muitas vezes. Por mim digo ; de quantas verdades cheguei a adquirir, nenhuma trago mais assentada e immutavel do que esta : triste é ella, mas em compensação é a unica maxima terrestre em que não ha vaidade. Uma das cousas que mais me-chegaram a este desincantamento senil foi muita parte dos meos proprios escriptos : é incrivel o como, quando por acaso acérto de folhear algum d'elles, la de annos a annos, o-acho transformado e sempre para peior : é o mesmo que succederia a um amante, que tivesse dado á terra a virgem dos seos pensamentos, vestida de branco, ingrinaldada de assucenas, e ainda formosa atravez da palidez, e com apparencia menos de defuncta do que de quem estava a dormir a morte, e reclinada a descansar de virtudes para voar ao ceo, assim mesmo com as suas assucenas brancas, com o seo vestido branco, e só com a differença de duas asas de asul celeste e ouro ; e a-achasse, a cada visita nova ao sepulchro, mais desfigurada, mais

desconhecivel, mais horrenda, mais esqueleto e mais vaidade de vaidades, que até no féretro e no sepulchro se-escondem ainda os sobejos d'ellas. Os affectos, as paixões, as alegrias, os pesares, as esperanças, as proprias côres de estylo, galas de linguagem, suavidade de metros, tudo isso que eu estava bem certo de ter deixado n'um volume recem-findo, que sepultava para a minha gaveta, tudo me-apparecia demudado, ou antes tudo tinha desapparecido; e entretanto aquelle papel era o mesmo; nada tinha sido n'elle riscado, accrescentado, escurecido, nem contrafeito. Não; mas os annos que a elle só lhe-tinham desbotado um pouco a tincta, tinham-me ca por dentro, nas regiões grandes da alma, arrasado e edificado muito, posto ruinas onde eram palacios, levantado cidades e castellos onde antes eram ermos. A lyra exterior era a mesma, mas não eram os mesmos os sitios para onde ella toava: os echos, com as demolições e edificações, tinham-se mudado. Voltada para onde o-tinha ficado eternamente, ja nada lhe-respondia.

A prosa e os versos liberaes d'este volume nasceram em dous tempos, diversos entre si e diversissimos ambos d'este agora. Tinha eu ainda então amores politicos, e portanto todo o seo natural cortejo de ciumes, odios e tempestades. Cria devéras na felicitação do mundo pela liberdade para a nossa vida; e hoje, em cousas politicas, nem ja atino com o que hei-de crer. Tudo isto digo, afim de que todos aquelles de meos leitores, que ja como eu houverem passado da zona torrida da existencia para o circulo polar, aonde todos chegâmos se não morremos na primeira mocidade, dêm benevolamente o mesmo desconto que eu dou a muitos defeitos graves d'estas páginas, cujo mínimo não é a frequente expressão do odio e da vingança; odio theorico na verdade, e vingança theorica, como

são sempre os dos poetas, a mais pacata gente, em largando a penna, que nunca houve n'este mundo.

Por uma cousa quero eu mal á liberdade, a quem por tantas quero bem. Tem um grande senão; vejo-lh'o hoje, que sou seo amigo; não lh'o conhecia, em quanto não passava de seo amante apaixonado. E' demasiadamente varonil; tem cabeça forte, mas muito poucochinho de coração; e é pena. Nenhum poeta liberal, que eu saiba, desde Armodio até Béranger, poude ainda fazer d'ella mais do que uma philosophia; e uma philosophia não é uma religião. Foi mal posto um nome feminino a isto de liberdade; haviam de lh'o dar masculino ou neutro. Por isso mulheres, liberaes de lei, são tão raras, e não são talvez as melhores.

Mas porque? porque a índole da mulher, a feminidade, tomada em complexo, não é senão amor; e se este amor se-divide para se-estudar, averigua-se que não é senão amores: amor de filha, amor de mãe, amor de amante, amor de esposa, amor da familia, amor da casa, amor dos desgraçados, amor das flôres, e da naturesa, e tambem um pouco amor de si-mesma, que é muito justo, e muito bem empregado. As discussões, soberbías e malquerenças, de que a liberdade necessita para medrar, ao menos por ora, que ainda não é adulta, e anda muito doidinha com a sua mocidade, tudo isso é bom para o sexo que lucta com os touros, com a artilheria e com as ndas. Ellas não, as pobresinhas! que na partilha ficaram com os deveres, e muito contentes. E' providencia! que ás vezes me-ponho eu à scismar o que seria o mundo, sem mulheres e creanças; e supponho que assim como ha arvores que dão côcos, as-havia tambem que dessem homens, e ja crescidos e perfeitos... perfeitos, figuradamente falando, perfeitos como nós... parece-me que um tal mundo

havia de ser muito liberal, mas durar muito pouco. O deputado, o jornalista, o tribuno (e todos haviam de querer sel-o) recolhendo-se á noite para a sua pousada, que sem mulher pouco havia de differir da dos animaes domesticos, não teria quem, pela doçura, pelas caricias, e até por mil futilidades, lhe-désse treguas aos pensamentos altivos e dissociaes. O somno só o-viria tomar, quando a vigilia o-tivesse prostrado: quando em sonhos barafustasse cuidando andar ás punhaladas com um usurpador, não haveria alli quem o-acordasse com um beijo na testa, que é o melhor exorcismo para taes demonios, e o-recondusisse a sentimentos mais doces com um falarzinho, entre sentido e ledo, que sabe descer, pelos torcicólos mais reconditos, como um mineiro, ao fundo do coração. Até o muito falar reprehendemos ás mulheres: e n'isso nos mostrâmos, alem de nescios ingratos, para com ellas e para com Deus, que nol-as fez, quaes as-haviamos de mister. Sem esse, que nós chamâmos defeito; quem nos-houvera ensinado a fala em pequeninos, quem nos-incheria a casa d'esta melodia que não acaba, e quem nos-desfaria os nublados, ás vezes tempestuosissimos, do pensamento? Quando Deus fez a primeira mulher, fel-a, nos disse Moysés, porque viu que não era bom que o homem estivesse só: e não era, não. Hoje briga-se por ellas, aqui e acolá: se as não houvesse, brigava-se em toda a parte, e por tudo. Aquella cobardia e fraquesa que os philosophos tolos lhes-reprehendem, e que, bem deitadas as contas, são mais fortes do que a nossa força, são as que, 365 vezes cada anno, nos-impedem de nos-devorarmos uns aos outros. Não são liberaes, não são; mas são melhor do que isso; porque amam muito e amam sempre, e ensinam-nos tambem a nós a amar o nosso pouco.

Ora isto, digo eu, isto do faser amar, é o que a li-

berdade não tem, ao menos por ora, nem teve nunca; ahi estão as histórias gregas e romanas que vol-o digam! Tenho portanto explicado, segundo me-parece, de um modo claro, o porque, n'esta tal prosa e n'estes taes versos, se-incontra um desabrimento e sequidão, que eu n'outro tempo lhes não sentia, mas que em verdade têm. Tudo aquillo será philosophia liberal, se lhe-quizerem faser favor; mas poesia, é que não póde ser. Julgo que fica dada satisfacção bastante, assim para que os mesmos a quem eu, quando aquillo escrevia, julgava querer mal, não só me-absolvam, mas até me-desculpem; como para que os anatomicos de estylo me-relevem de muita culpa e pena.

Este mesmo pendão de misericordia, desejo eu que valha ainda para cobrir a todo o jornal d'onde tómo algumas d'estas mesmas composições, e do qual, Deus e muita gente me-perdoem, eu era o redactor; chamava-se a *Guarda Avançada.*

ADVERTENCIA.

(Extracto da Guarda Avançada n.º 17, de 25 de março de 1835.)

Não tencionava eu dar jamais á luz estes versos, não só porque d'elles fásia, como poesias, o devido conceito, senão tambem porque o resuscital-os era avivar eu em mim mesmo muito tristes memórias, que mais folgára de perder. A tudo porêm me-

subjeito ja, e ora os-dou fielmente estampados, para confusão de testimunhadores.

A *Revista* disse em uma de suas folhas, que eu fisera versos aos *inauferiveis*. Eu, que ja agora não aprenderei a diser injúrias em logar de factos, direi factos, ainda que o disel-os e convencer d'elles ja seja injúria a quem os-sabe, e para mentir os-escurece; por todo o dinheiro da *Inglaterra*, não quisera para mim a infâmia de quem taes cousas escreve.

Cahiu a constituição do anno vinte; graças em parte ás diligencias que para isso fiseram, mais talvez por êrro de cabeça que de coração, alguns dos que hoje, mais por êrro de coração que de cabeça, agouram á Carta não melhores destinos. Restabelecido, ainda que manso, ó despotismo do *Sr. D. João VI*, emquanto nós-outros, os liberaes, gemiamos em segredo, medrosos dos mil ouvidos, e mil olhos da intendencia, multiplicavam-se em toda a parte aquellas estrondosas festas públicas, em que os gritos de viva e de morra são egualmente horrorosos. *Coimbra*, aonde eu então me-achava, com os seos conventos, com a sua universidade, com o seo cabido, devia de se-estremar entre todas as cidades; e, emquanto, entre alaridos de sinos e estrépito de foguetes, o Te Deum virava a casaca, delineava-se nos paços reitoraes por um ajunctamento de lentes e filhos de desembargadores, tríduo de capella com sermões, tríduo de luminarias com outeiro. Os sermões e as luminarias faceis eram, porque aseite e frades não faltavam na terra; mas o outeiro, a não se-querer em

prosa, que essa em toda a parte abunda, apresentava a difficuldade de não haver poetas, e muito menos absolutistas.

.... Cum tot ubique
Vatibus occurras....

Lembrou-lhes o diabo em mal, que eu e meos irmãos versejavamos, e que em outeiros constitucionaes o-tinhamos feito; e procurando ao mesmo tempo desincantar, e traser da parte de el-rei ao seo outeiro alguns poetas principiantes academicos, o reitor empenhou meo pae em fazer-nos apparecer. Meo pae, ornado de singulares virtudes, cheio de amor para com a sua familia, e amadurecido por largos annos de experiencia, amava no seo coração a liberdade, mas não era romano; e se a alguma cousa queria mais do que a ella, era a seos filhos. Livre ja do enthusiasmo e imaginação brilhante, que na flôr da mocidade tanto exaltam o homem, julgaria commetter um crime, se ás theorías liberaes que elle achava na sua rasão, mas que não accreditava se-realisariam em nossa vida, sacrificasse estabelecimentos e commodos que, fiado nas suas numerosas relações, esperou sempre de nos-obter. Se era ou não este o melhor modo de pensar, não o-sei, nem, ainda que o-soubesse, ousaria disel-o; no tribunal do nosso intendimento todas as auctoridades são processaveis, excepto um pae; e quando as nossas lagrimas ja têm corrido sôbre a sua sepultura, a sua memória se-nos-torna sagrada, como uma divindade sôbre a qual não nos-é licito levantar os olhos.

Antes de nos-expôr o desgraçado compromettimento de sua palavra, teve que oppugnar e vencer o

seo proprio coração; foram segredos que só mui tarde, depois do seo fallecimento, podémos saber da nossa mãe. Meo irmão *Augusto Frederico de Castilho* e eu, apesar de todo o nosso respeito, de toda a nossa ternura filial, ousámos então, pela primeira vez, resistir-lhe, demonstrando-lhe em nós impossibilidade moral de realisar os alheios desejos, que elle nos-apresentava como seos. Depois de dado o primeiro passo, ja lhe não era então possivel retroceder. Insistiu: achou-nos sempre filhos, mas inabalaveis. Para ver se, de um modo airoso, conciliava o seo com o meo dever, propuz-lhe me-deixasse partir logo para uma quinta affastada quatro leguas da cidade, onde eu ficaria com o pretexto de doente: cedeu; e eu parti, com o coração cheio de amargura. Sôbre meo irmão se-reuniram desde logo todos aquelles esforços que, repartidos até alli por dous, menos difficeis tinham sido de contrastar. As instancias de uma familia inteira, accrescendo ás ordens de um pae, produsiam um d'aquelles espectaculos, a que a virtude mesma, sem desmerecer o seo nome, se-póde render. Meo irmão resistiu. Eu chamo para testimunha de tudo isto, não só a voz publica, porque desgraçadamente tudo isto transpirou, mas um homem que, por força, deve ser acreditado. O sr. *Joaquim Antonio de Aguiar*, então amigo intimo de nossa casa, era admittido ao secreto da familia; elle soube tudo: direi mais, elle mesmo ajudou a combater a nossa constancia, e se mais ainda é preciso para tornar esta minha prova irrefragavel, eu que o-cito para dar uma sentença sôbre a nossa honra, ao mesmo tempo lhe-declaro

que o não amo (*), e que o não amo desde o dia em que o-julguei renegado de nossos antigos principios. Bem; eis-aqui agora factos para que o-chamo.

N'essas desgraçadas vésperas, intrando elle no quarto de meo irmão, o-achou a ler profundamente em Lucrecio aquelle passo com que tantos suicidas se-têm preparado contra os terrores da morte. Ouviu-o, escarneceu-o, e arrancou-lhe o pensamento insensato de renunciar a vida, para se-livrar do que elle julgava a sua deshonra. Convenceu-o de quanto era pueril o dar tanta importancia a uns versos, que de mais a mais se-podiam até n'aquella occasião faser, sem n'elles escandalisar o bom senso e a philosophia. Sim; tudo isso foi verdade, e meo irmão, ferido d'este raio de luz, rendeu-se. Restava eu. Tocado das lagrimas da minha familia, munido de cartas d'ella e do exemplo de meo irmão, o sr. *Aguiar* vai ter comigo em Aguim. Em uma salla da Quinta do Tanque, elle consome uma manhã toda para me-convencer, e eu volto com elle para Coimbra, não para festejar o absolutismo, mas para dar, do modo possivel, e em grande público, um documento de liberal. Duas peças em verso sôlto, e um soneto, foram tudo que n'aquelle outeiro fiz. A esterilidade do assumpto, tornado ainda mais sêcco pelas minhas restricções mentaes; a repugnancia com que trabalhava; e o apêrto do tempo que mediou entre a minha chegada e o outeiro, foram parte para que estes versos me-sahissem, em minha cons-

(*) E' necessario não perder de vista a data e o espirito do jornal, d'onde me-foi forçado arrancar esta prosa.

ciencia o-digo, miserrimos. Acharam todavia grande favor em um auditorio, que n'essas tres noites se-mostrou tão liberal, que grangeou á cidade nada menos que a visita de uma alçada. Se os meos versos tivessem respirado servilismo, ¿ como teria eu tido a honra de ter por amanuense o sr. *Aguiar*, emquanto os-compuz? Nada quisera accrescentar a isto, mas não posso resistir á tentação de transcrever as seguintes Notas do lente de mathematica, *Sebástião Corvo*, em consequencia das quaes todas as poesias d'esse outeiro, de que se-imaginára faser um livro, deixaram de ser impressas; o autógrapho conservo-o em meo poder.

Notas sobre as Composições do outeiro, por Sebastião Corvo.

Nas reflexões seguintes não intendo, nem por sombras, accusar malícia alguma da parte dos vates; antes estou profundamente convencido da sinceridade, puresa de pensar, e bom ânimo d'aquelles senhores. E' por amor da propria utilidade d'elles, que me-arrisco talvez a desagradar-lhes, para evitar os effeitos de certa desconfiança, a qual ja se-começou a desinvolver, mesmo no outeiro, em várias reflexões venenosas; e n'estas cousas o perigo está todo no princípio. Sôbre este particular conversei eu logo então com alguns dos dictos senhores, e fiz tal ou qual diligencia, para que isso chegasse aos ouvidos de todos; de sorte que não faço agora mais ou pouco mais, do que repetir o que ouvi n'essa occasião, e o mesmo, que eu disse com pequena diffe-

rença. Haja-se pois tudo isto por muito expressamente declarado, para que não tenha logar a mais leve suspeita contra mim, que eu certamente não mereço.

Emquanto ao merecimento poetico das composições, direi sem lisonja, como já tenho dicto muitas veses, que excederam grandemente, sem dúvida por eu não conhecer a pessoa dos auctores, ao menos como vates, a expectação, em que eu estava. N'este sentido tomei tão sómente a liberdade de apontar umas ninharias, as quaes absolutamente me-pareceu, que poderiam ter escapado na revisão; a saber: (*Seguem-se aqui algumas reflexões ácerca do Sr. Judice Samora, e do Sr. Cunha e Carvalho. Estas composições que o Sr. Corvo reuniu debaixo do titulo — Sem Nota — acha elle que podem ser impressas. Seguem-se reflexões ás poesias minhas, e de meo irmão, que elle comprehende na seguinte rúbrica:*)

Composições, que não parece conveniente publicarem-se, ao menos nas actuaes circumstancias.

(A) (*á margem* N. 8). Este Elogio (*não são versos meos*) para o fim, e mesmo no último verso, dá por desgraça occasião a parecer d'aquellas *Poesias Constitucionaes*, onde maliciosamente se-insinuaram a sua magestade uma especie de *conselhos ou advertencias asperas*, pondo mêdos com a sorte de alguns soberanos; e se-arrojava uma prégação perpétua contra a tyrannia: dizia-se bem da sua real pessoa, porém sempre, ao menos indirectamente,

muito mal dos reis e da realesa. E' certo, que em um Elogio dirigido a um rei, não se-diz mal de outros reis, por ser indecencia mais que manifesta. Isto até entre particulares é uma grande incivilidade. Além d'isso (falando figuradamente) todo o papel é branco em comparação da tincta de escrever, e comparação tal só póde servir no elogio do papel pardo. N'uma palavra é necessario confessar, que com decencia e com gôsto, Neros e Calígulas nunca podem intrar no elogio de um soberano, especialmente como o nosso.

(B) (*á margem* N. 5.) Estes versos (*são versos de meo irmão*) logo desde o princípio, no seu todo, e várias partes, dão muito logar a interpretações sinistras, como as da nota precedente.

(C) (*á margem* N. 1.) *As baforadas catonicas* (*é o meo soneto — Todos livres*) de ambos os quartetos d'este soneto não entram em tal assumpto, senão para se-atacarem victoriosamente, e destruir-se de todo o seo pernicioso effeito; de outra sorte têm visos d'aquella chamada *Confissão de Voltaire*, onde se-publicaram descobertamente os seos erros, debaixo do fraco, e malicioso salvo-conducto de um: *Confesso que errei, n'isto, e n'est'outro.* As antecipações, que infelizmente existem, dão todo o logar a esta lembrança maligna.

(D) (*á margem* N. 3.) No elogio de um rei (*é a minha Meditação*) e por conseguinte da realesa, não póde vir bem a proposito o *indifferentismo politico*; isto dá muita occasião á malicia de juisos temerarios; e muito mais ainda aquella pintura, parece que feita de bom grado, de uma rebellião da

plebe romana, aonde sobresahem as côres do *enthusiasmo republicano.*

(E) (*á margem* N. 4.) Vinte e tantos versos de crimes, e penas de reis condemnados pela justiça dos céos (*é a minha Apparição de Fenelon*), parecem mais uma prégação doctrinal, mui fóra de proposito, do que um elogio. Isto lembrou no outeiro, com as malignas reflexões sabidas.

Eis-aqui em resumo o que me-occorre. E mais me-lembra, por occasião do sonho último, trazer á memória d'estes senhores, que a desgraça de Fenelon na côrte proveiu de uma interpretação maligna d'esta qualidade. *Segue-se*

Composições com algumas notas etc. etc.

A APPARIÇÃO.

> ....poucos reis o inferno incerra
> Porque entre poucos se-divide a terra.
> *Gabriel Pereyra — Ullysséa.*

¡Meia noite! Cançado o pensamento,
E cheio o coração do amor da patria,
Adormeço: ¿Phantasma venerando,
Que me-queres? quem és? d'onde has surgido?
¡Roupas sacerdotaes! ¡na dextra um bago!
¿Quem és, pastor de espíritos? ¡que aspecto!
¡Que surrir de pacífica virtude!
¡Que auréola de luz nas cãs pendentes!
¡Quanto céo, quanto amor no olhar, nas voses!

¡ E's tu visão da mente allucinada,
Luminoso phantasma, ou vens do Elysio?
¡ Ah! vens do Elysio! Eu te-conheço e adoro.
Dos reis educador, dos reis amigo,
Amigo das nações, eu te-abençôo.
¡ Fenelon! Fenelon! ¡ Que nome, ó povos!
¡ Com que suave orgulho o-repetimos!
Fenelon! Fenelon! ¡ Porque entre os louros,
Que ao tumulo lhe-dão canóra sombra,
Não vão todos os reis mudos sentar-se
A meditar cada anno um dia ao menos!
Com ar meigo e risonho o sabio velho
A dextra me-estendeu, e em tom de amigo,
= » Vem, meo filho, me-diz, segue os meos passos;
» Leio em teo coração, leio em tua alma,
» Tu amas a verdade, e ousas disel-a;
» Odeias mais que a morte a vil lisonja,
» Queres de Lysia ao rei dar puro incenso.
» Vem pois; o incenso puro, o digno d'elle,
» Em vão por outra parte o-buscarias;
» Só para além dos tumulos, no Elysio,
» Na mansão da verdade é que se-colhe.
» O enflorado lauréI, com que pertendes
» C'roar, poeta, a c'rôa do monarcha,
» Lá o-tens; accompanha-me, não tremas.
» Nos jardins de além-mundo as flores riem
» Formosas, immortaes, immarcessiveis,
» Como as sombras de heroes que alli vaguêam. »
Da sacra aérea mão tocado apenas,
Sinto subito o ânimo arraiado
De interna luz insólita; sou livre,
Livre como elle das prisões terrestres,

Senhor de mim, dos seculos, do espaço.
Transposta a horrenda Styge, o Léthes mudo,
Eis se-abre á sua voz a brônzea porta,
Sem que ouse a nos-ladrar o cão trilingue.
  Por entre povos de infelises sombras
Sanguinolentas, palidas, convulsas,
Que em tormentos de horror se-revolviam,
Fomos correndo: a abóbada de ferro
Retumbava c'o a barbara mixtura
Dos açoites, dos silvos das serpentes,
Dos ais, das maldicções, de tardas queixas,
Do clamor das Euménides raivosas,
Dos dentes a ranger, do pranto amargo,
E do fragor dos inflammados rios.
=»¡Olha, me-exclama o conductor chorando,
»N'esses campos de horror, sem fim, sem fuga,
»Vê que de povos réos se-estão carpindo!
»¡E estarão sempre! A imparcial justiça
»Na terra a-procurais, e ella aqui mora.
»¿Não vês por este oceano de infelises,
»Alguns, de longe a longe, em quem das furias
»Os açoites mais ríspidos estalam?
»São esses os Calígulas, os Neros,
»Os reis... que o sceptro em clava transformaram;
»Bebedores de sangue; outros, no luxo,
»Ao som dos ais da patria.... adormeceram;
»Muitos, de insano amor escravos torpes,
»De amadas entre as mãos depondo o sceptro
»Pagaram co'o seo povo os seos praseres;
»Muitos, não vendo nume em céo sem raios,
»Ousaram, vís hypocritas, fingir-nos
»Um deus a seo contento e á sua imagem,

„ Um deus por quem os principes nefandos
„ Reinavam, que fadára a especie humana
„ A' escravidão e ás trevas da ignorancia;
„ E ao alphange, ao patibulo, á fogueira
„ Mandaram propagar esse ímpio culto:
„ Sancta religião, teo véo sem mancha
„ Assim foi pelas mãos do fanatismo
„ Incobrir a política oppressora.
„ Muitos, ebrios de glória, (¡oh glória! ¡oh nome!)
„ Para pascer seos olhos insolentes
„ Disseram, ide, exercitos, ser paga
„ De um trophéo que nos-orne a régia estância.
„ ¿ Não os-vês? pelas penas os-procura;
....
„ Não pelo trajo: as púrpuras não passam,
„ Não passam c'rôas para cá das campas;
„ Saiâmos já das lôbregas moradas,
„ Horrendo ingresso ás regiões piedosas. „
¡Eis o Elysio! eis o Elysio! esqueceu tudo.
Aura pura e vital, clarão sereno
Nos-restaura, nos-enche, e nos-consola;
¡Tudo é júbilo, amor, delicias d'alma!
De arvores immortaes ondêam bosques,
Sonoro imperio de mais bellas aves.
Atravéz de planicies de ambrosía
Mana, em rios, caudaes, o leite e o nectar.
Em sua veia, em suas margens de ouro
Sob as verdes abóbadas frondentes,
D'onde chovem o mel, o incenso, as flores,
Perenne côro de gentís sereias
Aos dignos de renome altêam hymnos.
Cada um tem a sua; emquanto vivo,

Teve-a dentro; é seo nome — a consciencia. —
Flores, sem nome em linguas de viventes,
Brilham por toda a parte, intertecendo
Alcatifas, pyramides, grinaldas,
Grutas, palacios, thálamos, cabanas.
Tudo é risonho, harmonico, suave,
Perfumado, fecundo, enlêvo, festa.
,, Segue-me sempre, me-bradou meo guia. ,,
Segui-o — ¡ Salve Elysio dos Elysios,
Monte ineffavel, nem sonhado a vates;
Triumphal Capitolio, sem Tarpeia;
Mansão dos heroes maximos! " Detém-te ,,
Me-diz, parando, o conductor: — ,, Chegámos:
,, Não te-é dado ir ávante. Aos extremados
,, D'entre a turba dos optimos, a elles
,, Só, pertence este sítio: olha a cidade
,, Pomposa de palacios diamantinos,
,, Sua eterna vivenda: a minha (¡ graças,
,, Graças aos numes bons!) lá está no cume,
,, Por entre os loureiraes, em cujas folhas
,, MENTOR, MENTOR! os zéphyros susurram.,,
,, Logo á hora em que nasce um genio grande,
,, Aqui mãos invisiveis lhe-assignalam
,, Seo alcáçar futuro: mas a traça
,, Da architectura, a vastidão, a altesa,
,, A escolha da materia, estão pendentes,
,, Sem n'o elle presumir, do seo arbitrio:
,, Cada acção que lá faz digna de premio
,, Troca-se em preciosa pedraria,
,, Que vem ser parte á fábrica solemne:
,, E á hora do expirar.... o exemplo novo
,, Que então dá, fecha a abóbada; retinem

„ Vivas em todo o Elysio, e elle apparece. „
Disse, e me-foi mostrando, uma por uma
As estâncias dos principes d'outr'ora,
Que deram leis, virtude e gloria á terra.
Por sôbre cada portico brilhava
De um semi-deus o nome. Uns inda vivos
Na tradição, na história e nas saudades;
Outros sepultos co' as nações sepultas.
— „ ¡ De novo morador poucas deviso ! „
„ — Poucas „ me-tornou elle, e vi fugir-lhe
O perenne surrir dos labios mudos;
Mas recobrando-o logo: — „ Alça teos olhos
„ Ao cimo... além... ao cimo... á dextra parte
„ Dos lares meos, bradou, entre a pousada
„ De Tito, o bemfasejo, e a do meo Numa,
„ Que lá está sobre o thálamo de rosas
„ Co'a sua Egérie ao lado. Entre elles, surge,
„ Com assombro dos dous, outra vivenda,
„ Que bem vês d'hora a hora estar crescendo:
„ E' o lar de João, do rei dos Lusos;
„ Este sempre, benigno, ha-de seos povos
„ Accumular de bens, incher de glória:
„ Artes, sciencias, brilharão por elle:
„ Em ti-mesmo, em ti-mesmo, obscuro vate,
„ De seo amor, de seo amparo ás musas
„ Eu vejo estar brilhando um claro annúncio: (1)
„ Será de Lysia amor, do mundo inveja,
„ Oh! se me-fôra lícito mostrar-te
„ Futuros que no ânimo insoffrido
„ Me-estão fervendo.... Basta: ao mundo volve,
„ Conta o que has visto; incredulos não temas:
„ Dize que Fenelon só foi teo guia;

„ Para te-darem fé sobra o meo nome. „
Cheio de espanto, de praser absôrto,
Corro, e busco beijar-lhe as sacras vestes:
Busco tres vezes abraçal-o ao peito,
Tres vezes me-fugiu ligeira sombra.
Cheio de sancto horror, tremendo, accórdo:
E em characteres indeleveis sinto
Na alma impressa a visão, que excede os sonhos
¡ Lusitanos, folgai! Jamais se-apague
Em vossos corações tão fausto agouro.

NOTAS.

(1) Não por vaidade de talento, que não ha em mim onde a-assentar, mas só por ambição de agradecido, quero registar aqui, para crédito do monarcha dadivoso, o decreto com que, para me-exforçar de preencher as esperanças que de mim se-tinham áquelle tempo, e que tão imperfeitamente vingaram, sua magestade me-fez mercê de pão abundante para toda a vida; graça, que, a ter ainda hoje effeito, me-dispensaria de desbaratar em trabalhos cançados, deslusidos e morredouros, a maior e melhor parte da poetica substância, que ainda me-resta: *Dís aliter visum.*

Decreto de mercê feita a Antonio Feliciano de Castilho.

Por effeito da minha real munificencia, em attenção ao distincto talento, que tem manifestado *Antonio Feliciano de Castilho*, e á grande applicação com que se-dedica ao estudo das sciencias na universidade de Coimbra: Hei por bem fazer-lhe mercê da propriedade de um dos officios de escrivão e chanceller da correição de Coimbra, que se-acha vago, não tendo ficado filhos legitimos do ultimo proprietario: e sou outro sim servido conceder-lhe faculdade para nomear serventuario, sendo pessoa apta e approvada pela mesa do desembargo do paço. A mesma mesa o-tenha assim entendido, e lhe-mande passar os despachos necessarios. Palacio do Rio de Janeiro, em 8 de junho de 1819. — Rubrica de Sua Magestade — Registada a fl. 26.

MEDITAÇÃO.

RECITADA NA SEGUNDA NOITE.

¿Quare fremuerunt gentes, et populi meditati sunt inania? Adstiterunt reges terræ, et principes convenerunt in unum.
Psalmo II.

Quando o genio mortal, arrebatado
De fervente, de audaz philosophia,
Se-abalança a gyrar no inextricavel
Labyrintho moral da especie humana,
Vai sem guia, sem norte, esvoaçando
Por trevas densas, que a rasão não gasta.
Em suave planicie enxérga ao longe
Larvas brilhantes de risonho aspecto;
Alli corre, alli pára, exulta; e lança
Sobre a movel areia as amplas bases
De alta constituição que illustre os povos,
Os-melhore, os-contente, os-felicite.
Raciocinios, não homens estudando,
Social perfeição tocar presume:
Fortuna, a primogenita do Eterno,
O-pune da ousadia; as asas bate,
E o pomposo edificio eis que se-abysma.
Fugiu, desfez-se em nada o mentiroso
Tropel de larvas de risonho aspecto.
De govêrno em govêrno os povos gyram;
O insaciavel coração não dorme:
Monarchia, republica, tyrannos,
Tudo houve em Roma, e Roma descontente!
A moral perfeição... ventura a todos,
¿Quem póde afoito promettel-a aos povos?

¡Homem! tu pódes pôr um nome aos astros,
Conhecer suas órbitas immensas,
Forçar a terra a se-cobrir de fructos,
Das bravas féras subjugar as furias,
O raio ardente dirigir na queda,
Torcer o curso aos caudalosos rios,
Rasgar o seio dos sanhudos mares,
Voar aos gêlos, que amontôa o pólo,
Subir aos ares transcendendo as nuvens,
Baixar da terra ás lôbregas intranhas;
¡Homem! tu pódes tudo, o Eterno o-soffre;
Mas o Eterno não quer, mas tu não pódes
Teo proprio coração tornar contente.
Velam sobre o universo olhos supremos:
Na mão do creador se-volve o mundo,
Elle nos-vê, nos-ama; os seos mysterios
E' defeso sondar. Pára, recúa,
Philósopho, ante o deus, auctor dos homens.
¿Pódes tu mais do que elle? ¿A' providencia
Pódes suster o insuperavel curso?
¿Teos projectos não vês, não vês que abortam?
Nascido em Spartha, cidadão te-ostenta
Sublime, audaz, republicano altivo.
Nascido em Roma, nos formosos dias
De um sabio Numa, a realesa adora.
Segue a Pompeo nos transes da Pharsalia.
Cumpre as leis, serve á paz, e ao bem da patria.
¡Mas inda descontente, inda murmuras!
Nas do govêrno variadas fórmas
Só uma aos olhos teos póde ser justa,
Conforme á naturesa e boa aos povos....
Volve os olhos, philósopho, procura

Mais canta luz nas margens do Tamisa.
Britannico Nestor, que tu veneras,
La te-dirá: — « Cada nação repute
» Pelo melhor o seo govêrno antigo:
» Tem cada um seo genio, os seos principios,
» Moral, virtudes muita vez oppostas. »
¿ Como ha-de o velho, á monarchia affeito,
Pequenos cidadãos republicanos
A' patria apresentar? ¿ Como ha-de em Roma
Crear vassallos, que subjeite a Cesar,
Um severo Catão? ¿ como creal-os
Um povo inteiro, a cujos pés cem vezes
Se-abateram no pó lictoreos feixes,
E a alta cerviz os consules dobraram?
Subjugar-se tentou Roma orgulhosa,
Mas viu-se o Povo abandonar seos muros;
Diser sem custo adeus aos patrios numes;
Co'os tribunos á frente, e celebrando
Da republica o nome em sacros hymnos,
Ir-se abrigar nas proximas montanhas,
E alli gosar de Roma entre os desertos.
Fallae, pendões do liz, leões da Iberia,
Lusas quinas, fallae: ¿ que prol surtiram
Em tôrno a vós pregões da liberdade?
Co'o brilho, estrondo, e rapidez do raio
Ella ha passado; e novamente o sceptro,
Qual desde priscos seculos se-vira,
Se-vê na mão dos reis. — ¡ Salve tres vezes
O' de pod'rosos reis pod'roso filho!
¡ Do povo mais fiel, do mais submisso,
Grande, augusto senhor: em paz repousa
Seguro á sombra dos herdados louros!

SONETO.

Recitado na terceira noite.

MOTE.

Sagrae-lhe cultos, erigi-lhe altares.

Todos livres, eguaes todos nascêmos;
E' lei, virtude, instincto a liberdade.
Não quer ferros quem busca a sociedade;
Homens servir a homens não queremos.

Alma, raio do céo, todos nós temos;
Sobre nós só a lei e a divindade.
¿Servir ou morrer deve a humanidade?
Morra: escolha o melhor dos dous extremos.

Assim bradou Catão republicano,
Presto a soltar o espirito nos ares,
Depois de Roma extincta, inda romano.

Volve Catão dos tenebrosos lares,
Dirás, vendo o monarcha lusitano:
Sagrae-lhe cultos, erigi-lhe altares.

Ahi diante vai agora uma cousa, chamada *ode*, porque emfim algum nome se-lhe-havia de dar. E' paródia da XIII do 1.º livro de Horacio, a qual por isso me-pareceu bem pôr-lhe em correspondencia. Se o eu não fisesse, raro leitor poderia acarear a imitação com o original, porque Horacio, que tinha a basófia de se-persuadir que nunca havia de morrer de todo, ja se-acha, não só morto e condemnado, mas interrado, perdido e pôsto em esquecimento. Uma ode sua, quando por algum acaso, como este, apparece agora, faz a estranhesa de cousa nova: é o que sempre accontece com o muito antigo: é como quem desincanta um osso de mastodonte.

Por mim confesso, que do perdimento, em que vão cahir totalmente dentro em pouco os poetas romanos, tenho pena: era outra religião, outra civilisação, outra gente, não ha dúvida; mas conheciamos tudo aquillo: na eschola nos-tinhamos naturalisado romanos com os nossos mestres, que o-eram como Scipião e os Gracchos; e tão crentes, que não datariam senão por kalendas, nonas e idos. As nossas primeiras noções aquellas foram. Brincámos, crescêmos com Rómulo e Rèmo, e ainda os-vímos mamar na loba, que por signal era ruiva, na margem do Tibre, alli onde estava uma figueira. Assistímos á primeira fundação da aldeóla de Roma; ás suas primeiras brigas de feiras, chamadas batalhas; ao seo rapido adolescer; á formação de sua indole nacional; ás suas ambições sem limite convertidas em realidades; á transformação das suas rústicas virtudes em vicios esplendidos, em crimes sellados com o cunho da grandiosidade. Os nossos primeiros affectos, n'aquella edade, em que se não póde amar senão no vago, á luz da história romana e ao calor da romana poesia, se-desinvolveram e floriram. ¿Qual de nós não assistiu pre-

sencialmente ao rapto das sabinas? não esperou, com o coração a pular-lhe, o signal do rei no meio do espectaculo para ir tomar a sua, que de certo não era a mais pêcca? ¿Quem se não lembra de que estava em casa de Lucrecia n'aquella mal-estreada noite da visita do primo Tarquinio? ¿Quem se não recorda de se-ter achado muita vez no circo, ao pé da tribuna das vestaes, e com alguma d'ellas interrado vivo no fundo do sepulchro vasio entre a lanterna, um pão, e uma bilha de água? ¿no Egypto com Marco Antonio, á mesa de Cleopatra, quando ella ingoliu a pérola? ¿e n'aquellas festas escondidas da deusa Bona, tão appetitosas para rapases? ¿e nas de Venus, que não carecem de epitheto, e nas de Flora, e nas campestres das nymphas das árvores, das fontes e dos rios? E direi mais, porque é verdade, ¿qual é de nós o que n'esses dias d'entre puericia e juventude, cathequisado pagão pelo Chompré, e confirmado tal pelo seo Tibullo, Propercio e Ovidio, não contemplou com anciedade a lucta do christianismo recemnascido e coroado de espinhos com o paganismo velho e coroado de flores: ¿e mirão contradictorio d'aquelle indeciso jógo, não favoreceu com um certo desejosinho secreto aquillo mesmo que aliás reprovaria com o intendimento?

> ....*video meliora, proboque,*
> *Deteriora sequor*........

Isto que succedeu a todos os que ainda estudámos latim, tambem ja havia passado pelos nossos poetas velhos, d'onde veiu sahirem todos elles, no que escreveram, tão pagãos como um arúspice; e, quando não, lá está o Camões, que ha-de ser o que sempre em tudo se-ha-de citar: baptisado tinha elle sido, mas quem o-procurasse achar, havia de ser n'um banho da Castalia ou da Aganype.

Depois dos poetas romanos vieram pois estes poetas romanisados, radicar-nos ainda mais n'aquellas primitivas

affeições, tão casadas com a edade em que as-tomámos, e tão de lembrar e suspirar para as que de apoz se-vão seguindo; depois, a mesma terra, onde morâmos, fez para aqui muito — que toda ella foi romana — e o-está confessando nas ruinas de edificios, nas reliquias de dinheiros e de artes, em parte da legislação, em quasi todas as superstições e usanças populares, e bem podêmos diser, na totalidade da linguagem, cujas palavras, ainda as que menos o-parecem á primeira vista, são latinas, e semi-latinas as conjugações, as phrases, a construcção, as figuras e allusões, e não poucas das joyas postiças de proverbios e anexins. Ora depois de tudo isto, quererem que atiremos todas as latinarías ao diabo, para nos-ficarmos só com um ou dous generos de antigualhas menos antigas e não sei se-accrescente que de menos substância poetica, as gothicas, por exemplo, e as mouriscas, parece-me que não é bem; ja porque emvez de ampliar cabedaes é restringil-os, e ja porque é mandarem-nos renegar o que nunca de todo se-renega, que são as phantasias que nos-incheram o coração na primavera da vida.

Se esta prosa parecer sobeja para a pouquidade do assumpto, que a-suggeriu, peço que a-recebam como explicação e defensa adiantada de alguns versos meos latinos, com que, pelo discurso d'este volume se-virão a incontrar; versos que eu bem podia ter deitado ao lume, como outros muitos, visto o como vão os tempos para este genero de fasenda, mas que assentei em salvar, por ter sido esta a lingua, em que primeiro versejei, e a que por isso sobre todas me-recreia; e tambem para que meos filhos, incitados por este documento, ponham peito a sabel-a mais devéras do que hoje se-costuma, porque sem muito de latim não creio eu na possibilidade de haver nem muito pouco de portuguez.

AD REMPUBLICAM.

Quinti Horatii Flacci.

LIB. I, OD. XIII.

¡O' Navis, referent in mare te novi
Fluctus! ô quid agis? fortiter occupæ
Portum; ¿ nonne vides, ut
Nudum remigio latus?

Et malus celeri saucius Africo
Antennæque gemant? ac sine funibus
Vix durare carinæ
Possint imperiosius

Aequor? non tibi sunt integra lintea;
Non Dî, quos iterum pressa voces malo,
Quamvis Pontica pinus,
Silvæ filia nobilis,

Jactes et genus et nomen inutile:
Nil pictis timidus navita puppibus
Fidit, tu, nisi ventis
Debes ludibrium, cave:

Nuper solicitum quæ mihi tædium,
Nunc desiderium, curaque non levis,
Interfusa nitentes
Vites æquora Cycladas,

AO ESTADO,

Intrando para ministro o Conde de Bastos.

ODE PARODIADA DA XIII. DO LIV. 1.° DE HORACIO.

¡O' Nora, novo burro escoicinhando
Te-vai metter em asoinado gyro!
¿Oh, que fases? ¡vais dar teo cabeçalho
A orelhudas cabeças!

¿Não vês como os calabres te-despiram
Dos alcatruses que regavam hortas,
Atando-te outros que entre si se-esguicham
Sem deitar nada fóra?

¿Não vês como os suões que te-hão zurrado
Te-racharam as rodas? ¿como se-abrem
Os eixos com caruncho? As noras velhas
Ja não são para danças.

Não tens calabres sãos, nem carpinteiro
Por quem chames cahindo escangalhada,
Bem que eras de bom páo; de antiga mata
Bem que te-chames filha.

Nada fia um quinteiro que é prudente
Em vêr pintado a oleo o ingenho podre;
Se não queres cahir esbandalhada,
Tem cuidado co'o burro.

ELEGIA PRIMA.

AD MUSAM QUOD LATINE SCRIBERE INCIPIAM.

Nunc nova Castalides repetamus carmina Musæ,
  Carmina non patriis emodulanda sonis.
¿Ecqua data est toties patrio sermone canenti
  Gloria? ¿quæ nostris laurea serta comis?
¿Quid Nymphas profuit, quid nos silvestria Faunos
  Agmina, quid vernas concinuisse rosas?
Et juvenum curas modulis, et pocula Bacchi
  Me frustra docuit Teia Musa Senis.
Nequicquam in Tragicis ausus prodire cothurnis;
  Vel duo, vel nemo carmina Lusa legit.
Jam pudet exactorum sic sine honore laborum!....
  Tende, precor, doctum, Musa Latina, chelyn.
Me juvat in Latii perfundi fontis humore;
  Insequor et lauros, Naso poeta, tuos.
Non patrii post hac visurus culmina Pindi
  Auferor, infrondens destituoque solum.
Jam steriles valeatis agri, et vos mænia Mondæ,
  Quique Tagum colitis, barbara turba, Getes.
Altera me revocant jam Numina; Numina fas est
  Ut sequar, et nutus, aurea Fama, tuos.
Ergo meæ ventis cymbæ date carbasa, Musæ,
  Gloria quo nobis æquore monstrat iter.
Vos, zephiri, adspirate fugæ, adspirate secundi
  Vosque adeste salis cærula turba Deæ.
Jam me Romano currentem pectine chordas
  Adspicient populi, qua patet usque solum.

Et me jam noscent gaudentes Tibridis undæ,
  Et Rhodani, et fluctus, maxime Rhene, tui.
Sequana me capiet, Nilus, Tanaisque nivalis,
  Et Thule, et primo littora clara die.
Solve ratem jam, Musa fugax, vos, quos ego linquam,
  Este salutati tempus in omne mihi.

ELEGIA

IN NATALEM MEUM.

Sidera carminibus veniunt dignissima festis,
  Sidera per nostras adnumerata dies.
Jam mibi post quintum subiit lux tertia lustrum,
  Candida natali concelebranda meo.
Ergo agite, et lœto perfundite pocula Baccho,
  Excitet ut festum tristia corda merum.
Quisquis es, obductis cui mens male nubibus horret,
  Hinc abes, ó nostris inficiande jocis.
Ite procul durum, curæ genus, ite, labores,
  Omina nascenti neuquid acerba ferat.
At vos et violis mensas, et spargite lauro
  Limina, dum referunt myrtea serta Lares.
Jam decet inducta redimiri fronde poetam,
  Et dare Numinibus jam bona musta bonis.
Parce Deum genitor, vos parcite uumina Ponti,
  Quique cruentata, Mars, geris arma manu;

Parcite vos cuncti, quibus est non rustica cura;
Quid mihi vobiscum est? Rusticus arva colo.
Sed vos, ó Nymphæ, adsitis, mea gloria, Nymphæ,
Spernite et arboreas, candida turba, domos,
Et sacros fontes, et gratis flumina ripis,
Pictaque purpureis floribus antra suis.
Necnon arborea Cybele de fronde revincta,
Et, quæ custodit paschua læta Pales,
Flava Ceres, Bacchusque pater, Faunique bicornes,
Et Flora, et quotquot numina campus habet.
Sed vos ante omnes nostris succedite tectis,
Thespiadum castæ, turba novena, Deæ.
Tempus adest votis; sacro intremuere Penates
Adventu, et sensi corde micante Deos.
Jamque, precor, taciti linguis animisque favete,
Nam fas est humili verba referre sono.
Dique, Deæque omnes, quibus est mea rura tueri
Cura, quibus placeo simplicitate meâ;
Quos ego jam posito revoco ad convivia libo,
Dum viget integris alma juventa rosis;
Vos facite, ut quotquot dederint mihi fila Sororum
Tempora, seu juveni, seu tribuenda seni,
Semper apud nostros lætetur Musa penates,
Sanctaque libertas, purpureusque pudor;
Ut circum modulentur aves, ut grandia pleni
Poma habeant rami, paschua semper oves.
Nec desint æstate umbrae, zephyrique nemusque,
Nec careat pleno bruma severa foco.
Nam mihi divitiæ, paupertasque improba sordent,
Vos date me parca simplicitate frui.
Mens sana, et sanum corpus: sint semper amici;
Quos inter vates adnumerare velim.

Exulet a tectis, aditus vel nesciat istos
Quicumque aurata struxit in urbe domum.
At famæ imprimis rumor exulet, impleat urbes,
Magnorumque canat magna tropœa ducum,
Fortia facta virum, casusque et nomina regum,
Aut populi tristi jura relapsa vice.
Quid juvat agrestem, quarum non indiget, arces
Noscere? me silvæ, me casa parva capit.
Sit nobis tantum curæ, quid proferat arvum,
Quod solvat partu fæta capella suo;
An soles, nimbive juvent, an fertilis annus,
Quærere; quo crescat vinea læta jugo;
Vel quibus incisa decerptos cortice ramos
Inserere arboribus, tempore quove, novos.
Area parva quidem laudi, sed maxima nobis,
Tuta quibus satis est munera habere deûm.
Sed quid ego invideam luxum, quid sceptra tyrannis?
Læta redit semper nox mihi, læta dies.
Nec timeo quo se vertat fortuna, nec amens
Tela puto jamjam per latus ire meum.
Hîc me nemo timet, vigili nec milite servor,
Janua, dum carpo somnia, nostra patet.
Quod vescor, nutrivit ager, quod vinea, poto,
Defluit arboribus mensa secunda meis.
Non mihi gestantur bis tinctæ murice lanæ,
Sed mea quam nigro tegmine portat ovis;
Vidi ego, quæ traherent de colo fila puellæ,
Atque inter cantus crescere noctis opus.
Aureis ille rotis, veste spectabilis aurea
Pervolet, ut circum quisque miretur opes;
Et plateæque, forumque tonent spumante quadriga,
Centum equitum currat post sua terga manus.

Nos, ubi libuerit, lenti spatiabimur umbra,
Neque meos gradus qui notet ullus erit.
Tytirus in pratis formosus obambulat ipsis,
Et mecum repetit, quos dedit ante, sonos;
Et modo Gessneri, modo dulcia carmina Quitæ
Ad ripam canimus prætereuntis aquæ.
Inspirant violæ, vocat aura, nemusque subire
Suadet, ubi ad cantus stat philomella suos.
Inde pedes quocumque ducent, sine lege vagamur,
Aut sedeo, aut dulcis lumina somnus habet.
Quid nimis? ergo agite, o divique, deæque colentum.
Neve preces referant ventus et aura meas.
Hic sinite optata labi mea tempora pace;
Me tegat ista, precor, terra beata pium.
Olim forte aliquis montana cacumina cernens,
Queis nostri quondam delituere lares,
Vos, dicet, valeatis, agri, quibus ossa poetæ
Maxima condit humus, nec lapis ullus habet.
Qualiacumque estis, vos jam, loca sacra, verebor,
Queis fas felicem condere posse virum.

VERSOS

Escriptos no Album de Miss Martin, na véspera de seo embarque para Londres, onde se-havia de demorar por alguns mezes.

Dos anjos, irmãos teos, o côro léve
Te-siga pela undosa immensidade;
E lá na patria e na tornada breve
Te não deixem soffrer mais que a saudade.

Não imprimiria este soneto, á conta do seo cruissimo desabrimento, principalmente agora, que tantos annos passaram ja, depois de absolvido pelo infortunio o objecto d'elle, se, no tempo em que temerariamente o-mostrei a poucos amigos, se não tivessem espalhado cópias d'elle pelas mãos de todos os liberaes. Não o-posso anniquilar: registo-o, para ao mesmo passo ficar registada a reprovação, que nunca deixarei de dar a similhantes abusos da exaggeração poetica.

AO USURPADOR

Nos dias da sua omnipotencia.

» ¡ A' vante! calca o povo lusitano.
» Pune-o da culpa de te-crer sincero.
» Sê benigno co'os máos, co'os bons severo:
» E o throno assenta no terror, no engano. »

» Nem vestigio sequer ja tens de humano:
» Em poucos dias excedeste a Nero.
» Filho algoz, vil Caim, perjuro, féro,
» ¡ Parabens! ¡ triumphaste, impio tyranno! »

O hymno das furias, seo hosannah, é este:
E se cabe o praser no abysmo eterno,
Monstro dos monstros, ¡ que praser lhe-déste!

Mas ha, mas vela um árbitro superno;
Se ao som dos ais da patria adormeceste,
Ao som do raio accordarás no Averno.

O SACRIFICIO A CAMÕES.

Advertencia.

O seguinte poemeto foi scismado em Lisboa, onde negocios urgentes me-trouxeram a furto do meo esconderijo na residencia parochial de S. Mamede da Castanheira do Vouga, quando a perseguição a liberaes, no reinado de D. Miguel, campeava mais accesa. O saudoso alto da freguezia das Chagas, onde tão bons dias de infancia e primeira mocidade havia passado, me-inspirou isto e muito mais, que não coube na escriptura. Eram tempos maos; e comtudo da noite até deshoras em que me-pasci n'estes pensamentos, parece-me que tambem agora estou sentindo saudades.

POEMETO.

Depois de tanta ausencia, eis-me sentado
Na conhecida pedra, em face ao templo
Que ri de longe ao marinheiro luso!
Aquellas são as árvores: ¡oh troncos,
Troncos da minha infancia! aquella a tôrre
Dos tão sonoros, tão contentes sinos!
Eis la em baixo o Tejo: cá se-ostenta
A chusma de apinhados edificios.
Alvejai para mim, como alvejaveis,
Edificios da patria; e tu fulgura
Sob a lua eminente, amigo Tejo.

¡Oh que formosa lua a de Ulysséa!
Esta sim, esta intende-me, conversa,
Tem coração, espirito, saudades,
Devaneia, suspira. Astro fagueiro,
Quem nos-mudou assim! vi-te oùtro tempo
Brilhar sôbre estes muros, como um lustre
De opulento festim: hoje assimelhas
Meditabunda luz sôbre sepulchros.
Então, apoz o dia afadigado
Me-hospedavas aqui, n'esta hora mesma,
Por baixo d'estas árvores festivas,
Com musicas e amor, com dansa e versos;
Inda hoje ca me-attrahes; mas solitario.
¡Eis o estio! o passeio vai deserto;
Os assentos são nús, e este ar é mudo.
Inda os nossos segredos se-confundem,
Astro gentil; mas quão diversos hoje!
N'esse commércio nosso antigamente
Tudo eram bens e jubilos; agora
Somos nós dous amigos, que se-abraçam
Para carpir sôbre commum desastre.
Lua, ¡não te-restar um só d'aquelles
Raios de tanto amor!... uma só aura,
Minha amiga, uma só, que em seo carinho
Me-enxugasse estas lagrimas teimosas!...
Embora: corram livres e abundantes
Desde as raises da alma, origem sua.
A minha alma está triste, egual á chamma,
Que arde encolhida e que palpíta a medo
Ao pé do moribundo em tardas horas;
As trevas invejosas mais de perto
A-investem cada-vez, fluctuam, crescem,

Vem, fogem, precipitam-se, triumpham
¡A alampada expirou! Taes se-me-apinham
Emtôrno da rasão medrosa e incerta,
Das desgraças da patria horrendas sombras.
¡Ah! se a rasão tambem lhes-succumbisse!
Fugir, com o coração rasgado e morto,
De lusos campos, que assolavam lusos;
Vir buscar um consôlo, onde cuidava
Que a polidez, o luxo, e os restos grandes
Da alta opulencia antiga encobririam
Os ais da dôr e a palidez da fome;
Vir buscar illusões dos bens na falta
¡E achar mais fundo horror!..que alma de ferro,
Tanto mal, sem tremer, contemplaria!
Por estas horas, um susurro alegre
Animava tudo isto. Eram torrentes
De esplendidos frisões, troantes coches,
Que abalavam as ruas inundadas
De mil vistosos, mil contentes ranchos.
Pelas francas janellas trasbordavam
Luz, voses, riso, canticos, ventura.
De povo estuavam fulgidos theatros.
¡Ah! penuria e terror mudaram tudo!
Os bailes e espectaculos trancados
Em muda noite dormem: não respiram
De uma só casa as voses da alegria;
Os laços sociaes se-espedaçaram,
O cidadão dos cidadãos se-esconde,
O homem entre homens solitario geme.
Tornou-se crime a voz e o pensamento,
O amor da patria reo, dever o opprobrio.
Nos profanados templos retumbaram

Os pregões de Baal; e em face ao Christo;
Seos ministros, impunes, premiados,
Mentem aos céos, á terra, á consciencia;
Vertem da lingua fel, blasphemia, embustes;
Como orvalho celeste imploram sangue;
E esquecido o evangelho e a charidade,
O odio, as vinganças, o alcorão voseiam,
Peja a innocencia os carceres; a hónra
Vai com ferros aos pés varrendo as ruas:
Os tribunaes só velam para a morte;
Nas praças aterradas não descançam
Os cadafalsos, as vorases pyras;
O algoz recebe dons, e escuta applausos;
E os argos do poder, sem fim, sem conto,
Espiam, colhem, levam de contínuo
Ao genio assolador materia nova.
Tal jaz este gigante das cidades,
Tal lhe-roe nas entranhas renascentes
Eterno abutre de implacavel fome.
¡Patria, patria, e nem ais se quer nos-deixam!
Cala-te, coração; não me-recordes
O tempo, em que toda esta Lusitania,
Era digna do sol que a-faz tão bella!..
Respiravamos n'ella uma harmonia
Da terra e céo, da naturesa e do homem.
¡Quem prevfu tal futuro! Assim folgava
Pompeia, e ja nas lavas do Vesuvio
Lhe-vinha a morte, a campa, o esquecimento.
¡Vedé o Tejo qual vai! é este o somno
De um monarcha em grilhões. Emfim cahiste
Com tuas cãs, imporio do universo.
De tanta glória, tanta vida e tanta,

Só dura uma lembrança dolorosa
Nos cantos do Camões. Se o patrio nome
Não tem de se-perder na culta Europa,
Nem de sumir-se pelo mar dos tempos,
E' que esta anchora o-agarra á eternidade.
Eis como envergonhando a patria ingrata
Se-vinga o Bardo heróe; votou-lhe em vida
A lyra, a espada, o amor; e inda não farto
Manda seo genio vigiar-lhe os louros.
¡Coubesse na alma grande outra vingança!
Que victima a-applacar-lhe a campa humilde
Um reino, todo, em lagrimas, em ferros!
Olha a torrente aurífera, que o Grande
Nomeava seo Tejo, e a cujos coros
Chamava todo amor: *Tagides minhas.*
Maldisei-me essas ondas, que arrojavam
Pela foz desabrida ao largo oceano
O heróe de amor e Marte, o cantor d'ambos.
Inda o-vejo, da pôpa debruçado,
Mandar saudoso aos tectos fugitivos
Um longo adeus sem voz, e nu d'esp'rança.
Da espuma o trote, o frémito da véla
Lhe-aperta o coração, cáem-lhe nas ondas
Lagrimas dignas de soldado luso.
Q antas almas sua alma abraça ao longe.
¡E nem uma talvez lhe-sente o affago!
La vai, soldado, e pobre, e desvalido,
La vai, e as curvas prayas apinhadas,
Ao desapparecer da extrema vela,
Dão glória aos cabos, o soldado omittem,
Que desvalido e pobre os-faz eternos.
Depois de ausencia longa, eis tórno a vel-o;

Ri, chora, applaude ao Tejo, e o Tejo é surdo.
Mutilado, indigente, obscuro e alegre
Beija este chão tão frio; off'rece á patria
A espada tincta, o braço, a tuba, a glória.
Do ninho seo paterno ao céo levanta
Pregão, que afora Elysia atrôa o mundo.
Cinge-lhe o louro vencedor dos tempos,
E recahe na penuria. E' esta a hora
Em que de um terreo lar, sem luz nem fogo,
Onde Camões, ¡Camões! dorme no feno,
Sabe esse Antonio, o Tito dos escravos,
O escravo da amisade, e ousa nas trevas
Um pedir, que injuría os céos e a terra...
ACCUDÍ A CAMÕES QUE EXPIRA A' FÓME.
Que lagrimas sublimes lhe-rebentam,
Quando uma ou outra mão, la d'hora em hora,
Passa e deixa cahir ceitil escasso
De seo senhor no capacete humilde!
Elle o-estende, mostrando-o repassado
De balas de infieis; nenhuma o-cinge
De tanta e tanta palma que seo dono
E colheu, e cantou. De rua em rua
Pede, invoca, enrouquece; a quantas portas
De damas, de senhores, ja famosos,
Do poeta no canto, e nos amores,
Não foi talvez bater; bater vãmente!
Dá meia noite, eis volve ao seo tugurio.
Quasi toda a cidade está dormindo;
O resto se-diverte; os dous se-abraçam:
Um chora, outro surri, ¿qual soffre menos?
—„ Antonio, inda ámanhã não morreremos „—
— « Senhor, a charidade é quasi surda,

" A vossa glória esteril; muito a custo
" Obtive apenas... isso.,, — " ¡ Meo Antonio!
" Que exemplos a futuros escriptores!
" ¡ Que pago! que laureis! mas não importa,
" Servi os meos, um tal serviço é premio.,, —
—"Não choreis,,—"Meo amigo, eu não me-chóro..,
" Mas tua dôr me-dóe; queira a fortuna
" Pagar-te os bens que me-ficou devendo:
" Eu ja me-afiz a tudo; a providencia
" Sabe que existo: os annos meos cansados
" Vão no fim; pouca vida exige pouco.
" Antonio, uma só mágoa me-accompanha;
" E' ter dado o meo estro, emquanto ardia,
" Aos ingratos e ingratas; e hoje velho,
" Além de um coração, não ter que dar-te.,, —
—,, Cantai os outros, (não lh'o-invejo) e amai-me.
" Se eu de affectos intendo, os vossos cantos
" Valiam menos do que o vosso affecto,, —
O poeta suspira; alguns momentos
Reina silencio fundo; o escravo o-rompe:
—" ¡ Bem sei eu onde agora vos-queria!,, —
—"¿Onde amigo?,,-"Eeu comvosco,,-Ah! la em cima
" Na patria que ama sempre e paga tudo,,
—"Não,,-"Pois onde?,,-,,Ah!Senhor, na minha terra,
" Terieis, como agora, o vosso escravo,
" E uma choupana vossa,, e umas palmeiras,
" Que vos dessem, de graça, os ricos fructos;
" Meo amor, e o dos meos, e a paz, e o ocio,,—
—" Enchuga as tuas lagrimas; não sonhes
" Mais penas para nós,, — " ¿Vêdes? apérto
" Todo o vosso thesouro entre dous dedos!,,—
—" Eis o pão,, — " Mas; só pão, nem se-quer vejo

"Com que dar-vós pápel,,—"Qu'importam versos? ,,
— " ¿Mas vosso mal? e um medico, e soccorros?
"Meo bom senhor, ouví-me, e por piedade,
"Não engeiteis, não engeitéis meo rôgo.
"Muito ha que esta lembrança, inda que triste,
"Me-affaga o coração; foi algum anjo
"Quem me-inspirou; sem duvida; cedei-me,
"E' meo primeiro, é meo extremo rogó...,, —
—"Porque não falas pois?! ergue-te, e fala!
"Tu soluças! eu tremo; acaba, amigo,,—
— "Vendei-me,, — exclama o servo em voz medrosa;
Pasma, emmudece, espera e assim prosegue:
—"Procurai-me um senhor que seja humano,
"Que me-permitta ás veses visitar-vos;
"E vendei-me, por deus!,,—"Cala-te...escuta..
"Uma voz a cantar na visinhança...
"Ouves?... são versos meos: oh! não te-agradam
"Aquelles tons suavissimos?,,—"Vendei-me;
"Eis meo primeiro, eis meo extremo rôgo—
—"Meo Antonio, ámanhã vende essa espada,
"Inutil carga das paredes nuas;
"Vende esse capacete, onde mendigas
"Um cobre que te-cança, e não nos salva:
"E depois.... o hospital. Ah! meo amigo,
"Quando este capacete me-cobria,
"Conteve quantá idea o mundo abrange,
"Mas, confesso, esta não,,— "¿Mas o meu rôgo?,, —
"Antonio, tambem tu!...,, —Como falavam,
Despontou a manhã. Camões lhe-entrega
O capacete e a espada; aponta a porta;
Vê-o sahir; segue-o co' a vista, e geme.

....

„ Adeus ninho da dôr „ exclama o triste,
„ E para nunca mais. „ ¡ Onde vai elle !
Sem guia, roto, e infermo, áquellas horas?
¡ Onde ha-de o pobre escravo ir procura-lo !
Onde, já lh'o elle ouviu ; no horrendo albergue
Que a pia charidade off'rece aos pobres.
Lá corre ; péde, exora ; introu, procura ;
Descobre... vê... abraça... e em longo abraço
Mixtura gôsto e pranto, amor e queixas.
Servo, infermeiro, confidente, amigo,
Multiplica-se em mil, cerca-o de extremos ;
Cumpre-lhe officios de familia e patria.
Morre Camões, mendigo entre mendigos,
Estranho aos seos, nos braços de um estranho,
Mas entre elles deu tudo ; aos seos ingratos
O coração, o ingenho, a vida, a glória :
Ao seo amigo a amarga liberdade,
Tarda fama, uns ceitis, e poucos livros.
  De tão impios avós proscripta raça,
O destino em miserrima hecatomba
A teos manes, Camões, nos-sacrifica.
A injuria foi-te aseda ; ah que a vingança
Te amargaria ao fel ! quem me hoje dera
Essa harpa lacrimosa, onde entoaste
Lamentos de Sião cahida em ferros,
Saudades de Israel em terra alheia !
Não ha canto no globo, onde bannido
Não chore um portuguez : aos ais d'essa harpa
Que de ais seriam echo em toda a terra !
Mas feliz seo desterro ! alta saudade
Lhes-queima o coração ; porém seos olhos
Não vêm da patria as longas agonias.

Nenhuma ferrea mão lhes-tapa a bocca,
Ninguem lhes-manda rir quando os-açoitam.
¡Oh meos amigos, que eu chorei partindo;
Ficai, pois que o destino assim piedoso
Vos-concede essa amarga desventura,
E não nos-invejeis. Se a providencia
Não marcou algum termo á nossa infâmia,
E se os cantos, que a medo e a furto exhalo,
Não têm por capitolio o cadafalso,
Talvez tardio abraço inda vos-leve.
Quem viver ousaria, onde olhos lynces
Profanam té o incognito das mentes!
Ah! meo ermo, saudoso presbyterio,
Quando será que eu veja os espaldares
De teos densos rosaes, teo tecto humilde,
O cedro hospitaleiro, as alvas pombas,
E as heras do portão e as cerejeiras,
Ornamento do adro hervoso e sancto!

EPITAPHIO.

Gravado no tumulo de um rico benefico.

Se és pobre, lê, chora e passa!
Meo coração já não bate
Ao aspecto da desgraça!

A DESERÇÃO GLORIOSA.

Explicação.

Os ossos do officio de poeta — disse o meo parente Tolentino — que era a pobresa. Não serei eu quem o-desminta; mas sempre digo, que ainda o officio tem mais ossos: — um d'elles é a forçada obrigação, em que a miudo nos-vemos, de intrar como terceiros em amores de outrem: verdade é, que esta prática tem decahido muito, depois que se-apagaram os ultimos vestigios do biôco e jalusias, dos serões no estrado e dos descantes á esquina; então as mulheres, semi-arabigas em seo viver, e em sua invisibilidade divinisadas pela imaginação dos homens, eram objecto de culto: — para ellas se-temperava, ao raio da lua, a viola, que logo sôbre o peito parecia repetir em voz alta os suspiros e gemidos, que por de traz o coração lhe-ensinava baixinho: para ellas se-distillavam dos melhores ingenhos aquelles perfumes, hoje rançados, a que chamavam então poesia, e que a dez leguas em redondo exhalavam misticidade: — é abrir o Camões em qualquer canção, ode ou sextina das suas, para louvar a deus por aquellas adorações idólatras tão de véras rendidas, que ainda hoje dão tentações de astomar ao pé da lettra: as mulheres, que elles requebravam, eram, se hemos de fiar-nos em todos esses evangelhos de namorados, uns entes tão outros das de hoje,

que até custa a perceber como aquillo tão aereo, tão espirito, e só cortejado de espiritos, e que de carne e osso tinha apenas *quantum satis*, uma fórma ou simulachro á imitação dos anjos antigos, póde chegar a produsir cousa alguma carnal, e muito menos esta raça, tão carnal e tão positiva, que hoje somos. — Os proprios nomes das mulheres pareciam ao senso intimo d'aquella gente ideal um genero de profanação, ou, quando menos, uma impropriedade repugnante: e, desde que se-tractava de render vassalagens extáticas, e métricas, ao que hoje chamariamos simplesmente uma Ignez, Catharina ou Maria, todas estas grosseiras confianças cessavam; e em logar da Ignez, Catharina ou Maria, surgia *arcadicamente* uma Natércia, uma Tirce, ou uma Isméne. — Era como se largando o nome-prósa da vida real, ellas tivessem despido o que tinham de terrestre; era uma apotheóse sem pyra, um portentoso *fiat nympha*: e depois, como se-cría devéras n'aquillo, o amor, que se-lhes-exprimisse, tinha necessidade de ser tambem, ou pelo menos de se-representar, ethèreo, expurgado de sensualidade e egoismo, e tal como um sylphe encarnado o-poderia tributar a uma sylphide. Ainda não tinha vindo Jorge Sand ao mundo: — cría-se em virtudes; até nas masculinas, quanto mais nas femininas; havia a cada canto Magriços e dose de Inglaterra, e havia ainda mais raras Phénix; havia, aos centos, Jacobs, que depois de septe annos suspirados em balde começavam de servir outros septe annos, disendo. — mais serviram, se não fôra para tão longo amor tão curta a vida.

Ora, como não era justo nem possivel que só os iniciados na linguagem poetica, fossem galanteadores de damas, seguia-se que os desfavorecidos das musas, para se-poderem mais depressa ou melhor insinuar, tinham de recorrer ao

prestimo sempre charidoso dos poetas, que assim se-viam forçados a sentir, amar e cantar por si e pelo proximo: — emprestavam como ricos mercadores o seo cabedal aos necessitados, que lá o-negociavam, como podiam, para seo interesse, e o-pagavam, se jámais o-pagavam, em dinheiro, em protecção, em esperanças ou em palavras, que era restituir na mesma moeda. Admittidas todas estas supposições, aliás verisimillimas, temos, *ipso facto*, absolvidos um grande numero de poetas, a quem a multiplicidade de nomes de damas em suas tróvas celebradas trasia, no tribunal da pública opinião, accusados de bandoleiros e galanteadores universaes: d'aqui em diante, sim: quando a posteridade encontrar em collecções de versos de um nosso contemporaneo mais de um nome de mulher, condemne embora a esse auctor por inconstante, porque em nossos dias já não é o mesmo: — a poesia já não é necessaria, porque esse culto das mulheres passou como todos os cultos: os versos, que amansavam féras, não amansam nem assanham a cousa alguma: o cálculo e a economia politica poz-nos o juiso no seo logar: somos positivos, e descobrímos que as mulheres não eram mais do que um elemento, para produsir annualmente uma addição nos mappas statisticos. Das especculações politicas e *financeiras*, ¿ como póde sobejar tempo e vontade para curar de femeas, como quando não havia mais nada que faser? o seo valor no mercado está baixissimo — *les rois s'en vont*, disse um philósopho; qualquer outro podia diser com mais verdade, *les femmes s'en vont*: mas não importa: os reis vem tornando, e as mulheres hão-de tornar tambem; e ambas estas soberanías, melhoradas do que foram, porque o mundo subindo e descendo lá vai sempre caminho da perfeição — pobresinhos dos que vieram a elle n'esta edade de transição, como lhe-chamam os philosophos: — que se-

consolem pensando em suas netas: só por isso é bom ter descendencia: quem n'a tem não morre todo; e quem todo não morre póde confortar-se com a esperança.

Mas voltando ao meu propósito, repito, que a poesia não é já visco para caçadas amorosas: passaria ate de ridiculo o querer deveras namorar em verso: sem embargo esta cantata foi ainda feita, como outras minhas composições, para servir de intérprete a sentimentos amorosos de outrem perante certa dama, em realidade muito amavel, muito digna de versos, e muito capaz de os-comprehender e sentir.

O namorado, que ainda a esse tempo, em 1829, não lhe-era mais que namorado (mas isso era-o devéras) víra cahir sobre muitos de seos parentes e amigos as furias da perseguição politica: — cheio do fogo da liberdade e dos seos vinte e dous annos, determinou desertar das bandeiras que em melhores dias havia jurado e a cuja sombra servíra sempre como official brioso, e ir junctar a sua espada ás invenciveis espadas da Ilha Terceira: o diser adeus para sempre á sua Lisboa era o menos; o mais e o tudo era o descobrir esta ousada resolução áquella cuja mão lhe-estava já dada irrevogavelmente: soccorreu-se aos meos versos e em tão abençoada hora lh'os-fiz para serem mensageiros e desculpadores da má-nova, que apenas, depois de entregues e lidos, se-tornaram a avistar, foi ella a primeira, que, devorando varonilmente as angústias de ambos, falou d'aquella partida como de cousa necessaria e urgente, dos aprestos para ella, dos mutuos lenitivos que já para a ausencia tinha phantasiado, e emfim do praser de se-tornarem a abraçar em dias mais felises, para nunca mais se-apartarem. Esses versos, que, pelo fructo, poderiam merecer o nome de bons, perderam-se não sei como: em vão, como a outros muitos, os-procurei n'estas

excavações. A cantata, que ora offereço, foi escripta alguns dias depois, para a hora precisamente do apartamento.

Os meos leitores folgariam de conhecer este par: não tenho licença para nomear-lh'o; o chrisma poetico de Lilia encobre um nome muito illustre e muito digno de sua dona. O desertor, que na campanha da liberdade se-extremou por gentilesas de armas, quaes eu nos meos versos as-tinha propheticamente historiado, retrahido hoje do serviço militar, desfructa, convertidos em realidade, os sonhos do seo amor; e ambos junctos são felises, pela felicidade e caricias de quatro filhos, todos gentis e esperançosos. Os laços, que os-uniam, não se-apertaram, que não podia ser, mas tornaram-se de flores: — agora caminham unanimes, e surrindo, para a velhice, que ainda está longe, sem temerem a morte nem a-desejarem.

CANTATA.

Ceos! ¿ não ouves a trombeta
Com que a augusta liberdade
Enche a equorea immensidade
De um rebate atroador?

Adeos, Lilia! eu não resisto
A tão nobre chamamento:
Já na véla ondeia o vento
Cáro á gloria, infesto a amor.

Com a nautica celeuma
Já vão surgindo as anchoras. Que instante!
Que amargoso dever! Ah! se em teo peito
Ardia chamma egual; se, como eu sinto,
Crescel-a sentes n'este adeus funesto;
Se ardes qual me eu devóro.....
Eu te-lamento, oh Lilia, e não me-chóro.
Pelos ceos, por piedade, amado incanto,
Cála esses gritos, esses ais modéra;
Não firas este seio que inda ha-pouco
Me-juraste ser meo. Basta de pranto;
Voltarei, voltarei, amado incanto.
Olha, aprende a alegria
D'aquelle marinheiro que, assentado
Sobre a anchora que ergueu, ledo assovia:
Já disse adeus á terra; aos seos amores
Talvez tambem; mas sem fraquesa incara
As duas solidões, oceano e ausencia.
Sermos nós menos firmes
Fôra vergonha, oh Lilia. Ah! considera
Que eu não fujo de ti; se á gloria corro
A gloria, em recompensa, ha-de apertar-nos
Estes laços de amor. Nossas cadeias
Eram de rosas só; verás quaes ficam
Mais seguras em dobro:
Como as ramas do louro as-fortificam!
Para alcançar-te, oh Lilia,
Quaes os titulos meos? thesouros raros
Têm preço não vulgar; e a naturesa
Duas Lilias não fez. Deixa que eu vôe
Onde o meo braço, os meos rivaes espante,
E das armas lhes-mostre ao ferreo brilho

Que da patria de heroes fui digno filho,
Que sou de Lilia não indigno amante.
Crê-me: eu mesmo por ti córar me-sinto,
E estremecer de horror, quando esses braços,
E esse peito me-apertam, quando beijas
Esta bocca de escravo, que mal ousa
Um ai sumido em quanto a patria morre.
Sim, de teos pés arranco um vil escravo,
Que atravez de um phantastico diadema
Só vía em torno luctos;
Mas em troca a teos pés, trarei, não tarde,
Um soldado que a espada te-apresente,
Forjada de grilhões, e accesa em sangue
De despotas brutaes: por entre a palma
Que espessa o-c'roará, n'aquella fronte
Bella co'a negra côr dos marcios fogos,
Bella co'as cicatrises,
Conhecerás.... exclamarão teos olhos
Primeiro do que a voz n'aquelle instante:
« Parabens, patria minha, eis meo amante! »
Ceos, ¡ nem mesmo este quadro
Mitiga a tua dôr! Com mais vehemencia
Me-apertas inda ao seio? em nova cópia
Já me-inundas de lagrimas? Ah! Lilia,
Eu sinto que a virtude me-vacilla.
¿ Que te-vou eu pedir.... mas firme peço!
Do seio o amor aparta,
Suspende o pranto, e dise-me que parta.

Dise que amor primeiro
Está que o mundo inteiro,
Mas que a virtude e a patria
Primeiro estão que amor.

Que cidadão se-nasce
Antes que a amar se-aprenda,
Que exiges por off'renda
A queda do oppressor.

Fraquesa, unica força de teo sexo,
Graças aos ceos! prohibe
Cristado capacete ás aureas tranças;
Já que a victória que em teos olhos brilha
Mavorcia c'rôa ás tuas mãos não péde,
Não serás patriotica amazona:
Mas sê vestal da sancta liberdade,
Nutre em meo coração seo fogo eterno,
Nem permittas que amor nol-o profane:
Virgem, formosa, ingenua,
Como as vestaes de Roma,
A sua fé, seo nobre exemplo tóma.
Crê, velando esta chamma alta e divina,
Vêr n'ella o dom maior do empyreo aos homens;
Que a salvação do estado a-pede accesa;
Que te-contempla o céo; pensa em ti mesma!
Ou velal-a, ou morrer na dôr, no opprobrio,
N'um sepulchro e co' a patria. ¿E que! suspiras?
Bem! triumpha a piedade!
Eis-te a vestal da sancta liberdade.
Lilia, outra vez, eu parto; é vinda a hora,
Abraça-me, eu te-perco. ¿Ouves os gritos
Que me-chamam da nau? ¿Voar não sentes
Em teos cabellos zephyro importuno?
¡Espera... Lilia... escuta!
O' céos, de tantas súpplicas, de tantas
Falas, ajustes, votos, mal guardados

Para o funesto adeus, emvão procuro
Na afanada memória algum vestigio.
Fica, supporta a vida: a mão que apérto,
Não por ultima vez, de ca sustente
Meo brio, meo ardor, minha constancia.
Em quanto os olhos meos verão só ondas,
Rochas, soldados, céo, dá que a miudo
Cópia dos sons que agora me-captivam,
Tuas lettras de amor, la vão gerar-me,
Como um celeste orvalho,
Na aridez da existencia algumas flores.
Escreve-me que vives, que a tua alma
Não mudou para mim: permitte ao pranto
Apagar livremente o que escreveres.
Meo coração, sem o menor estudo,
Saberá bem ler tudo,
Pranto, phrases, amor, patria, deveres.
Se o fado me-surri, minhas respostas
Serão sobre cadaveres escriptas
De vís escravos co' o damnado sangue.
Porque hemos de chorar? o dia inteiro
Me-verá sentinella, ou combatente
Na praya, ou nos fragosos baluartes;
De noite um somno breve, e Lilia em sonhos
Me-enganarão a ausencia.
Antes de adormecer, já reclinado
Nas orvalhadas rôchas,
Ante a lua prateando as vagas êrmas,
Cá virá meo espirito invisivel
Ver-te, abraçar-te, ouvir-te; ah, não duvides,
Em tudo, ó Lilia, me-haverás presente.
A luctuosa côr de teos vestidos

Vêl-a-hei, verei tranças desatadas
Sem adorno adornadas.
Os dedos distrahidos
Verei correr no quérulo piano,
Ora ensaiando penas,
Ora em sumido som da glória os hymnos:
Ouvir-te-hei, quando lendo, ou já Lucrecia,
Ou Virginia, ou Cornelia, alimentares
Em tua alma romana eguaes virtudes.
Pois que é meo, dirás tu, romano o-quero,
Bruto, Virginio, ou Graccho.
Sim, já te-escuto, e taes serão teos votos,
Votos que hei-de cumprir, por Lilia o-juro!
Pela patria, a rival que a Lilia vence,
Por este não venal, sagrado ferro,
E pelo rei dos reis que nos-fez livres!
Já me-sinto no seio alvorotado
Um não sei que divino; esta alma cresce
Ante o aspecto do p'rigo, alto presságio
Do favor do destino: eu vejo as ondas
Livres e furiosas
Exultando, ao troar das nossas ballas,
Jogando com desprêso os lenhos rotos,
Os mastros incendidos,
E os infames cadaveres sem campa
D'esses tigres estupidos, só tigres
Com quem lhes-quebra os ferros.
Vejo nas crespas fragas estalando
Seos peitos deslqaes, e a liberdade
No penhascoso solio ensanguentado
Cingir eterno louro,
E apontar-nos o Téjo. Ai do Jugurtha

Quando, rasgada a púrpura, chorando
Thesouros com que a fé comprar suppunha
De senados crueis, desamparado
De uma affricana abjecta soldadesca,
Do solio que usurpou, descer aos ferros
Da triumphal carroça; e desditoso,
Sem obter uma lagrima, e devido
Victima ao ceo e á terra, intrar raivando
No carcere e em si mesmo.
Então, e só então, livres e ovantes,
Acharei a ventura entre os teos braços:
Não cabem com grilhões de amor os laços,
Nos livres é virtude o ser amantes.
O hymeneo, cuja imagem deleitosa
Nos-sorriu tanto e tanto, ha-de vir tempo
Em que seja um dever, como hoje é crime.
Por elle á naturesa pagaremos
O fôro universal; daremos, Lilia,
A' patria cidadãos, em quanto agora,
Só de pensal-o tremo, o bem mais doce,
Outro eu, outra Lilia que pendesse
Ao teo seio de mãe, sería de ambos
Contínua reprehensão, contínuo susto.
¡Ir arrancar do nada, ir dar co' a vida
Servidão, infortunio, opprobrio a entes
Que devemos amar! Ah se é terrivel
Matar seo filho ao limiar da vida,
Para uma alma sensivel
Esse crime, a par d'este, attrahe, convida.
Deus! la troa o canhão: valor, constancia!
E' sinal de partir! Ultimo beijo,
Ultimo e parto. Evita a praya; foge;

Não me-exponhas á misera ventura
De ficar ao teo lado;
Esquece o amante, e pensa no soldado.

Soffre a vida, ou volte ou morra:
Ver-me-has teo, se-tórno avante;
Se morrer, soffre outro amante
Que nos-haja de vingar.

Póde amor, e não a patria
Dispensar na lealdade:
Mas se a amor só tens piedade
E' seo ultimo rogar.

DEFENSA DE UM INCONSTANTE.

Advertencia.

Depois de um leal, veiu um inconstante procurar a minha musa para terceira, em seos amores: era apertado o caso; tinha sido colhido em flagrante infidelidade mais de uma vez pela sua amada, e não havia modo para a-convencer de que não tinha visto o que tinha visto: quando se não póde negar o crime — diz Quintiliano — que não fica mais arbitrio ao patrono senão defender ou transferir a competencia do tribunal: — transferir a competencia do tribunal era impossivel, sem embargo de que a juisa era

a propria parte offendida: restava-me só o defender; — defendí, como se-verá nos versos, com as melhores rasões de rábula, que me-accudiram. O êxito do meu arrasoado passou ainda muito para além da nossa espectativa; as explicações justificativas, que eu dei de cada um dos crimes allegados e provados contra o meo cliente; quadraram tanto á julgadora que não só absolveu o réo, mas passado um mez tinha imitado passo a passo o comportamento d'elle, e ido muito para diante.

CANÇONETA.

Desterra teos vãos ciumes,
Festejo a quantas são bellas;
Mas sempre a rainha d'ellas
E's tu, Armania cruel.

De teo semblante as lindesas
Adoro n'outros semblantes:
São meos passos inconstantes,
E' meo coração fiel.

Não t'o-nego, com Armia
Falo ás veses em segredo;
Não t'o-nego, este arvoredo
Viu-me com Lilia brincar:

Porém com Lilia só brinco,
Por ter nos brincos teos modos;
De Armia os segredos todos
Os teos me-fazem lembrar.

Furtei, (confesso, e tu viste)
Dous beijos, ou tres a Estélla;
Gabavam-me os beijos d'ella,
Quiz ver, se eram como os teos.

Toquei no seio de Tirse
De rosa uns botões fechados;
Tu és bella em teos enfados,
Quiz ver, como era nos seos.

Se a Ismene pedi cabello,
Foi só, por tambem ser louro;
Fui rico do teo thesouro,
Sem o-obter da tua mão.

Amo em Gertruria o teo riso;
Amo os teos olhos em Jonia;
Préso nas cartas de Aonia
Tua escripta, e discripção.

Um só coração me-coube,
E tu és a flôr das bellas!
Nem mesmo entre os braços d'ellas
Te-fôra infiel jamais.

Por distracção tenho ás outras
Veses mil teo nome dado,
E até hoje inda a teo lado
Não tive enganos eguaes!

Meo pensamento amoroso
E' qual Favonio entre as flores,
Que a mil susurrando amores,
Elege a rosa entre mil;

Por todo um jardim vagueia,
Mas guarda a affeição saudosa;
Passa, e lembra-nos da rosa,
Da rosa ingenua, e gentil.

Quanto mais julgas, ingrata,
Perder a tua conquista,
Tanto mais se-augmenta a lista
Dos teos triumphos sem par.

¡De meo coração te-queixas
Serem sem conto as rainhas!
São escravas, que não tinhas,
Que vão teo carro puchar.

Dez Annalias te-abandono,
Jonias duas, seis Themires,
E apoz estas, quantas vires
De semblante encantador.

Armania, sôbre aureas rodas,
Por tuas rivaes tirada,
Sóbe, de myrto c'roada,
Ao capitolio de amor!

Lá, sôbre as aras do nume,
Jura um premio aos meos ardores.
Quanto amará teos favores,
Quem tanto os desdens te-amou!

Depois, soffre, que ame sempre
Em teo sexo a todos grato,
Os pedaços de um retrato,
Que a naturesa quebrou.

A

JOÃO JORGE DE OLIVEIRA E LIMA.

Explicação.

O inverno, de que todos ainda estão lembrados, o furioso e pertinacissimo inverno de 1829, teve para mim quinze dias inteiramente formosissimos.

Tinha eu feito em Coimbra conhecimento, que logo semelhorou em amisade muito estreita, com o sr. João Jorge de Oliveira e Lima, conego de S. João Evangelista, e no collegio dos Loyos d'aquella cidade lente, a esse tempo, de theologia moral. Era moço, versado nas boas-lettras, prendado com mil talentos para agradar, e franco liberal, como toda a sua familia, á excepção de seo tio, o afamado prégador no Porto, fr. José de Lima.

A attracção mutua, que sempre chega a reunir os con-

frades da mesma parcialidade politica, e muito mais quando essa anda debaixo, foi a que primeiro me-deparou o bom encontro; o restante viéram a fasel-o no tracto, a benignidade da sua condição communicativa e o meo gôsto. A poucos dias andados, conheciamo-nos de toda a vida, e para toda a vida nos-amavamos.

Era por desembro: tinha eu de me-tornar para a residencia de S. Mamede da Castanheira do Vouga, meo abrigo serrano e silvestre, *mea regna* como pela sua choupana disia o pastor de Virgilio, meo paraiso n'esses annos tristes, e hoje minhas tristissimas saudades. S. *Mamede*, assentado nas faldas da serra do *Caramulo*, e apartado septe léguas de Coimbra, é convisinho da estrada, que de Coimbra leva ao Porto. Lá tinha por essa occasião de se-ir o meo amigo; aproveitou o lanço para vir conhecer a silvestre magestade e naturaes formosuras do meo retiro. O temporal, com que já nos-pusemos a caminho e que por todo elle nos não largou, fomos achal-o na serra ainda mais indómito; cada regato era uma torrente; cada recôncavo uma lagôa; as árvores mais corpolentas vinham-se abaixo escachadas com o vento; as loisas e côlmos dos telhados aldeões descompunham-se e voavam; os gados curtiam fomes, os homens receios e terrores ácerca das futuras novidades. Era uma consternada estação: emendou-a deus depois, que esse condão tem, já ha muito tempo, esta sua máchina chamada naturesa: os tristes prognósticos dos lavradores quasi sempre sahem baldos. Então porém era brava e feia a serrania: ¿ que mais era preciso para ser deliciosa por dentro a casa com a amisade, a abundancia, bons livros, um piano soffrivel e uma fogueira de cepo e urzes, cercada todo o serão até á noite velha de fiandeiras, histórias e cantigas? Assim se-nos escoaram como um sonho, quinze dias sem sol nem sauda-

des d'elle: então, quando a tempestade parou para recobrar forças e recomeçar assolações, o nosso hospede se-despediu, levando em troca do coração, que nos-deixava, os de todos nós, e seguiu jornada para sua casa, onde sei que os dias do incantamento da serra foram depois muitas veses recordados.

Logo que a tardia primavera voltou, e os caminhos se-foram deixando transitar, recebo, com um presente de vinho do duque, muito velho e muito generoso, uma carta do nosso amigo, amavel e graciosa como elle, e na qual me-enviava um beijo de cada uma de suas irmãs.

Se jamais houve caso para versos era-o este, quanto a mim. Quaes sahiram desambiciosos, por entre o florir das roseiras e limoeiros que vestiam a minha livraria, e que ainda lá estarão para outrem, taes os-mostro ao público: não servindo este preâmbulo para mais do que para lhes-carear indulgencia; se já por ventura n'elle mesmo, que todo versa sôbre cousas de minha vida íntima, não vai aggravo de culpa com culpa nova. Mas quem sabe (e sabem-n'o todos) o-quanto se-amam memórias, que já contam quinze annos, e divinisadas pela amisade, levar-me-ha á boa mente assim os versos como a prosa; sôbretudo sabendo, que este amigo, e o melhor de todos, que eu nunca tive, o pastor d'aquelle ermosinho de S. Mamede, o dono d'aquella residencia, meo irmão, já ambos fiseram a jornada, d'onde se não torna, e me-esperam para onde infallivelmente havemos de ir.

CARTA.

S. Mamede da Castanheira
do Vouga, maio de 1829.

No fim dos insulsos meses
Das tão praguejadas chuvas,
Quando ja ninguem contava
Com mais pão, aseite, ou uvas;

Quando as terras eram calda,
E as casas montes de lama,
Nem os campónios sahiam
Do lume, nem eu da cama;

Quando ja todos resavam,
E um compadre me-disia
Que tractasse eu da minh'alma,
Que o mundo se-derretia;

De repente vira a grimpa,
Raia o sol, fervem festejos,
E do norte aqui nos-voam
Vento e musa, e vinho, e beijos.

Não foi mais o pasmo e o gôsto
Na face lisa e vermelha
De Noé, findo o diluvio,
Ao ver o *arco da velha.*

Qual do cavallo de Troya
Se-começou a descer
Longa fila de valentes,
Que puseram tudo a arder,

Taes da prenhe enorme caixa,
Apenas se-abriu em casa,
Os bravos frascos sahindo
Puzeram todos em brasa.

Quanto perdeste em não ver
Este alvoroço geral!
Ha muito tempo que tanto
Se não ria em Portugal.

Dançavam velhos e moças,
Dançavam moços e velhas;
Um andava ás cambalhotas,
Outro guiava as orelhas:

Muitos berravam saúdes,
A quem tanto bem mandou,
Um entoava o *Te Deum*,
E eu cantava o *Rei-chegou*.

Um capitão reformado,
Que na passada campanha
Foi tambem provar á França....
Do Bordeus e do Champanha;

Que hoje digere á vontade,
Sem banda nem boldrié,
E que tem voto por quatro
Em vinho verde e água-pé,

Decidiu, que nas tabernas
Francesas nem hispanholas
Nunca um Baccho se-topara
Que d'este chegasse ás solas.

O bom cura enthusiasmado
Lhe-disia = tem rasão! =
Vinho egual só o dos cachos
Da *Terra da Promissão.*

Assim uns depois dos outros
Foram louvando os teos frascos,
Quando o siso afogueado
Introu a assentar nos cascos.

Eu tambem, que tinha ouvido,
Que todo o vinho criado
Lá n'essas terras do norte
Era vinho de enforcado,

De Orfeo desejei a lyra
Para chamar taes carvalhos
Para o logar d'estes nossos,
Que dam zurrapa e bogalhos.

Esses produsem delicias,
Praseres, versos, risadas;
Estes por cá geram moscas,
E moscas de chuço armadas.

Mas cuidas que eu, tendo a lyra
De aureas cordas feiticeiras,
Me-contentava em roubar-te
Os carvalhos e as videiras?

¡E as meninas! cujos beijos
A tua carta me-traz!
Beijos mais fortes que o vinho,
Pois tiram o siso e a paz!

¡E tu mesmo! Sim, tu mesmo
Em guarda do côro lindo
Ou com vontade ou sem ella
Cá virias rebolindo.

Depois, para segurar-vos,
E evitar a deserção,
Traria ao som de sonatas
O que falta á solidão,

O Luxemburgo e Versailles,
Aureos theatros de França,
Os passeios de Cithera,
Modistas, jornaes de dansa,

Dez cosinheiros da Italia,
Leves carrinhos ingleses,
E o teo tio padre mestre,
Para teo debique ás veses.

Mas essa lyra perdeu-se
Como as varas de condão,
Não ha senão o teo vinho,
Quem me-enfeite a solidão.

E pois não posso obrigar-te,
Ao menos pedir-te posso,
Que não faltes á palavra,
E voltes ao êrmo nosso.

Vem ver amigos saudosos,
Vem um destêrro alegrar,
Prova-nos ser digno filho
Dos *bons homens de Villar.*

Quando o enlameado octubro,
Terror dos collegiaes,
Te-chame ao throno de pinho
Das *questões* e das *morães*,

Dá uma saltada aos montes;
Vem vêr o urso poeta;
Esquece uns dias que és loyo,
Para ser anachoreta;

Mas não temas ver o mesmo,
Que achaste da outra vez,
Que agora cá estão as fadas
De cabecinhas de pês:

Alcina e Armida creavam
Uns Elysios de improviso;
Estas alcinas de vidro
Fasem d'isto um paraiso.

Fasem ver jardins nos matos,
Andar as casas aos pulos,
E dançar por esses ares
Os bosques e os Caramulos.

Então, apesar da murça,
E académico diploma,
Renovaremos na Beira
Os *jogos floraes* de Roma.

Se tudo isto não bastasse
Para vencer a aversão;
Que sem dúvida te-inspira
Tão agreste solidão,

Dir-te-hia, que, pois quiseste
Ser *meo padre director*,
Não deves abandonar-me
No meo apêrto maior.

Trago escrúpulos terriveis,
Mas cuja causa tu déste,
Ja co'a carta tentadora,
Ja co'o teo nectar celeste:

O nectar, bebo-o com gôsto,
E gôsto particular;
E creio que ha moralistas
Que a isto chamam peccar;

A carta, co' os negros beijos,
Me-inspira soberba e mais....
Emfim por ti tenho ao menos
Dous dos peccados mortáes.

Sim; tenho soberba, e gula,
Mas deus, que vê meos transportes,
Bem vê que se elles são grandes
Tambem as rasões são fortes.

Vem pois, meo Lima, não tardes
A acalmar-me a consciencia
Co'os textos da irmã da minha,
A tua immortal sciencia. (1)

No entanto irei proseguindo
Nas minhas iniquidades,
Bebendo o duque, e adorando
Desconhecidas deidades.

Com c'roa de parra e murta,
Duplicado immolador,
Irei matando o meo tempo
Em honra de Baccho e Amor.

Mas, a propósito, amigo;
Sabes tu que a minha sina
Só me-dá ter dulcinéas,
E é cousa que me-amofina!

Emquanto tu de osso e carne
As-achas de todo o lote,
Eu por aereas princesas
Me-abraso, novo Quixote.

Ceos! d'estas novas senhoras,
A quem dedico os meos ais,
Nem sei os nomes, nem mesmo
Se são duas, tres, ou mais.

Mas súiam quantas sahirem,
Sou de todas cavalleiro,
Coube-me o genio de Ovidio,
Posso amar o mundo inteiro.

Mafoma é falso propheta,
Mas conhece os corações;
Viu que a ternura de um homem
Póde abranger multidões.

Se o que dava harems na terra
E huris nos céos aos fieis
Não fisesse em lombo e vinho
Dous interdictos crueis;

Dobrado imperio por elle
Ganhára o infernal careca;
Mais peregrinos iriam
Ver o tumulo da Méca.

Tu, mais benigno, dás vinho,
Que faz a gente feliz,
E concedes mesmo em vida
Celestes beijos de huris.

Ora pois; nunca as mãos doam
A quem faz tal uso d'ellas,
D'hoje a um anno egual remessa,
E egual mensagem das bellas.

NOTAS.

(1) A sua, Theologia: a minha, Canones.

EPIGRAMMAS.

I.

Amigo, estou tão poeta,
Que em versos consumo o dia,
Tomára achar um remedio
Que me-curasse a mania.

Se queres gelar o estro
Isso está na tua mão,
Lê as odes do Filinto,
E os sonetos do Garção.

II.

Brevemente sahe á luz,
Obra de um genio distincto,
Uma versão portuguesa
D'opera omnia de Filinto.

III.

Amigo, tive esta noite
Negro, horrivel pesadelo;
Ainda ao lembrar-me d'elle
Se-me-arripia o cabello.

Deus te-livre, e livre a todos
De sentir o que inda sinto:
Pois não sonhei que me-liam
Tres páginas do Filinto?

O SEO A SEO DONO.

Apostára eu que, entre os que houverem lido os decepados epigrammas, que ahi ficam, uns os-darão por desacato litterario, outros por documento de leviandade, visto como ja muitas veses, pela minha parte de portuguez, tenho dado tributo de agradecido louvor a *Filinto Elysio.* Ora como eu com todos me-quero bem, reléva que, em poucas palavras, lhes-dê satisfacção, e accuda por meo crédito; direi, antes de tudo, que não tenho, (nem invéjo aos que a-têm) presumpção de immutavel nos juisos; — se de alguma cousa se-houvesse ella de ter, seria antes, quanto a mim, de possuir um ânimo flexivel, prestes sempre para receber e pesar as alheias rasões, e sempre disposto a, por ellas, ora rectificar ora ratificar as suas.

Não conheço auctor, dos que, em differentes e apartados prasos de minha vida, tenho relido, que me não parecesse de cada vez mais ou menos diverso; e isto, que me-tem accontecido, não sou hoje tão vaidoso, que me-persuada que nunca mais me-haverá de accontecer.

Quando estes chascos trovei, não se-me-figurava o cabedal de *Filinto,* senão uma especie de cáhos, intermeado de algumas particulas luminosas: nenhuma verdadeira creação; affectos poucos e tibios; pensamentos vulgares ou falsos; gôsto bastardo ou muito incerto; saber insufficiente; estylo inculto, desegual; linguagem de

furta-côres, escura, affectada, dissaborosa, inadmissivel.

E esta derradeira clausula do meo arbitrio, a tocante á linguagem, foi a que eu expressei, haverá vinte annos, nos epigrammas, que por nenhuma outra rasão estampei agora senão para, pública e solemnemente, os-renegar diante de quem quer que os-houvesse conhecido; porque, revocados ao meo tribunal, *Filinto* e eu, para se-examinar a sentença ja dada sôbre a linguagem, achei que devia elle de sahir absolto e glorioso, e eu condemnado nas custas, que assim lhe-estou pagando com a minha vergonha.

Os senões, que eu vi, e muitos verão ainda na linguagem de *Filinto*, não eram d'ella: nem eram, pareciam-n'o; — e pareciam-n'o porque se-olhavam de má parte, com máos olhos. *Filinto* é intelligivel, mas não são, nem querem ser, intelligentes os que o-lêm. Atiramos para elle o peccado que é nosso; — é achaque velho no mundo, já se não cura. Mas a verdade é que, só por só, nenhum escriptor de nossa lingua fez por ella tão momentosos serviços; nem talvez todos junctos contribuiram mais para a-salvar nos affrontosos transes em que a França de nossos dias a-traz mettida.

Foi elle o primeiro que levantou voz pelo seo Portugal; elle o alferes que arvorou o estandarte; elle o capitão, e por muito tempo elle tambem e só elle, todo o pé de exército d'esta sagrada reconquista.

Demasiou-se, disem os hypercríticos e disse-o eu ja; demasiou-se no uso das antigualhas — ¡Que muito! o excesso dos francelhos desafiou o seo de portuguez de lei: esta defensa lhe-bastára, mas tem outras. Para nos-envergonhar de mendigarmos em nome de uma lingua rica a outras menos ricas, cabia e importava mostrar, mas que fôsse com alardo, até que ponto ella o-era; a cada

vocabulo enxacóco ou phrase chilra, substituir, ás dusias, vocabulos e phrases equivalentes, deitados para a banda pela incuria desleixada ou pela moda; e, a poder de perseverança, fasel-os conhecidos e intendidos: conseguido o que, certo ficava o tornarem para logo á circulação, como veiu a accontecer. — Que de mumias do diccionario não andam ahi hoje, redivivas, lustrosas de segunda mocidade, mettidas em boa roda, e em toda a parte bem-vindas e bem acceitas! Os proprios tarelos, que chasquearam o desinterrador, e houveram a riso o seo empenho, galanteiam-n'as hoje; e com duas ou tres d'ellas, que chegam a empregar, ja se-dão por mui primos e cabaes na patria fala: e assim vai pouco a pouco, por entre o escarcéo e vagalhão da imprensa tradusideira, navegando por seo rumo, sem descahir muito, a vernaculidade, que algum dia nos-será restituida, com toda a possivel opulencia antiga, e com os haveres novos que as necessidades lhe-hão trasido e lhe-hão-de ainda traser comsigo.

Tudo isto a *Filinto* se-deve originariamente; o que, juncto com a recreação e desinfadamento, que de sua leitura recebemos, ja desconta davantagem a tal ou qual escuridade em que os ignorantes ou superficiaes vão, a princípio, tropeçando a cada página.

—•—

AO

USURPADOR EX-INFANTE

Miguel Maria do Patrocinio,

NA SUA SAHIDA DE PORTUGAL.

Advertencia.

O elequente oraculo dos estoicos, Seneca dá (se a ponto me-accode a memória, no seo livro da *Ira*), uma perigrina receita para nos-precavermos contra os accessos da cólera; receita, que depois o Metastasio acconselhou á sua Chloris, sem lhe-diser cuja era. O bom do Metastasio, sendo tão abastado, cahia muitas veses n'isso, — furtava sem se-sentir: —

Placati, o pastorella;
Ritorna a farti bella. Ah non sai come
Ti sfigura quell'ira. A me nol credi?
Specchiati in questa fonte. E ver? T'inganno?
Riconoscer ti puoi? Quel fosco ciglio,
Quella rugosa fronte
Quell' aria di fierezza.
Non scema per metá la tua bellezza?

O peior é, que nenhum enraivecido tem lembrança, paciencia, nem tempo, para se-pôr a estudar, no espelho de Seneca ou na fonte de Metastasio, a fealdade, com que a paixão lhe-transtorna o semblante. Se a água e o crystal conservassem aquelle aspecto para o-mostrarem a seo dono, depois de parado o delirio!..... mas esquecem-n'o com a mesma pressa, com que um lisongeiro se-transfórma.

De um só espelho sei eu, que se uma vez se-embebeu da physionomia de um homem em qualquer lance, nunca mais a-demitte: este espelho é a imprensa. Espelho abençoado e maldicto ao mesmo tempo; que não só nos-mostra a nós, mas nos-assoalha aos outros; que nos não retrata uma vez, senão milhares de veses; que não ressurte o retrato só para o perto, mas para todo o mundo e para todos os tempos — ¡ Cuidado! cuidado com elle! os que ainda lhe não chegastes ao pé! — estudae-vos, fasei-vos bellos e amaveis antes de a elle vos-apresentardes; que vos não descubra, nem por sombras quaes depois vos-pesaria de terdes sido. — Falo-vos, como amigo e experimentado; e experimentado por muitas veses; que daria eu hoje muito por quebrar não pequenos pedaços d'este meo espèlho, que me-segue e ha-de seguir sempre; como um trasgo escarneador, contra o qual não valem esconjuros nem águas bentas. Aleijões poeticos, aleijões philosophicos, aleijões moráes, aleijões politicos, tudo, este maligno daguerreó-typo da alma reteve para m'o-andar mettendo á cara, nas horas (que, sem elle, seriam de ouro) em que diante de mim me-assento a conversar-mos sem testimunhas. Dos aleijões litterarios e poeticos me-rio eu, que tenho a vaidade de a não ter em cousas taes. Dos politicos tambem me-rirei, que ja vi muita politica, e ja sei pouco mais ou menos o como as

cousas correm n'aquelle jôgo de brincadeira; mas dos moraes e dos philosophicos...... ¡não póde ser! já li Jorge Sand e não aprendi a rir d'elles. — ¡E são muitos, de mais a mais! Bem sei que não corre grande perígo, de ser apedrejado, que mal haveria quem atirasse a primeira pedra; — mas emfim isso não faz nada; elles sempre la estão, e por mais que eu arréde os olhos, bem os-enxérgo. ¡Pois que estejam e que fiquem nas más horas! Ao menos, hei-de vingar-me bem vingado, em lhes-dar váias á falta de *vade retro*, todas as veses que me-surgirem.

Tinham rasão Seneca e Metastasio. O espelho do homem infurecido representa uma hedionda figura, só bella para estudos moraes.

N'esta epístola a D. Miguel, vejo retratada uma hora diabolica, não do meo coração, que nunca esse (com a mão sôbre a consciencia o-digo,) quiz mal devéras a ninguem, mas do meo espirito, *genus irritabile*. D. Miguel acabava de cahir do throno: devèra de ter sido esse o dia da indulgencia plenaria: o raio, que derrete um sceptro dentro na dextra, que, havia annos, o-apertava, e uma corôa sôbre uma cabeça, que nunca pensou em perdel-a, e que fica viva, é um tão espantoso executor da divina justiça, que, depois d'elle, ja aos odios humanos não deve ficar mais nada que faser: mas os dous principes cahidos, o de Portugal e o de Hispanha, D. Miguel, e D. Carlos, cría-se então que a Inglaterra os-levantava do pó, encastoados em ouro e brilhantes, para os-levar e guardal-os no seo peito, como dous punhaes de reserva e de boa têmpera. Infortunios longos nos-haviam feito desconfiados: accreditámos n'isso; bramiu-se; houve até, e muito, quem blasphemasse da generosidade do vencedor, que no seo festim se não embriagava com o sangue

do vencido. Eu atirei imprecações contra a pôppa, que levava das nossas prayas um desgraçado para um destêrro de toda a vida. A minha desculpa, ante mim, é só esta, — que n'essa hora ainda as cabeças dos padecentes se não tinham começado a desfigurar no patibulo: ainda grande parte de minha familia andava foragida: ainda do campo da batalha se não tinham atirado os ultimos cadaveres para a valla, e os ultimos centenares de feridos para os hospitaes de sangue.

Não são desculpas, são simplesmente explicações.

Se um povo fosse como um pobre auctor; se elle podesse mirar tambem n'um espelho o seo immenso vulto, e presencear, depois de reserenado, a figura que representou no seo delirio; o enthusiasmo, com que espesinhei o cahido, com o exemplo de um povo se-poderia auctorisar.

Estes versos, dardejados todos n'uma noite, e, porque assim o-digamos, de um jacto, e logo impressos, foram tres veses reimpressos no decurso de onze dias.

EPISTOLA.

Promisi ultorem; et verbis odia aspera movi.
Virg. Æn. L. 2.

Em hora má do pôrto desaferres,
O' principe das trevas, cujo nome

E' do bardo fiel defeso á lyra.
Em tres vezes má hora a prôa infanda
Commetta o mar co'as furias por nereidas,
Por galerno os tufões, e ao leme.... a parca.
Possa a brisa da terra aos teos ouvidos
Só levar ais dos teos, e vivas nossos!
Possas tu não sentir nas asas d'ellas
Mais que orvalho de lagrimas, que nutra
Na aridez de tua alma agros abrolhos.
  Vomitára-te o oceano em nossas prayas,
Monstro devorador; leve-te o oceano.
Cumpriste o encargo teo; jaz nua a terra,
Sangue os rios, ruinas as cidades.
  O' mar, a cujas brenhas o ímpio affoita
A vida, n'este sólo mal segura;
O' mar, que em tua infancia devoraste,
Por criminosa, a geração dos homens;
Que profundo, que indomito, que immenso,
E's emblema e pregão de liberdade,
Estampado por deus na face do orbe,
Ahi tens o usurpador e o parricida,
O réo mais negro, o mais feroz tyranno....
¿Que farás d'elle? E se astros vingadores
Te-vedam subvertel-o ao céo que infama,
¿Onde irás tu depol-o? ¿Em que rochedos
De listrigões ou cyclopes? em que antros
De ursos ou de dragões, seos dignos socios?
Antro ou rocha haverá que não se-afundem
¿Se a praguejada quilha ousar tocar-lhes?
  No Atlantico, e bem longe, entre dous mundos
Lá estão de Sancta Helena eternas rochas,
Onde do grão proscripto inda hoje os manes

Mixturam seo gemer aos sons das vagas.....
Não: — das vagas rainha abominosa,
Refalsada Albion, alli sepulta
Da omnipotencia o filho, o novo Atlante
Sustedor do universo; alli concentra
N'um ponto só toda a grandesa humana;
Mas quer, nos muros seos, que chama livres,
Agasalhar os despotas do mundo,
Sacudidos do solio horrorisado!
Lysia te-arroja do rasgado seio,
C'roado, imberbe algoz; mas (não desmaies);
Vais opulento; Albion, a prostituta,
A prostituta vil, te-alonga os braços. (1)
¡Que mendigo quisera esses thesouros
Co' um'hora d'essa vida ¡ou que alma inglesa,
Inglesa mesmo, acceitaria o pacto!
Vellarás entre cofres, que atulhaste
De lagrimas e sangue; em montes de ouro
Revolverás teos somnos transparentes;
Pernoitarás armado; a cada instante
Ullularás no horror das trevas mudas,
Vendo espectros de velhos, de meninos,
De mulheres, de heroes, e a régia sombra
Do piedoso, em quem pae não conheceste.
« ¡Nós te-esperamos» clamarão feroses,
« Nós te-esperamos lá! Viver na história
« Foi teo desejo, e.... viverás: mas caro
« Te-ha-de custar; que a eternidade existe.
« Se hypocrita o não creste, aprende-o; pasma! „
Assim dirão partindo; e tu convulso
E accordando ao tremor das proprias armas,
Saltando em terra bradarás » ¡soccorro! „

Porém debil, como homem que ha fugido
Mãos de mortos, e traz inda no rosto
A pallidez, reflexo do outro mundo.
  Melhor que a noite não será teo dia.
Se as proprias tuas victimas soubessem...
Davam-te inda uma lagrima. Opprimido
Do ferreo céo do inglez; a vista ao largo,
Por sôbre o equóreo immenso, em vão buscando....
Não patria; que a não tens: — não ja parentes;
Que os-proscreveste: — amigos não; que amigos
Só a virtude os-conta; — mas escravos,
Mas pompas, mas poder, e o ar e o solo
E a primavera d'estes campos lusos; —
Não vendo mais que aspectos orgulhosos,
Mofadores talvez; não mais ouvindo
Venal lisonja deificar o opprobrio,
Mas sons de lingua barbara, que ignaro
Julgarás sempre execrações e insultos; —
Fugindo ás multidões, onde olhos lynces
Te-estudarão na face arcanos da alma; —
Não parando nos ermos inaccessos
Com medo ao luso ferro; — ousando apenas
Beber do rio as águas fugitivas,
Comer dos fructos da árvore colhidos
Por tua propria mão.... ¿que vil mendigo,
Que alma inglesa invejára essa fortuna?
Invocarás em teo delirio a morte:
E a morte, que alistaste em teo serviço,
Virá emfim, virá. Tua alma sôlta,
Mas avergada de flagícios negros,
¿Onde se-irá perdida? O livro grande
No dia da trombeta pavorosa

Responderá, se humanos o não ousam.
Mas teos ossos na terra, e sob a lagea
Dormirão somno máo; teo nome inscripto
Não pedirá suffragio ao passageiro:
Teos frígidos bretões, em teo sepulchro
Não plantarão cypreste, a cuja sombra,
Tremulada do vento, errem teos manes:
Não, que ja não terás com que pagar-lh'o.
Perigrino, cançado do caminho,
Nunca irá, pôsto o sol, tomar descanço
N'essa pedra infamada: e se algum'hora
Passo ou voz te-quebrar mudez profunda,
Não será de philósopho ou de amante,
Que entre urnas vão scismar e intristecer-se;
Serão festins e canticos de lusos,
Serão danças, de rosas coroadas
Dos filhos de teos martyres. — Vae, monstro:
Sólta a véla, ergue as anchoras, restruge
Com o canhão derradeiro a praya livre;
Desapparece. ¡ E prestes no horisonte
Se-te-abysmem, co'a vista d'estes cumes,
As illusões e as últimas esp'ranças!
Ah! ¿ quaes vão ser teos longos pensamentos
Debruçado da tremula amurada
Sobre a rôta, fugaz, sonora espuma?
¡ Quem o-sabe! A poesia, pois que empresta
A penhascos sentir, idioma aos brutos,
Ouse pôr em tua alma intendimento:
» ¡ Assim nascestes, minhas glórias leves,
» E assim passastes! Hontem rodeado
» De vassallos sem número, de lanças,
» Que á minha voz corriam rebanhadas

« Como ceara ao vento; e hoje ludíbrio
« Dos esquadrões horrísonos das vagas!
« ¡Eu, cuja mão cruenta era osculada
« De um povo altivo; eu, cujo olhar fulmíneo
« Infundia o terror, vejo ora inulto
« Surrir-me ao lado o nauta, o passageiro
« Olhar-me face a face, e o sentinella
« Voltar-me impune a espalda insultuosa!
« ¡Tudo me-abandonou, qual névoa errante,
« Se a-fere o sol do estio, o sol do Tejo,
« Que eu nunca mais verei! ¡Eu trahi tudo,
« E tudo me-trahiu! — ¡De braços tantos....
« Não tive um, que fiel me-assassinasse!
« ¡E eu, eu porque o não fiz!... Perdendo tudo
« ¿Não me-restava um ferro? ¿eu não podéra
« Com formoso morrer lustrar meos crimes?
« ¿Tanto hábito de morte, uso tão longo
« De beber sangue, prometteram nunca
« Tão cobarde vilesa? ¡Oh! que é terrivel
« Como porta de averno a sepultura!
« Eram, e são comigo os meos remorsos;
« Elles sós contra si detêm meo pulso:
« ¡Se eu cuidára co'a vida anniquilal-os,
« Lançára-me ao profundo! — ! Ai! que não haja
« Em roda d'este mar, nas raias do orbe,
« Refúgio, onde ao remorso um réo se-esconda!
« ¡Longe, longe, pesares importunos!
« Reinei, máo grado ao céo, máo grado aos homens.
« Meo carro triumphal deixou vestigios
« Fundos em mais de um seculo. ¡Fui grande!
« De almas plebêas o remorso é filho.
« Para o-perder de todo, ¡oh! se eu podesse,

» Novamente perjuro, intrar em Lysia;
» Colher meos vencedores generosos,
» E punil-os de o-ser; cingir meo throno
» De um muro de cadaveres!... Deixada
» Da religião a máscara ja rôta,
» Requintára em feroz, se inda é possivel.
» De horrores, que espalhei, não me-arrependo:
» Desespera-me, sim, que esses horrores
» Firmassem mais a odíosa liberdade:
» Era tenue scentelha; eu, vento adverso,
» A-fiz incendio, que devora tudo. »
Taes sejam teos verdugos devaneios
Por solidões do mar, emquanto os lusos
Restaurâmos, em paz esperançosa,
Terra de nossos paes, desaffrontada.
Não bastarão á fama as cem trombetas
Para te-irem ralar de dia em dia
Co'os bens que dadivoso o céo nos-chova;
E co'as glórias dos teos dobrar teos luctos.
Mas luctos, mas remorsos ¡que te-importam,
Se do mal contra o mal tens feito escudo,
E do que um vicio dóe te-curam viciós!
Socios de corrupção jamais fallecem;
Com elles dissipando idéas torvas,
Restaura, alonga, perpetúa as órgias.
Afoga na ampla taça o último raio
Da cadente rasão; persegue as féras,
Menos féras que tu; no circo usado
Vae bravesa ensinar ao touro horrivel;
E, cançado de insânia, adormecer-te
Nos braços de uma Aspásia, ou Láis ou Phryne.
Teos primeiros recursos foram estes,

Estes serão teos ultimos recursos.
¡Que sería de nós, se em tua fronte
Durasse até ás cãs essa usurpada
C'rôa, cahida emfim! ¿Que pouparias,
Affeito ao sangue, tu, que para jôgo
O-derramavas na viçosa quadra,
Quando a alma naturesa é meiga em todos,
N'essa edade, em que Nero inda era pio?
Mas amor os leões e os tigres dóma,
E para ti amor não tinha um laço.
¡A tua raça (¡parabens ao mundo!)
Raça de monstro, acabará comtigo!
Graças aos outros despotas, não houve
Princesa, que por víctima arrastasses
A's aras de hymeneo. Falhou nos ímpios
D'esta vez a politica: ¡sôbre ella
Uma vez triumphaste, ó naturesa!
Nenhum quiz o labéo de haver-te filho,
Nenhum d'esses, que amavam nossos ferros,
E que apenas o som da queda tua
Lhes-echoar nas abóbadas douradas,
Têm de chorar amargo entre blasphemias.
Mas elles que estremeçam, chorem, rujam,
Mordam-se; ja ninguem lhes-teme as iras.
Mais sancta convenção reune os povos,
E metade dos reis tem parte n'ella.
Dos outros o poder velle os seos servos;
Fará muito: da edade o dente occulto
Os thronos carcomeo, ja não é raro
Que dos crimes o pêso allúa os thronos.
Não foi para applacar da ursa os filhos,
Inimigos da luz, que em Lysia houveste,

O' barbaro, perdão, thesouros, fuga.
Sequioso o cadafalso te-pedia;
Mas foi lei do Senhor na infancia do homem,
Não matarás Caim. — Deram-te a vida
Porque inchentes de sangue generoso
Co'um pouco sangue vil se não remiam;
Deram-t'a, porque longo te-consumam
As venturas de Lysia, e gotta a gotta
Pelos ouvidos vás bebendo a morte;
Deram-t'a emfim, porque a ninguem dás sustos,
Mas compaixão e horror: embora abrindo
Teos avarentos cofres, alugasses
As voses, o senado, as náus, e as tropas
Da que ao turbante e á cruz serviu na Grecia:
Foste nimio cruel, não nos-dás sustos.
¡E ousar d'esses bretões o bardo altivo
(¡Maldicções á injustiça até do genio!)
Ousar chamar ao lusitano — *Escravo,*
E dos escravos o infimo — quando elles,
Mais que ninguem, nos ferros nos-retinham!
¡Quando nos pactos improbos da força
O luso sangue, a lusa liberdade
Era por elles sotoposta ao ouro!
¡Fomos servos, mas servos insoffridos;
Servos sempre em murmúrio, e odiando-os sempre;
Servos, que dos grilhões fisemos armas,
E te-affrontámos, despota, e vencemos,
E somos livres, e o-seremos sempre,
A despeito de ti, de Albion, do mundo!
¡Vae! São dignos de ti, e és digno d'elles!

NOTA.

(1) Justiça a todos. Aos ingleses honrados a nossa gratidão.

A

UM AMIGO MEO

No dia dos seos annos.

A ti, que em tão férrea edade
Lembrar fases aureos dias,
E que inda em tempos melhores
Citado exemplo serías:

Que, se obscuro não vivesses,
Fiseras crer aos mortaes
Nos idylios do meo Gessner,
Nos tempos patriarchaes:

Homem bom, não por virtude,
Mas por índole e condão,
Bom, como as rôlas são meigas,
E as rosas fragrantes são:

Tu, que em nossa terra és livre,
E feliz em nossa edade,
Porque tens dentro em ti mesmo
A ventura e a liberdade;

Porque na espôsa e na prole
O teo mundosinho abraças,
E albergas em manso asylo
O talento, o amor, e as graças:

Permitte que o vate amigo,
Co' a lyra dada á virtude,
Os teos festivos penates
N'este alvo dia saúde.

Entre, bem-vinda, em teos lares
Musa, que, estranha á mentira,
Nunca deu rosas no inverno
Ao natal de uma Belmira;

Nem, por faser salla aos grandes,
Em seos escusados annos,
Lidou por furtar ao tempo
A foice dos desenganos.

De flores sem mel, nem cheiro,
Que não vivem mais que um dia,
Para assentar-se ao teo fôgo
Não se-ha-de ornar a poesia.

Tal como a-présas, a-devo;
Qual a-devo, a-dá meo peito;
A's musas, que tens em casa,
Seja o pobre canto acceito.

¡Como a tua festa eu amo
Toda de amor e alegria,
Sem galas, nem luminarias,
Nem salvas d'artilheria!

Com repiques e foguetes
Não se-alvorota a cidade;
São os annos da ventura;
Não são os da magestade.

São puros contentamentos
A quem praz a solidão;
Porque não é pelo estrondo
Que logram ser o que são.

Como flores preciosas
Em sêcca estufa incerradas,
Seguras de estranhos ares,
Desabrocham perfumadas;

No doméstico retiro,
Só vistos do céo que os-ama,
Florindo estão mansamente
Para si, não para a fama.

Nenhuns jornaes faladores
Dirão gostos que aqui ha;
A festa, que eu presenceio,
Nenhuma história a-dirá.

Mas podesse a musa minha
Pintal-a muito em segredo
Aos raros que de ser homens
Não se-correm, nem têm medo.

Leve a história os seos monarchas;
Eu lhe-diria: «Sabei
« Que hoje n'este imperiosinho
« Se-festeja outro bom rei;

« Não rei, que á herança ou conquista
« Devesse os titulos seos,
« Mas rei pela naturesa,
« Mas rei que reina por deus,

« Rei, como foram por certo
« Os primeiros das nações,
« Por cartas tendo a bondade,
« O amor por constituições.

« Rei, cuja ausencia é saudade,
« Cuja presença alegria;
« Rei, cuja lei é o exemplo,
« Cuja fôrça a sympathia. »

Eis o que todo o seo povo
Cá n'estas horas douradas
Festeja, como o-festejam
Os córos das boas fadas;

As quaes, tecendo invisiveis
Dançares de boa estrea,
Formosa vida lhe-cantam
Co' a bocca de risos cheia:

« Meio século te-démos,
« Meio século nos-déste;
« E nem de longe inda vemos
« O cume de teo cypreste.

« Outra metade nos-deves,
« E nós tambem t'a-devemos:
« Dormí, parcas! parai, fusos!
« Este é nosso: Irmãs, cantemos!

« Cantemos, irmãs, as bençãos
« Das eras patriarchaes:
« Meio século é volvido;
« Dêmos-lhe outro tanto, e mais.

« Vida levada entre amores,
« Cultivada na bondade,
« Se homens podessem ser numes,
« Duraria a eternidade. » —

Até aqui julgo escutar-lhes
A suavissima canção:
Ai! quem lhes-ouvíra o resto,
O melhor da predicção!

Se um vate póde mover-vos,
O' vós, fadas carinhosas,
Eu vo-l'o peço, entoae-lhe
Um porvir todo de rosas.

Como dos gêlos do norte,
Apoz longa ausencia crua,
De novo o-restituistes
Ao bom céo da patria sua,

Do labyrintho espinhoso
Dos negocios e árdua lida,
Onde a públicos ingratos
Immola o descanço e a vida,

Por vossa mão (se é preciso
Um prodigio, amigas fadas)
Transportae-o sôlto e alegre
Para as rústicas moradas.

Ellas lhe-têm os desejos,
Todo o seo amor é d'ellas:
Desterrae-o para os frescos
Viçosos campos de Bellas.

Pois que o-merece, alli gose
Da familia entre a ternura,
Os quadros da naturesa,
As delícias da leitura,

O incanto das bellas-artes,
Praseres do tracto agreste,
E ja na vida do mundo
Ante-gostos da celeste.

La, por entre árvores suas,
E de aves suas saudada,
Veses sem conto esta aurora
Lhe-renasçá afortunada.

Veses sem conto o-c'roemos
A' sua mesa natal,
De quanta flor esquecida
Nos-deixa a quadra invernal.

E porque nada lhe-falte
A seos tácitos desejos,
Emquanto as cãs lhe-sorrirem
Sob as grinaldas e os beijos,

Pascer-se-ha sua alma em versos
Pelo meo amor dictados,
Escriptos por sua filha,
Por seos netos recitados.

—

EU,

ANTÃO VERISSIMO, E A MÔSCA.

Parábola.

Eu tive um condiscípulo amantissimo,
Que era um sancto rapaz, e nada cábula,
Transmontano, por nome Antão Verissimo,
E, como eu, estudava para rábula.
Tinha por vil a herdada vida agrícola,
E rindo-se assignava na matrícula.

Sapato engraixadinho, e meia fina
Substituíu á tamanca costumada;
A' vestea de burel capa e batina,
Gorro ao grosso chapéo, Paschoaes á enxada,
A senhoria ao tu, á broa o trigo....
E um viver novo ao seo viver antigo.

Se o hábito per si fisesse o monge
Sem precisar disposições internas,
Se para um côxo em pouco tempo ir longe
Lhe-bastasse o cuidar que tinha pernas,
Sem dúvida sería Antão Verissimo
Estudante, e estudante chapadissimo.

Como lavrando desbancava a mil,
Suppoz, que estudar leis e cegar herva
Sería o mesmo, não sabendo o *nil*
Invita dices, faciesve Minerva,
E um canon do Genuense (que diz muito!)
=Não tentes o que excede o teo bestunto.=

Os termos de Paschoal e Cavallario
Gastava a procurar o dia inteiro
No martyr descosido diccionario;
E á noite decorava ao candieiro.
Ir á aula, almoçar, jantar, cear
Só tinha vagó; o mais era estudar.

Disem, que *quem porfía mata caça;*
Julgo proverbio de cabeça tosca.
Vamos á história: Um dia na vidraça
Viu o nosso doctor asuada mósca
Esvoaçar, zunir, andar marrando,
Passagem pelo vidro procurando.

Poz de parte um momento a lei mental,
E co'os olhos no insecto, exclama assim:
„¡Oh que teimoso e estúpido animal!
„Embora teimes, teimarás sem fim:
„Por entre ti e o sol não vês que está
„Um vidro, que passagem te não dá?

„Segue o exemplo das mais, que andam com gôsto
„A dançar sôbre aquelle assucareiro;
„Do amigo que alli dorme chucha o rosto,
„Depois esmóe a andar no travesseiro.„
Eu, que dormir fingia, e não dormia,
Da tal offerta em trôco assim disia:

„Déste á mosca um conselho prudentissimo;
„Tão bons os-dês tu sempre em sendo rábula!
„Mas és qual frei Thomaz, Antão Verissimo,
„Ou como o homem da tranca na parábola.
„Dez vidros furaria esse animal
„Antes que intendas uma lei mental.

,, Entre ti e a sciencia ha vidros baços;
,, Nem tu, nem cem de ti os-romperiam:
,, Vende o candieiro, a loba, e os calhamaços,
,, Torna-te ás terras que batatas criam.
,, E' melhor ser um farto lavrador
,, Do que um mirrado e estúpido doctor.

,, Manda ao inferno os livros sybillinos,
,, Vem para a cama conversar comigo:
,, De Horacio eu falarei, tu de pepinos,
,, Depois eu de Virgilio, e tu de trigo.
,, Tire das leis com que dar uso aos queixos
,, Quem póde; e cada qual gyre em seos eixos. "

N'esta fábula histórica se-intíma
O que ninguem ignora, e não se-observa:
A tal sentença velha, obra mui prima
Do = *nada façat, se o não quer Minerva.* =
Isto é; que um génio, que nasceu de encôlhas
Não vá metter-se a redactor de folhas;

Que um mestre sapateiro, afreguesado,
Não vá ser na tragedia actor primeiro,
Que em transportes de príncipe ultrajado
Ralhará como mestre sapateiro;
Quem nasceu para chufas e chalaça
Nem epopéas, nem tragedias faça;

Que aquelle que nasceu para ladrão,
Seja ladrão de estrada, e não juiz,
Procurador, letrado ou escrivão;
Que um bode se não metta a ser derviz,
Nem um burro a académico; nem.... nem....
Exemplos d'isto número não têm.

Foi uma bella festa a do anniversario de sua magestade a rainha em 1834. Por toda a parte se-patenteava espontanea, verdadeira, estrondosa, a pública alegria. Era um immenso ramalhete de esperanças em botão, que são sempre as melhores. Muitas não chegáram a abrir; muitas das que abríram, murcháram logo; mas ainda então se não prevía nada.

D'entre os innumeraveis festêjos de tal dia e noite, nenhum, cuido eu, sobre-levaria ao baile, dado a SS. MM, no arsenal do exército pelo inspector, que então era, o sr. Leão. Fôramos convidados, meo irmão, Augusto Frederico de Castilho e eu, para recitarmos, na presença das augustas personagens, a rainha, o imperador e a imperatriz, algumas breves poesias accommodadas ao tempo e ao logar, que em verdade era inspirador. As sallas brilhavam ornadas todas de tropbéos de armas. Por ellas gyravam alguns dos generaes de D. Pedro, com os seos lauréis da véspera, ainda tão viçosos: por baixo das janellas corria o Téjo, nunca deslembrado das suas glórias velhas.

Dos septe sonetos, que seguem, os dous primeiros, de meo irmão, e os cinco restantes, meos, nenhum chegou a ser recitado, porque uma leve alteração sobrevinda a subitas na saude de S. M. F. com o calor das sallas, e a necessidade de accudir ainda a outros sítios, onde era desejada, lhe não consentiram demorar-se aqui mais de um quarto de hora. Sahiram porém impressos no Periodico dos Pobres de Lisboa, do dia 24 do mesmo mez e anno.

Da lusitana cívica pharsalia
¿Quem é esta que brilha entre os horrores,
Qual brilha juncto a Marte a mãi de amores,
Deixados os vergeis da amena Idalia?

Campeão da liberdade, o avô na Gallia
Obteve estatuas, canticos e flôres;
O pae, ao vencedor dos vencedores
* Pediu a espada, e mereceu a Italia.

Cópia da mãe, no amor, na formosura
De livres digna próle, a Pedro unida,
Firma-o na glória, inchendo-o de ternura.

Para bem nosso e d'elle és tu nascida:
Paga-o tu só da pública ventura
Dando-lhe a par de um anjo um céo na vida.

E' grande o macedonio heróe de Arbella,
Mas chora só talar um globo inteiro.
Grande é Pompeo, mas déspota guerreiro
Cesar, dos fados lhe-desluz a estrella.

Grão Constantino inda hoje nos-flagella
Co'o fanatismo que arraigou primeiro.
Luiz, monstro brilhante, em captiveiro
A França exhaure, em quanto as musas vella...¡

¡Basta!.. Aos grandes do mundo, inda assombrado,
Surge, ó Pedro, oppõe ja tua memória:
Cedeste em mundos dous o sceptro herdado.

Ao throno alçaste a liberdade, a glória:
Rei, cidadão, legislador, soldado,
Dos grandes o maior serás na história.

Por mais de um lustro a brenhas confiado,
Livres, sem mancha, inthesourei meos dias;
Carpi na lyra as patrias agonias,
Soei rebate contra algoz c'roado.

Mais de um filho dos montes a meo brado
Foi combater as legiões sombrias;
Tu, valor que os-regeste, me-regias,
E fiz soldados, se não fui soldado.

Proscripto, não salvei mais do que a lyra;
Mas góso à patria, abraço a liberdade,
E virtude sem p'rigo ao vate inspira.

Quem sob os pés de Nero ousou verdade,
Bem póde, sem rubor, lançar na pyra
Um grão de incenso á lusa divindade.

A' joven mãe de Lysia resgatada,
Musa livre, os teos vôos abalança:
Com taes recordações, tão vasta esp'rança
Viu-se nunca em tres lustros combinada?

Glória á filha dos reis, ao throno alçada
Pelo jús de conquista e jús de herança;
Glória áquella, a quem glórias affiança
Seo nome, o patrio exemplo, a lusa espada!

A Justiça, Bellona, a Liberdade
Juram mantel-a ao povo.... hão-de mantel-a:
São deidades guardando outra deidade.

¡Temei, filhos da noite, a sua estrella!
Vinde, vede-a, expiae vossa impiedade,
Morrendo de vergonha ás plantas d'ella.

Tempos dos Paladius, eras distantes
Das leaes, das corteses galhardias,
Vós, vós, ressuscitais em nossos dias
Mais puros, mais honrosos, mais brilhantes.

Raros outr'ora, impávidos e amantes
Rompiam lança em guerra, ou correrías;
Superstição, ou fama, eram seos guias,
Brandos olhos seos premios relevantes.

Entre nós é plebêa a heroicidade:
Morre-se, não por tímida donzella
Sim por deusas, a glória, a liberdade.

Liberdade! eu a-canto, eu góso d'ella!
Mas a glória c'roada, essa deidade,
Nem a-pude ir vingar, nem pósso vêl-a!

De Ignez e Pedro aos plácidos ardores
Honra, virtude, céo, tudo sorría;
Sonha rasões d'estado a tyrannia,
E Ignez lá morre á golpes de traidores.

Pedro nos corações dos matadores
Do coração viuvo a dôr sacía;
E assombrando o universo, á morte fria
Arranca, adóra, e c'rôa os seos amores.

E's a Ignez de outro Pedro, ó liberdade!
Quiz-te; viu-te immolada ás mãos de insanos,
Volveu-te ao sol, ao throno, á eternidade.

Restava morte aos corações hircanos,
Puniu-lhe com o despreso á indignidade!
Mas ai de ora em diante, ai dos tyrannos!

Se é lícita uma lágrima nas rosas
Com que, ó noite de abril, nos rís c'roada,
¡ Dos martyres da patria libertada
Uma lagrima ás sombras generosas!

Seos sepulchros dão palmas gloriosas,
Heróes herdaram sua nobre espada,
E hecatomba de tigres lhe-é votada
De dia a dia ás cinzas sequiosas.

Mas no elysio onde estão, hoje pensando
Que um dia mais que céo por Lysia passa,
Saudoso se-reúne o egregio bando.

Murmuram longo viva á joven Graça,
E involuntária lágrima escapando
Do nectar entre as mãos lhe-turva a taça.

OS SONHOS.

¿Recordas-te, ingrata,
Quando eu te-disia,
Que em sonhos Armia
Cedia aos meos ais?

Surrías, córavas,
Fugías, juravas
Que nunca os meos sonhos
Seriam leaes.

Armia, esta noite,
Segundo o costume,
Tornei co'o meo nume,
Tornei a sonhar.

Qual és, eras rosa,
Gentil, espinhosa,
Sem par nos rigôres,
Nas graças sem pár.

Dou graças ao fado,
Ja sonho esquivança;
Ja luz esperança
No meo coração.

Tu juras que em sonhos
Só ha falsidades,
E nunca deidades
Juraram em vão.

AO POVO.

NAS ELEIÇÕES DE 1834.

Depois do que já n'este volume tenho ponderado e confessado, mais de uma vez, dou por ocioso infadamento faser um preâmbulo a esta epistola.

Que toda ella me-sahiu do coração a trasbordar sincero amor da patria e de um espirito ainda cheio de fé politica, se quem lê estes versos o não adivinha, sei-o eu pelo menos com toda a certesa. Que a maior parte dos conselhos, que se aqui davam, eram muito de receber, e provavelmente o-serão ainda d'aqui a cincoenta annos, é uma verdade irrefragavel; mas não menos o-é que o meo enthusiasmo liberal produsiu mais declamação que poesia, chegando ao desaccôrdo de falar ao povo em punhaes; porque se o punhal do poeta é como o do actor tragico, que ao ameaçar o golpe se-ingole pelo cabo dentro, e o sangue, que depois mostra, é só pintado a óleo, o do povo é algumas veses de aço fino e entra a valer. Ainda que se não fale senão a gente como esta nossa, tão bondosa e pacífica de seo natural, sempre é perigosa temeridade o lembrar-lhe violencias, seja qual fôr o fim que por ellas se-antolhe: e se isto é a respeito de versos ¿¡que se não podería diser a respeito da prosa, que ainda corre

por peiores mãos!? Em prosa porém, deus louvado, nunca eu me-lembro de haver mettido similhantes cousas.

Lyra do patrio amor, deixa toada
Longa nos corações, e eu te-penduro,

disia eu rematando este escripto: toada longa não a-deixou ella sem embargo de duas consecutivas reimpressões: mas quanto ao pendural-a; pendurei-a, que de versos politicos não tornei a faser, que me-lembre, senão uma pequena facecia, que ahi ha-de vir algures adiante, sob o titulo de *Elegia á morte da Chronica,* e alguns outros nadas volantes.

EPISTOLA.

Povo, ó nobre sem fausto, ó rei sem jugos!
Vate plebeo, que de plebeo se-présa,
Te-envia o pensamento, o amor, e os sustos.
Povo, tu volves triumphante aos lares,
Que emfim remiste: e mal deposta a lança
Inda vertendo sangue inda não sêcco
Teo suor generoso; ¡eis novos p'rigos
Te-estão chamando a campo! Ardua foi ella
A c'roa de laureis, com que te-ornaste;
Mas unir-lhe é mister outra, e mais ardua,
A do carvalho civico. Pugnou-se
Grande batalha sôbre a propria campa,
E venceu-se! Inda a arena escorre em sangue;

Já nova liça tens, contrarios novos!
Em cego inextricavel labyrintho,
Reino e mansão do inrêdo, ímpios te-aguardam
Em graciosas máscaras occultos.
Farão por desunir-te; e de êrro em êrro
Condusindo-te incauto, inerme, illuso,
Darão comtigo em não sonhado abysmo;
E accordarás, mas tarde, ao som do escarneo
Dos oppressores teos. — Vá longe o agoiro!
Inteiro os céos aos perfidos o-volvam. —
Vingaste, mereceste a liberdade:
¿ Mas tem-l'a certa ou firme? Alerta, ó povo,
Que os inimigos teos andam álerta.
  Em masmorras gemer; dormir por furnas;
Perigrinar o globo; errar mendigo;
Vellar sob uma abóbada estrondosa
De ferro e fogo, a desabar contínua;
Retingir de alto sangue o mar e os campos;
Ver meia destruída a patria herança....
¿ Quem o-soffreu para comprar senhores,
Hoje senhores e ámanhã verdugos?
Salvar-te ou perecer de ti depende:
De teos suffragios a terrivel urna
Vai conter, pensa-o bem, teo fado inteiro.
  ¿ Que farás pois? Devotamente insano,
Julgarás tu bastante, em teos comicios,
Segundo a antiga usança, invocar deuses?
Como fraca mulher n'um lance estreito,
Da providencia aos braços arrojar-te,
E adormecer? Invoca, invoca os numes
Virtude e liberdade. O altar, o fogo,
Os oraculos seos nos céos não moram:

Deus os-poz dentro em nós, seo templo é na alma.
Liberdade e virtude nos-revelem
De seos ministros, qual lhe-apraz a escolha;
E ai de ti se inspirado a não confirmas!
¡Ai de ti, povo: que ultrajar impunes
A numes taes nunca homens o-podéram!
Respeitoso e tremendo eu me-recolho
N'este templo int'rior; e á luz perenne
Com que deus nol-o-aclara, estudo a lista
De homens nascidos para bem dos homens.
Sob esta vasta abóbada mil veses,
Tristes, vagos, propheticos murmúrios
Vêm agitar-me, e eu digo: — ¡A terra lusa,
A terra dos heroes dada a perversos!
¿Nunca ha-de amanhecer a glória em Lysia
Apoz noite de seculos? Mentiu-nos
Quem glória nos-cantou de antigas eras:
Das conquistas a página foi ampla,
A de expiações maior. Tropheos injustos,
Palmas de latrocinio, o sangue e o pranto
De povos fracos nas extremas do orbe
Foram crimes de avós, são pêjo aos netos.
Gritos d'essas nações aos céos voaram,
E um vento eis dos tropheos nos-varre o globo.
Glória de libérdade era mais bella.
Hoje sôa em voz alta a liberdade,
E ella vai grande risco: e talvez breve,
Se zêlo em cidadãos não se-afervora,
Nos-abandone, ou desertando as praças
Como proscripta, pávida se-accolha
Aos penetraes mais intimos dos seios.
Muito ha que a sua luz, qual sol do outomno,

Ora brilha serena, ora se-innubla;
E ha mais de um ponto escuro no horisonte,
Que darão tempestade, se conjurios
De popular suffragio os não removem.
Removam-se: nação, que tanto ha feito,
Fará tudo, que o-deve, e o-póde, e o-ousa.
Pensae que hoje a ventura anda de perto
Off'recendo-se a nós risonha, facil,
Mais que a povo nenhum: quebrou-se o antigo
Dúplice talisman, sob ara e throno
Por impostoras mãos depositado:
No somno dos grilhões ganhámos forças,
Que inda inteiras estão, que vão crescídas
Com o longo triumphar; ao clarão vivo
Do facho da discordia assoladora
Rostos, nomes de amigos, de contrarios,
De ambiciosos, de heroes, de escravos torpes,
De indiff'rentes, de perfidos, de todos,
Se-estudáram, se-apontam, se-repetem;
E por bem derradeiro, externas luses,
Feliz compensação do atroz destêrro,
Vieram, confluindo ao Téjo absorto,
Revelar-nos de glória estradas virgens.
Povo grande, por ti, não por teo sólo,
Povo, agora teo rei, concebe cousas
Dignas do applauso do universo attento!
Concebe ver-te irmão dos povos justos,
Não pupillo dos barbaros; concebe
Que os teos costumes refloresçam puros;
Que á mente e ás expressões da mente humana
Seos vôos naturaes se-restituam;
Que se-anteponha a codigos sagrados

Da usurpadora Roma um jus mais sancto,
Que sem pesar na terra aos céos a-ligue;
Que a sciencia te-illustre, ornem-te as artes:
A cultura feliz cubra as planicies
De cearas, de aldêas, de rebanhos,
De florestas e sombra as serras nuas,
As collinas de pâmpanos e abelhas;
Que ingenho industrioso augmente as forças;
Que o ledo, o convival commercio activo
De rios, de canaes, de estradas amplas,
Urda seos laços de ouro a terras èrmas;
Que tributos inuteis, vexadores
Não roubem mais o sangue aos que te-servem,
Para o-dar de banquete a quem te-esmague;
Que fuja de uma vez co'a vã preguiça
A chusma inerte, que mendiga errante,
Tedio a si, pêso aos mais, e infamia á patria;
Que aos das altas funcções, uteis embora,
Não sóbre o nectar e ambrosía, emquanto
Falte um pão negro ao que suou nas terras;
Que de estaveis exercitos custosos
Tanta vez em leilão, pender não deve
A salvação da patria, e sim que as armas
Defensoras do povo, ao povo tocam;
Que nenhum de teos árbitros, que fossem
Da liberdade apóstatas, escape
Como réo no teo fôro a dar-te contas;
Concebe destramar tenções damnadas;
Concebe tudo grande, escolhe os dignos,
Em que o zêlo, o saber, a audacia fervam,
E tudo grande c'roará teos votos.

Mas, povo, n'este mar onde ora embarcas,

Ha syrtes, ha parceis, ha monstros negros,
E proa não velada acha naufragios.
A baixa seducção virá primeira
Co'a virtude na voz, nas mãos a bolsa,
Traficar de infortunio em tom sumido:
Alma de luso não se-troque a ouro.
Podem vender-se o lar, o predio avito,
A árvore paterna, o proprio leito;
Mas o que em sangue dos irmãos pagaste
Para t'o-herdarem filhos, é thesouro,
Que se não vende ou céde. — Outros, tentando
A crédula ambição com destras falas,
Hão-de apontar-te os cumes dos favores:
A futura medalha, a pingue renda,
O accesso livre aos porticos dos grandes,
E a officiosa pasta abrindo graças.
Ah! quão mal pagam frivolas esp'ranças
O bem certo de livre entre homens livres.
  Mais perigosa astucia acharás n'outros
Sem promessas nem dádivas: só falam
No bem público e em si. Vão n'essa conta
Poucos leaes, grão número te-engana.
Pensamentos sondar fôra chimera,
Mas interroga acções, folheia tempos,
Tira do homem passado o homem futuro.
Ter combatido a usurpação não basta:
¿Que fisera até alli, apoz que ha feito?
¿Provou n'um tempo e n'outro amor á pátria,
Sympathia co'a plebe, alma nervosa?
¿Por um cálculo vil não veiu á lucta?
Quando n'ella egualdade proclamava,
Não sonhava elevar-se? Ouviu-se (¡e a quantos!)

«Viva o povo!» era o dia do conflicto...
Passa o conflicto, e afastam-se do povo:
Requestam distincções; namoram fitas;
Levam á escala os cargos, a opulencia;
Da choça natalicia erguem palacios;
E em coche insultador, troando as ruas,
Co'o pó, que incheu seo berço o povo alagam.
Não, riquesa e poder não dou por crimes,
Mas poder orgulhoso é crime insano,
E orgulhoso, sem meritos por base,
Para bons, para irmãos, nenhum mais negro.
Povo, que aras a terra, e descuidoso
Só escutas balir dos teos rebanhos,
Só vês o céo e a fonte, a messe e a vinha;
Tu, que estes chamam barbaros, e os-nutres,
Vella por ti; mais altas novidades
Que as das promessas do anno ora te-occupem:
Vella por ti, bradamos-t'o, que é tempo.
Elles o-hão dicto em seo conselho de ímpios:
«Invadamos o campo, e a qualquer preço
«Extorquamos o voto á gente rude,
«Pois nol-o-negam cá: temos palavras
«De embair, temos cofre, ameaças, nome,
«A lisonja, o mentir e agentes habeis.
«Feito é, partamos.» — Subito partiram.
¿Signaes desejarás porque os-estrémes?
Mas Protheo, que em cem fórmas se-desmente,
Não ha pintal-o. Treme dos *dourados*,
Que por primeira vez te-acariciam;
Treme d'aquelle, que ao serão da aldêa
Só te-fala de principes, de grandes,
E mais quando elle mesmo é já subido;

Treme dos que á paixão de liberdade,
Raia estreita marcando, accusam n'outrem
Como excesso e loucura o zêlo ousado:
Limites á virtude é crime o pôl-os.
  Ante elysios e averno, árvore immensa
Fabulou musa antiga: em ramos de ouro
Aurea fructa lhe-pende; a mãos que a-busquem,
Não mandadas do céo, resiste immovel:
Mas se heroe, charo a Jove, e em cujo peito
Arde a virtude, que o-remonta aos astros,
Acertou de passar, pomos e pomos
Nas attonitas mãos lhe-estão chovendo.
¿Povo, esta árvore és tu, plantada á frente
Do alto alcáçar das leis; homem não póde,
Sem que obtenha teo fructo, intrar-lhe as portas.
Não t'o-deixes roubar, mas lança-o facil
Aos mimosos do céo, e aos teos mimosos.
Procura os que logares não procuram,
O que á vanguarda, á hora dos combates,
Nas brigas da ambição não corre ás filas:
Que obscuro cumpre a lei, detesta a força,
Tyrannos nem quer ter, nem ser tyranno:
Este sim, que é do povo, e digno d'elle.
Procura os que já bons, intrando em ferros,
Mais dos ferros no horror se-acrisolaram;
Procura os que, deixando os patrios muros,
Perigrinos, por terra de estrangeiros,
Nos-andaram sciencia enthesourando,
Emquanto os mais, ou fôfos volteavam,
Ou com o feio de acções nos-deslusiam,
Ou suppondo polir-se, o unico estudo
Punham no perverter seos patrios modos,

O trajo, a mesa, o somno, o amor e a lingua:
Estes, do chão natal profanadores,
Longe do pensamento! Os outros se-amem
Que amaram só do estranho o que nos-sirva,
Nunca o seo jugo. ¡Oh! quem me-remontára
De bronze a lyra, e me-doára plectro
Que troasse louvor, troasse infamia:
Que désse em vivos sons o amor da patria,
Qual me-arde n'alma! A's aguias dos romanos
Fisemos frente nós; perdido o raio
Revoaram para o Tibre espavoridas;
Nas tôrres nossas, eclipsada a lua,
Desterrámos, á espada, o mouro ousado;
Co'os Iberos leões arremettemos,
Fugíram; nova Roma e novas aguias
Voam do Sena ovante e Lysia as-prostra;
E gente do orbe inteiro dividida,
Só de si mesma idólatra, uns feroses
Pescadores do oceano, que a nós devem
Muita da força que os-tirou do remo,
¿Hão-de sem armas conquistar-nos? ¡ Péjo,
Pêjo a nós, se ainda a dextra vexadora
Beijarmos d'esses túmidos! ¡Oh! vêde-os
Por entre nós a pavonar-se altivos,
Qual senhor entre escravos! Allianças
De ovelha com leão não mais, ó povo.
Quem teo solo possue, teo céo, teos mares,
Tão vasto ingenho e mãos, não necessita
De avarento tutor: já tens, ó patria,
Rasão, maioridade, experiencia:
Procura amigos, protectores nunca,
Ou, se houveres de os-ter, quaesquer, não esse.

Treme dos pusillanimes ou nescios
Que t'o-crêm necessario: o teo senado
Com tão baixos Solons não prostituas.
Essa Albion, tua amiga, a sócia tua,
Quem sabe o que ja agora anda minando
Com o ouro que foi teo! ¡ Ah! salva ao menos
A consciencia e o voto omnipotente.
Se á lista de p'rigosos inimigos
Podem junctar-se miseros, ó povo,
Não te-deslembre que te-cercam densos
Os sectarios do monstro impunes, soltos:
Janisaros, agás, derviches, imans,
Até visires. Pêjo não, mas susto
Da consciencia má força-os por ora
A se-esconder: são dentes interrados
Do dragão morto, mas peçonha negra
Inda os-anima; e se hoje ainda não surgem
Com medo ao ferro a te-arrancar teos votos,
Aguardam tempo idóneo, em que rebentem
Como os de Cadmo, intrepidos e armados.
N'esses vis corações, atros avernos,
Que de furias não vão! Povo, confunde-os
De teo juiso no terrivel dia.
E se algum, mais insano, ousar seo voto
Na assemblea da patria, que renegam...
Se elle o-ousar, pois que a lei não previu tanto,
Possa o livre punhal voar-lhe ao peito.
Povo, horas de estudar na consciencia
A musa não t'as-roube, a joven musa,
Que ás delicias de amor, que aos paphios bosques,
Onde segura moduléra ás nymphas,
Prefere sons tyrteos, harmodios cantos,

P'rigos nobres a insipidos applausos,
Glórias de um povo a fábulas viçosas,
Por derradeiro adeus ella te-brada
Que um voto ás veses só, rompe o equilibrio
A' eleitoral balança, inda suspensa;
Que de um eleito ou não, depois resulta
Mais ou menos pendor na grão balança,
Onde legislador, supremo genio,
Bem ou mal, vida ou morte ás nações pésa:
Cuidae-o em vós e estremecei do encargo.
¡O momento é solemne, o quadro augusto!
O cidadão nos lares seos medita
Sôbre um mudo papel sentença á patria.
Erra a pluma entre os dedos temerosos,
O coração palpita, a mente vôa
De nome a nome, e pára: oh! ¿porque é isto?
E' porque lhe-andam na alma a estância chara,
O seo pomar, o rio conhecido,
A amante, o pae caduco, a espôsa, os filhos,
O que tem e o que espera, o nada, o tudo.
Mas se affeições domésticas são muito,
Ha deveres que o vivo aos mortos prendem.
Julgue elle que na escolha o-presenceiam
Tantos, por mar, por terra, a ferro, a fogo
Perdidos; tantos miseros finados
Por hospitaes, por carceres, por brenhas;
Tantos em vil supplício estrangulados;
Tantos da fome víctimas, e tantos
Que ostracismo peior gastou por longe.
Creia ouvir estes palidos phantasmas,
Nos derradeiros ais pedir vingança;
Lembre-se que hoje occultos sob a terra,

Foram nossos irmãos, e á superficie
Patente o seo quinhão cá nos-deixaram;
Que a herança incargo traz, o defendêl-a
Da tyrannia-algoz; e que é terrivel
A' consciencia a citação do morto.

Possa o vil cidadão, que, ou se-defraude
Do alto jus do suffragio, ou friamente
Lá o-exerça á ventura, ou criminoso
Mande sicarios por campeões á patria,
Possa não ver mulher sumida em luctos,
Nem cadaver passar, nem lá por sótãos
Sentir vagidos de ignorado infante,
Que um remorso pungente o não salteie,
Que lhe não lembrem pálidas viuvas,
Orphãos tristes, e os martyres da honra:
Possa nas horas, em que os mais repousam,
Tresvaliar contínuo a ver batalhas
De septe contra oitenta, em mar de fogo;
Corpos a debaterem-se nas forcas;
Cabeças sobre postes, denegridas,
Mudas, olhos em alvo, ondeantes comas;
Crer-se em masmorras, ver as portas duras
Fracassadas baquear-se, intrar com fachos
Tropel de matadores, perseguil-o
De canto em canto, desfechar-lhe ás cegas
Ao som de um rir feroz, golpes e golpes,
E elle cahir e despertar no averno!

Lyra do patrio amor, deixa toada
Longa nos corações, e eu te-penduro.

—

HYMNO

CANTADO NO REAL THEATRO DE S. CARLOS,

A 31 *de julho de* 1836,

ANNIVERSARIO DO JURAMENTO DA CARTA CONSTITUCIONAL.

Co'a mão sobre o evangelho
A Carta foi jurada,
Hoje co'a mão na espada
Tornamo-la a jurar!
Armas, armas! pendão fratricida
Lá ressurge, lá sôa a rebate.
Marcha, marcha! victória, e combate
Povo livre não sabe estremar.

Sahí das ímpias furnas,
Tigres por nós vencidos;
Não fóge dos rugídos
Quem garras affrontou.
Guerra, guerra, se os ímpios a-querem,
Seo rei monstro proclamem de novo;
Das victórias é deus o do pôvo,
Que os perdões em vinganças trocou.

Novo congresso influa
Qual sol a claridade;
Co'a força a liberdade,
Co'a liberdade o amor.
Mas se guerra cumprir, guerra, guerra!
Co'as borrascas a palma floresça:
Pedro, e ávante! Qual pó dispareça
De uma vez o vil bando traidor.

ANACREONTICAS.

O QUADRO ANIMADO.

Tu, cuja dextra ingenhosa
De Febo aos cantos egual,
Cría prodigios sem conto,
Da naturesa é rival;

Cujo pincel, dirigido
A' voz do ingenho fecundo,
Sabe n'um quadro pequeno
Junctar as graças do mundo;

A cujos toques divinos
Do nada se-vêm saltar
Terra, prado, outeiros, bosques
O céo vasto, o vasto mar;

Pintor, escuta os meos rógos,
Invoca as musas e amor,
E dos meos bellos desejos
Fase o quadro encantador.

Pinta um valle, um valle ameno
Muito mais que os de Cythera,
Todo inteiro alcatifado
Dos mimos da primavera.

De copado bosque á sombra,
De fria gruta na intrada,
Prepara aos filhos das musas
A mais risonha morada.

No meio dos meos amigos,
Retrata-me n'esta selva,
Preguiçoso e reclinado,
Meio nu, na branda relva.

Meio nu, pois se é possivel
Ao teo pincel creador,
Deves mostrar que este dia
E' de importuno calor.

Alguns zephyros, brincando,
Façam teo bosque ondular,
E as manchas de luz e sombra
Incertas no chão gyrar.

Em nossas faces córadas
Co'o fogo da mocidade
Brilhe o surrir da saúde,
Do praser, da liberdade.

De cristal brilhante e puro,
Que dos vinhos mostre as côres,
Põe-nos em roda garrafas
Ingrinaldadas de flôres.

Haja um regato, mas longe,
Mas com brando murmurinho,
Por não perturbar os cultos,
As festas do deus do vinho.

Alguns mancebos, cantando,
Tracem danças ingenhosas;
Junquem macío terrêno
Ramos e c'roas de rosas.

Volteiem, de ramo em ramo,
Co'as aves gentis amores,
Corram em busca das auras
Os zephyros brincadores.

Occultas por traz dos troncos
Bellas nymphas da espessura
Espreítem, conversem baixo,
E vejam nossa ventura.

Algum, vendo-as, se-erga á pressa,
—,, Caça estranha, diga, é esta!
,, Se é certo existirem nymphas,
,, Temos nymphas na floresta. " —

Sôe um grito; ergam-se todos,
Ellas fujam perseguidas;
Risos, palmas e clamores
As-annunciem vencidas.

Pelos recantos do bosque,
Pelas grutas dos outeiros
,, *Victória*, *victória* " cantem
Os alígeros frexeiros.

Eu, no emtanto, eu só no prado,
Em vez de occupar-me d'ellas,
Me-affigure a minha deusa,
Que excede as deusas mais bellas.

Eu suspire, e o gnidio nume,
O deus do meo coração,
Me-appareça, m'a-condusa
Pela sua propria mão.

N'um transporte, n'um delirio
Eu a-abrace, eu lhe-proteste
Que de uma eterna alliança
O instante primeiro é este.

Raras palavras soltando,
De quando em quando, entre os beijos,
Eu lhe-chame a minha deusa,
O iman dos meos desejos,

A glória da minha vida,
A fonte do meo praser,
O thesouro da minha alma
O meo tudo, o meo viver.

O' pintor, se omnipotente
E' teu pincel creador,
Em nome dos céos, desenha
Este quadro incantador.

E tu, rainha de Gnido,
Tu, cujo poder outr'ora
Soube faser de uma estatua
A nympha mais seductora,

Surrindo, bafeja o quadro,
E se-verá de improviso
Converter-se em realidade
Ao teo bafo, ao teo surriso.

A TEMPESTADE.

Folhas, e ramos partidos
Revoluteiam nos ares;
A terra alveja co'as flores
Dos nossos lindos pomares:

Os relampagos se-accendem
De curto em curto intervallo,
Do raio cahindo ao longe
Retumba o medonho estalo.

Os relusentes chuveiros
Mudaram a terra em mar,
Dos campos, ha ja tres dias,
Tudo se-viu desertar.

Não se-incontra uma só ave
No labyrintho da selva,
Nem um laviador no valle,
Nem um rebanho na relva.

Lilia, Lilia, a tempestade
Recresce cada vez mais:
¿Ouves lá na serra o torvo
Remorejar dos pinhaes?

São novos tufões! sahiram!
Descem varrendo a montanha!
Ja o rio atravessáram,
Que espuma ante a furia estranha!

Range o tecto ao pobre alvergue,
As duras paredes tremem,
Muge o chão, vacilla a porta
Nos velhos quícios, que gemem.

¿Tu choras, Lilia? tu choras
Com mêdo da tempestade?
¿Ergues as mãos desmaiada?
¿Pedes aos numes piedade?

Vem, ó chara, e junctos ambos,
Com devótos corações,
Dirigiremos aos numes
Fervorosas orações.

Esta fogueira brilhante
Que occupa todo este lar,
Nos-suppra o fogo sagrado,
Ardendo em solemne altar.

¿Mas qual rogarei dos numes?
Os que eu conheço melhor:
De Jove os pequenos filhos,
Doce Baccho, e meigo amor.

O' deuses, piedosos deuses,
Sempre amigos dos mortaes,
Vêde as lagrimas de Lilia,
Condoei-vos de seos ais.

Longe da minha cabana
Levae os ventos funestos;
Dos vossos rosaes e vinhas
Poupae, ó numes, os restos.

Tudo o mais pereça embora;
Mas á minha Lilia bella
Deixae do mundo este canto,
E a mim o viver com ella.

Do meo candido rebanho
Aqui seremos pastores,
Felises co'as nossas aves,
Co'os nossos bosques e flores.

A vós ambos cada dia,
Par divino e incantador,
Daremos graças e cultos,
Baccho imberbe, e imberbe amor.

¿Engano-me, ó Lilia?.... escuta:
¿Não sentes.... não é verdade?
Os ventos ja não resoam.
Foi-se ávante a tempestade.

Rí-te, ó Lilia, enxuga o pranto,
Levanta os olhos ao céo;
O sol, o sol apparece,
¿Não finda o receio teo?

Os nossos numes protegem
Aos corações seos devotos.
Desempenhemos agora
Os meos, ó Lilia, e teos votos.

Eia, á pressa enche-me as taças;
Bebo em honra ao deus do vinho!
Enche outra vez, este nume
Não soffre um brinde mesquinho.

Enche terceira, bebâmos....
Que balsamo incantador! ....
Vamos depressa, querida,
Dar tambem o culto a amor.

O CLARIM.

¿Que estrondo horrivel e agúdo
Retine, estremece os ares?
¿Que argênteo clarim troveja
Os rebates de Mavorte,
Chamando heróes á pelêja
Para victimas da morte?

Nunca os lábios, que te-sopram,
Aborrecido instrumento,
Gosem do vinho, ou dos beijos;
Vulcano emfim te-desfaça,
E para incher meos desejos
Te-converta em funda taça.

Terás então melhor uso;
Não chamarás inimigos
Mas festival sociedade;
Serás de rosas cingida,
Farás brindes á amisade,
Serás o incanto da vida.

Muito inleado me-houvera eu de ver, se quisesse dar cabal rasão d'estas chamadas *anacreonticas*, que evidentemente não passam de sonhos de accordado. D'entre borrões tão velhos me-surdiram, que ja não posso achar na memória, o quando, o porquê, nem o para que as-fisesse. Algumas tiveram ha poucos annos a honra de apparecer no *Correio das Damas* : só por isso é que reapparecem agora aqui : anacreonticas, são-n'o tanto, como quasi todas as anacreonticas modernas. O bom velho de *Teos* foi o unico innegavelmente, que as-fez como devia ser : ja o Horacio lhe-ficou muito para baixo, e mais era um epicúreo de lei :

. . . . Aristipi de grege porcus :

disem porém que não bebia vinho, apesar do muito que o-louvava : nós, por força, que havemos de ficar muito para baixo de Horacio, porque não só não cremos na divindade do vinho, mas nem ja no amor á moda d'elles. Com os costumes antigos hia bem, intendia-se e gostava-se de ver aquelle respirar delícias entre rosas e murtas, aquelle chasquear o mundo dos trabalhos, aquelle não admittir nada serio, nem a morte : — outros tempos, outras ideias. Estas mesmas cousas, entre nós, não passam de arremêdos semsabores, tão dignos pouco mais ou menos de attenção, como as danças e cortesias dos ursos insinados.

O dythirambo foi genero de poesia ; hoje, para escapar da nota de indecencia malcreada, ha-de ficar por força com a de tonteria pueril. A anacreontica está ainda em peior caso ; porque a grosseria do vinho ou é affeiada pela delicadesa do amor, que se-lhe-ajuncta ; ou criminada pelo faser descer até á abjecção de méro instincto animal e bruto.

Chama-se a isto, assignalar a mareantes novéis o escôlho, em que se-naufragou.

A' MORTE

DA

CHRONICA CONSTITUCIONAL DE LISBOA.

Elegia. (1)

Quâ data portâ ruunt.
Virg.

¡Céos! ¿porque anda no povo este susurro?
¿Volta o Miguel? ¿mudou-se o ministerio?
¿Deu-se emprêgo a traidor, castigo á honra?
¿Desligám-se, removem-se, vão presos
Heroes, que pela patria o sangue dessem?....
¡¡¡Qual história!!! hoje Astreia, outr'ora expulsa,
Pelas margens do Téjo anda a passeio
De balança na mão pesando as cousas....
¿Que novidade ha pois? ¿teremos guerra?

Officiaes das reaes secretarías
¡ Diz-se que andam de tromba ! é outra a causa ;
Morreu.... Numes dos céos, dae-nos constancia,
Morreu.... quem o ha-de crer! e então parindo
De pae mestiço uma hybrida creança !
¡ Morreu, morreu a Chronica!!.. ¡ vós, typos,
Da *régia imprensa* esmorecei nas caixas!
Rapazes, que bateis as ballas fofas,
Dae com ellas na cara em ar de lucto!
Foram-se as vossas páginas, e a nossa!
¡ Chorae, droguistas, que perdeis o embrulho,
O digno embrulho do vendido incenso!
¡ Chorae, ó vós das mechas fabricantes,
Vós por cujo milagre em nossas casas
Luz, e fogo nas Chronicas se-via:
E tu, que em leito d'ouro as ondas rólas,
Padre Téjo, arrepella as barbas verdes,
E troca em teixo a c'roa dos caniços:
Nunca mais levarás vaidoso aos mares
Co'os mais despejos da cidade invicta
A crespa chusma de papeis tão sabios.
¿ Mas será sonho, Chronica? ¿ é possivel
Que ousasse a propria parca thesourar-te,
Como tantos por cá? não lhe-tremêram
As mãos dando no fuso o ultimo gyro
Da tua parda estopa? ¡ ah! que essa *roca*,
(Se é dado usar de classico no estylo)
Do canavial de Midas foi cortada
No minguante da lua em baça noite
Por *trasgo* avesso, e máo. Vive o contracto
Do máo homem Rousseau ; vivem mil obras,
Que proclamam sob'rana a vil canalha ;

¡E tu morres, ó Chronica mansinha!
Morre o teo proprio nome! e o que é mais duro
O *sobrenome* teo nem mesmo escapa!....
¿Que delicto fatal deu causa a tanto?
(Porque o ser semsabor nunca foi crime.
Haja vista á *Isabel das botas grandes*,
Que de *Aragon non* farta, ahi veio a Lysia
Dar semsabor batalha ás nossas musas,
E dorme em paz nas lojas dos livreiros.)
¿Teo peccado qual foi? nunca te-viram
Tomar partidos, nunca fustigaste
As costas d'um potente, inda que injusto;
Nunca te-intrometteste em vida alheia,
Deixavas ir o mundo á tona d'agua
Sem nos-dar novas d'elle; eras de resto
Quasi classica em phrase, em patriotismo
Quasi orthodoxa, e quasi nada em tudo:
Emquanto a polidez, saráos da côrte,
Nunca viram maior cumprimenteira,
Segundo ouvi aos raros que te-liam;
Passavas mesmo um pouco a aduladora:
Só tiveste, que eu saiba, uns dous descuidos;
Um, ter dicto uma vez um nome *Feyo*,
Outro, um nome durissimo *Carvalho*....
¡Chronica, ó flor das chronicas antigas,
E das modernas chronicas! ¡modêlo
Das chronicas por vir! ah! que innocencia,
Que formosura ingenua, ou viço de annos
Co'a vida contarão, quando tu morres
Bella, e quasi de mamma aos peitos chochos,
Aos peitos chochos da infeliz *sandice!*
Da morte o duro pé calca egualmente

Do grão *Targini* as edições de luxo,
E as folhas tabernaes d'um preço réles!
Mas que immenso vasio em Lysia deixas!!
O annuncio ou da novena, ou da modista,
Das lombrigas os pós, o insigne mestre,
Que em só dose licções demude a lettra,
A môna de um francez, que saiba contas:
Por onde hão-de inculcar-se aos bons freguezes?
¿Será preciso recorrer-se a Londres,
Aos *Globos*, *Armazens*, *Mallas da tarde*,
Ao *Correio*, ao *João Bull* ou qualquer outro,
Para diser que ha pílulas no Morley?
Inda tudo não é: foi-se comtigo
O narcótico-mestre, a que não houve
Insomnio tão cruel, que resistisse:
Por esses botequins viam-se ás dusias,
Apesar do café, teo socio esperto,
Leitores teos roncar, mal te-avistavam:
¿Onde hão-de ir d'ora ávante achar remedio,
O poeta esquentado, o amante acceso,
Um trahido da rima, outro da amada,
O funccionario, que trepou não visto
Ao píncaro das honras, qual lagarto
De árvore annosa á plumula ondeante,
Que aferra pés, e mãos para suster-se,
E prevê sempre a toda a parte a queda?....
Estes tristes somnambulos bem tristes
¿Que hão de faser sem Chronica? vellarem
Até que o desespêro os-mande ao Orco:
Estes, e muitos mais te-andam chorando;
¡Mas que muito! se cousas insensiveis
O-fasem! por ti chora inconsolavel

O *alfim*, chora o *quiçá*, e os gallicismos,
Neologismos, tolismos, e archaismos,
Bem que por teo morrer não fiquem orphãos.
¡ Não ha que duvidar! emfim morreste!
¡ Ah! se esquerda não fosse a mente nossa,
Mais de um horrendo agoiro o-annunciára!
Em roda do impressor por nove noites
Zuniu bisouro negro; e á nona o-viram
Cahir de morte subita no prelo.
Ante a loja da Chronica tres veses
A' meia noite em ponto, a visinhança
Ouviu zurrar um burro, e intrar aos coices
Na somnolenta porta: uma cadella
Negra como um chapeo, nas horas mortas
Foi-lhe uivar feralmente, e dando a lume
Ante os frades de pedra uma podenga,
A' luz dos lampiões morreu de parto.
Estes, e outros auspicios pavorosos
Claro haviam predicto um grão desastre:
E tu morreste, ó Chronica, ¡ tão leve,
Como na terra o-foste, ella te-seja!
As musas, ou das nove, a da comedia,
Mal que tenha logar, ha-de a teos manes
Vir desfolhar, não louros, que os não acha,
Mas dous tômos, ou tres das obras primas
De José Daniel, *barco dos tolos*,
E *almocreve das petas*; Clio, a dona
Do historico buril ha-de na campa
Teo epitaphio abrir, gravando um zero;
E o passageiro, quando o-vir de longe,
Dirá: lá jaz a Chronica! não riam....
Já livre emfim de linguas maldisentes

Segura de vaivens, baixaste á margem
Do irremeavel rio; affeita ás sombras
Viste-l'as sem pavor no proprio reino.
Charonte, bem que ancião, cortez co'as damas,
Deu-te a mão para intrares na barcaça,
E não te-acceitou óbolo, por pobre
Disem os máos, e eu digo que por femea;
De maneira que alli se só se-achára,
Gerava-se o anti-christo. O que foi certo,
Foi que a barca, levando os teos ballotes
Não levava algum pêso: o arraes annoso
Viagem nunca fes, que tanto risse:
Diz-se que o cão trifauce ao descobrir-te
Cahiu logo a dormir, e o fogo eterno
Deixou com se-apagar tudo ás escuras.
  Emfim já gosas no descanço elysio
Digno prémio de ti, vagando ociosa
Juncto a um lago do Léthes: não á sombra
De palmas dos heroes, rosaes de bellas,
Mas de caramanchões de dormideiras,
E de fresca tabúa, porque Minos,
Eaco, e Radamantho, ao pôr-te os olhos,
Para lá *uná voce* te-mandaram.
  Ora pois, largos seculos desfructes
N'essa mansão de pânria: entre os mirrados
Espectros do *parnaso lusitano*,
E tantos mais, que não nomeio agora.
Nunca o *magriço Orpheo*, teo velho espôso,
De Virgilio *discipulo fluente*,
Se-lembre d'ir buscar-te, onde lá poisas,
E revocar-te á vida ¡oh! se o-tentasse,
Possas tu, nova Eurydice, deixal-o

Como um pateta em meio do caminho,
E voltar á tabúa, ás dormideiras.
Adeus, eterno adeus, papel mansinho!
Se vires lá por grutas d'esse Lethes
A *lei da imprensa*, dise-lhe que venha,
Que já por Santarem não temos burros.
¡Adeus! se alguma cousa em perda tanta
Nos-póde consolar, é ver que, ao menos,
Cá fica em tua filha a cópia tua,
Que do nome da avó se-diz Gaseta.
Pede ás parcas por nós, que á sua estriga
Junctem toda a porção roubada á tua:
De guerra a avó morreu: morreste, ó filha,
De má cólera! os astros nos-defendam
Que de agoutada fome espire a neta....
Antes, antes, ó Jupiter, em bombas
De estridula girándola rebente
A annunciar algum festejo grande....
Rei dos reis, pae dos paes, nume dos numes,
Oh! salva-a da penuria, lança a vista
Piedosa, do alto empyreo á rua do ouro!
Na loja da *gaseta* a chusma ferve;
Bem a-ouves, bem vês; mas vê, mas ouve
Que é tudo a desmanchar a assignatura!
Se a tua omnipotencia lhe não vale,
Adeus luses! de aranha ondadas teias
Vão cortinar a loja solitaria!
Nunca mais se-ouvirão lá dentro voses,
A não serem do pállido caixeiro,
Que, por tempo matar, jogue a pelisca;
E virá tempo em breve, em que sisudo
Outro Volney de largo meditando,

Já sol posto, incostado a um frade rijo,
Cousas dirá....que eu não direi por ora.

NOTA.

(1) Bem carecia de notas, para se-intender, esta elegía; mas como lh'as não pus, quando pela primeira vez sahiu a público no anno de 1834; o querer pôr-lh'as agora, venceria já fóros de impossivel. Todas estas allusões a pessoas e cousas, que então pareciam não haver nunca de esquecer — ¡ oh! tremendissimo desingano de vaidades politicas! — são já, a cabo de sós dez annos, enigmas e hieroglyphicos indecifraveis; — ¿ que serão as de hoje, d'aqui a outros dez? ¿ que serão todas as d'este seculo para o dia de anno-bom da era de 2000? ¡ ¡ E ver a ufa nía com que andamos zumbindo alto, labyrinthando e esvoaçando-nos todos como enxames de moscas de verão á nossa réstea de sol, que dura um quarto de hora!! Parecemos os arbitros do mundo presente e futuro; e o mundo presente não faz senão zombar de nós, enxotar-nos, pôr-nos aqui um pouco de assucar, acolá um veneno, mais adiante uma gotta de leite que nos afoga: ¿ e o mundo futuro? o mundo futuro nem saberá de nós; terá de se-occupar com a nossa varêja, que não ha-de desmentir da raça: o primeiro frio do outomno nos-atordôa, parou toda a fervura; o segundo nos-deita abaixo; vem a varredeira, que nos-ajuncta, cantando, para a sua pá: ¡ que nos-procurem depois! A maior e mais ampla história, mais não é que um epitaphio muito curto e muito certo — nasceu, zuniu, morreu. — Não, senhores; ainda que podesse, ja não punha notas a esta elegía.

RENDEZ-VOUS

A uma senhora que sabía muitos versos do auctor e desejavá conhecel-o.

Se das musas a amiga inda suspira,
Por ver Castilho, cujos versos ama,
Venha, e verá que lhe não mente a fama,
Verá um urso tocador de lyra.

AS
FOLHINHAS ANTIGAS E AS MODERNAS.

Conto (1)

Um dia um cura velho,
De Baccho adorador, gordo e vermelho,
A' porta repimpado,
Volvia e revolvia
A buscar na folhinha
A resà d'esse dia,
E tal resa não via.
Dez veses as cangalhas tira e limpa,
E lavado em suor dez veses torna
A' malograda emprêsa:
Té que desinganado,
Da teima emfim se-deixa,
O breviario feixa,
E em taes exclamações converte a resa:
—„ ¡ Oh tempos! ¡ oh costumes!
„ ¡ Onde estão as folhinhas de algum dia!
„ Ja de mim para mim tinha eu ha muito
„ Que estas eram erradas.
„ Segundo estas, passou-se o anno inteiro
„ Sem eu ver o rendeiro,
„ Que ajustou vir cada anno quatro veses!
„ Se me eu fiasse n'estas, nove meses
„ Diria que eram dous, ou quer que seja,
„ Desde o casar ao baptisar na egreja.
„ Não intendo tal festa...
„ Emfim seja o que fôr: vamos á sésta. "

NOTA.

(1) Não fiz este contosinho para desacatar (á moda dos sabios em mez e meio) o clero, e particularmente os curas de alma; mas por isso mesmo, que o parochiar é officio de momentosissimos resultados, não só espirituaes, mas tambem temporaes, e que importa chamar para este ponto principalissimo a attenção de todos os que fasem ou ajudam a faser parochos, para que olhem mais á sciencia e moral do homem, do que á sua libré politica; não me-pêsa dar esta amostra de curas, como ha e eu conheço muitos, que invergonham a religião por sua ignorancia; e por seo desleixo escandalisam e empeioram o povo. Da ignorancia bruta, entre elles mui commum, mas que seja superfluo porei aqui um exemplo, não dos milhares que este reino me-está offerecendo, que não quero apódos de satyrico, mas de alheias e longes terras.... ¡dos Estados Pontificios! — ¡Em toda a parte da vinha anda o pulgão!

Colhemos o caso fresquinho do *Courrier de L'Europa* de 2 da corrente março, que hoje, 18, nos-acaba de chegar ás mãos.

«Um clerigo moço, de não vulgar talento e exemplar piedade, prégador de fama, e confessor muito procurado, cahiu doente de molestia apertada e perigosa. Aconselhou-lhe o médico certas águas mineraes, bebidas na fonte, que ficava em um logarêjo, não longe da cidade onde vivia, sito lá para as vertentes septemtrionaes dos Apenninos. Mas ou porque o mal não tivesse cura; ou porque o remedio fosse desacertado; a infermidade ingraveceu; para logo se-perderam as esperanças, e sem deixar tempo a se-avisarem amigos nem parentes introu em artigo de passamento. Aqui se-vê o moribundo intrégue só ao parocho do logar, que era um pobre cura serrano, mais camponio do que padre. Este, havendo para si, que o fim do seu confrade estava á porta, só cuidou em lhe-administrar o officio da agonia. Ajoelhou-se-lhe ao pé da cama, abriu o seo ritual e poz-se a ler. O agonisante achava-se nas últimas, e não tinha até alli podido tornar resposta a quantas perguntas o cura lhe-fisera. Mas com grande assombramento, e logo depois com grande escandalo e horror do mesmo cura, estremeceu-se como convulso, arrancando do fundo do peito negativas formaes e repetidas no fim de cada versiculo, *não*, *não*, *não*: como quem protestava contra o valor das preces da egreja.»

«O cura foi continuando com as suas orações cada vez mais energico, e o mal-aventurado com as suas negativas, até que exhalou o último suspiro, que foi uma especie de ronca de desesperação.»

«Não havia dúvida para o cura: seo collega tinha repulsado até ao cabo os confortos espirituaes e acabára impenitente.»

«Chegam os parentes do defuncto: seo primeiro cuidado é mandarem levar o cadaver para uma egreja da cidade segundo o costume. O cura da aldeia ja tinha ido adiante, e a toda a pressa, para falar com o bispo de *Forli*, e faser-lhe saber, por descargo de sua consciencia, o que era passado.»

«O testimunho de um ecclesiastico, no tocante aos últimos momentos de um moribundo, recebe-se nos estados romanos como prova inteira: ficava logo certo, visto como o finado havia recusado até ao fim os soccorres ecclesiasticos, que se não havia de sepultar em terra sancta.»

«Grande susurro por toda a cidade: a familia do morto faz tudo, quanto sabe, porque se-dispense na severidade do regulamento: e nada obtém. ¿Que se-havia porém de faser ao corpo? As antigas confessadas d'aquelle padre attestavam, a voses, a muita piedade e charidade, que sempre n'elle resplandecêra: e agora vinham em cardumes ajoelhar-se e orar em derredor do seó esquife, e cobril-o de lagrimas e flores. Intendeu o vigario geral, que não havia remedio, senão justificar, perante o povo, a ordem ja dada. Chama o padre, que lhe-assistíra ao passamento, e dis-lhe — que diante do povo mostre e leia cada uma das orações que o mal-aventurado lhe-repulsára.»

«O cura abriu o ritual; aponta ao vigario geral a página; e este leu...»

«¡ Era o esconjuro ou o exorcismo contra os gafanhotos!»

«O triste clerigo da aldeia não sabia latim: posera-se a ler á tôa no livro litúrgico: e o coitado do moribundo fasia todas as diligencias para lhe-dar a intender que não era aquillo.»

«A ordem, intendido está que foi revogada; e o corpo interrado com todas as honras devidas a um fiel.»

EPIGRAMMA.

Exclamou certo avarento,
A um que se-ía inforcar:
«— ¡ Feliz homem, que tres dias
» Poude comer sem gastar!» —

A'

FONTE FRIA DO BUSSACO.

Ode.

Do cavernoso albergue, ao sol vedado,
Sahe, de relance ao menos,
O' alva nympha, solitaria e meiga,
Da fria e clara fonte!

¡ Quão bella deves ser, se a naturesa,
O' nayade escondida,
A urna argêntea em tuas mãos confia
De tão formosas águas!

Ou pela aberta rocha ao menos lança,
A furto, os negros olhos;
E por entre o molhado e verde musgo
Translusa o niveo rôsto.

Vê com que esmêro e pompa a naturesa
Adorna o teo retiro:
Olha estas grandes árvores, que apenas
Sentem do vento os sôpros.

Olha a mansa bacía, onde se-espraia
Tua água transparente:
Farto musgo a-atavia, e musgo emtôrno
Gratos assentos fórma.

Olha; vê que nem Euros te-perturbam
O teo cristal sereno,
Nem gado, nem pastor, nem ave ou fera,
Nem folha desprendida.

Com que rumor as águas, em saindo
De seu não fundo tanque,
Descem, saltando em fugitivo arroio,
Pelo teo monte abaixo.

Castas sombras, pacifico retiro
Tão velho como os montes
¿Sabeis que existe um deus com ásas d'ouro
Que os corações inflamma?

Não: jamais entre vós ternos suspiros
Que amor arranca aos peitos,
Nunca maviosas queixas se-escutaram
De corações escravos.

Aqui só reina a paz; vivem com ella
As austeras virtudes:
E' d'estes cumes solitarios, tristes,
Que o mundo se-despresa.

Jamais humana dextra em vossos troncos
Gravou terna legenda:
¡Oh! ¿quem gosa do pranto matutino
Da aurora, em taes logares?

¿Quem é que ao pôr do sol d'aqui contempla
O córado horisonte?
¿Para quem sólta o rouxinol em maio
Seos nocturnos gorgeios?

¿Quem se-aproveita do luar, que deve
As horrorosas sombras
Romper aqui e alli nas tardas horas
Da noite socegada?....

Ninguem: — ¿Porque junctaste estes incantos
Pródiga natureza?
Aquí não vem Glicera, ou Chloe, ou Daphne
Toucar-se juncto á fonte.

Nunca as graças gentís aqui vagaram;
Nunca talvez um vate
Se-aproveitou dos mágicos delirios
Que geram taes logares.

Tu vives pois, quieta em teu retiro,
Rara vez procurada,
O' alva nympha, solitaria e meiga,
Da fria e clara fonte.

Tenhas sempre, nas húmidas cavernas,
De águas alma abundancia:
O ardente junho, o túrbido janeiro
Egual te-vejam sempre.

E quando, gasta a rigida cadeia
D'onde o universo pende,
Ja sem ordem, sem leis o velho mundo
Cahir sôlto em pedaços,

Então, antes que o cáhos as dispersas
Reliquias ingolfado
No horror medonho da segunda noite
Houver; salva-te, ó nympha,

Com teos vassalos, invisiveis genios;
Transporta n'um momento,
Inteiro, este logar sobre algum monte
Do aventurado elysio.

Por ora dorme em paz, meia incostada
Sôbre a urna argentina:
Aqui ninguem teo somno descançado
Virá interromper-te.

Só na alta noite alguma vez, ja quando
Alto silencio impera,
Accordarás ao baque de algum tronco
Dos annos carcomido,

Que farto de ver seculos, e curvo
Ja por mil tempestades,
Desarraigado emfim cahir ao meio
Da mata, que te-cérca.

ELOGIO A...

—„ Tem lido quanto é moderno;
„ Estudou a Grecia e o Lacio;
„ Sabe de cór todo Homero,
„ Ovidio, Virgilio, Horacio.
„ Tem genio por dez ou vinte;
„ Tem milhões de poesias;
„ Seos versos são todos cheios.... "

—„ ¡ Sim! ¿ de que? "

—„ De alarvarias „

IMPERTINENCIA DAS MÃOS.

ADIVINHAÇÃO MORAL.

N'um domingo de janeiro,
Em meo capote embrulhado,
Sosinho ao pé do braseiro,
Puz-me a apertar regelado
As mãos, que assoprei primeiro.

¡Mas qual meo pasmo sería,
Quando ouvindo um rumor leve....
Senti que das mãos sabia!
Quero contar-vos em breve,
O que uma á outra disia.

Direita. Arrede-se um poueo mais,
Visinha, se lhe-parece,
Não gósto de súcias taes.
Julgo que ás veses se-esquece
¡De que não somos eguaes!

¿Tem frio? vá-se aquecer;
Mas não se-metta comigo:
La tem capote, se o-quer:
Lindo seio é meo abrigo,
Que me-accolhe com praser.

Esquerda. Tocar-vos eu, illustrissima,
Não suppuz ser culpa horrífica,
Quando eu, escrava humilíssima,
E vós, senhora magnífica,
Temos por mãe a mesmíssima.

¡De ouvir-vos me-sinto extática!
¿Fórma, côr, dedos identicos,
Terão diversa pragmática?
¿Que é dos titulos authenticos,
Porque sois aristocrática?

Direita. ¡Que é dos titulos! A espada,
A lyra, o pincel, e a penna,
A alliança, a fé jurada,
O sceptro que o mundo ordena,
De amor a expressão calada.

¿Sou eu; ou sois vós, que dais,
Ja cidades aos humanos,
Ja templos aos immortaes?
¡Sem mim, nos undosos planos,
Que náu arfára jamais?

¿De feras quem purga a terra?
¿Quem deu a Alexandre os louros?
¿Quem é que os êrros desterra?
¿Quem trouxe a Eneida aos vindoiros?
¿Quem o raio a Jove aferra?

¿Quem o universo renova?
¿Ou quem.... ¡ mas... trabalhos vãos!
Teo nome sinistro é próva,
De qual d'entre as duas mãos
Mais por seos feitos se-appróva.

Esquerda. Vencida estou: ¡ Que dialectica!
¡ Que persuasiva rethórica!
¡ Que discurso cheio de ethica!
¡ Que vasta sciencia histórica!
¡ Que suasória tão pathética!

Em tudo falais verídica:
De louvor com jús sois cúpida.
No fôro, com tal causídica
Vós foreis tudo, e eu estúpida
N'uma sentença juridica.

Direita. Basta, basta de ironías:
Refuta rasões discrétas,
Se pódes, porém não rías:
Deixa da Italia aos poetas
Eguaes esdruxularías.

Esquerda. Aproveitando a licção,
E a licença, que me-dá,
Juro ¡ á fé de honrada mão!
Entrar em materia ja,
Co'a mais sisuda oração.

No meo humilde intender
A questão dous pontos tem;
Dous pontos: e vem a ser,
Se eu faço, ou não faço bem,
E se o posso, ou não faser.

Quanto á primeira, é verdade,
Que a direita diligente
Funda, ou toma uma cidade,
Emquanto a esquerda dormente
Jaz no seo bolso á vontade.

¿Quer-se um navio? a direita
Agarra só no machado,
Prostra o bosque, serra, ageita;
Mal me-tenho precatado,
Apalpo uma náu perfeita!

Sem mim, tece a tecedeira,
Atira o atirador,
E cosinha a cosinheira;
Sem mim, tóca o tocador;
Tu és a só, e a primeira.

A côr mesma, a côr bastára
A decidir a questão;
Tu és queimada, eu sou clara.
O que vai de mão a mão,
Só não vê quem não repara.

Passando ao segundo artigo,
Se posso, ou não faser bem;
Com minha vergonha o-digo;
Comtigo a natura é mãe,
Cruel madrasta comigo.

Tu nasceste habilidósa,
Como eu inerte nascí;
A educação cuidadosa,
Que te-fez tão destra a ti,
Fôra comigo ociosa.

João Jacques (certo animal
Que tracta da educação)
Diz, que com disvélo egual
Se-crie uma e outra mão,
E eu serei tua rival.

Que, por exemplo, na escripta
Nos-empreguem sem diff'rença....
¡Havia ficar bonita!
Ja Macróbio assim não pensa,
Mas é porque esse medita.

Diz, que a parte esquerda é fria,
Que a parte direita é quente:
Com figado e anatomía,
Decidiu, mui sábiamente,
Que eu nada faser podia. (1)

(1) Macrob. Saturnal. Lib. VII. Cap. 4.

Tu é que fases tolice,
Fidalga, em não me-cortar
Pela minha mandriíce.
Sem mim póde-se passar.
Abaixo a canalha... — Disse.

A direita, que affastada
Se-tinha estado torcendo
Em crespo murro fechada,
De injúrias tropel horrendo
Hia soltar indignada...

Eis que ouço diversa gente
Vir intrando na cosinha,
Fugida ao frio inclemente;
Nos bolsos, com mágua minha,
Sumí as mãos de repente.

INSCRIPÇÃO,

Para um monumento lapidar, juncto a Alcáçar-do-Sal, á memória dos liberaes alli assassinados.

Aqui de tua patria os defensores
Tragaram do martyrio inteira a taça:
Viandante! leva as lagrimas e as flores;
Lê só, dobra o joelho, adora, e passa!

HYEMS.

ELEGIA.

Arboribus cecidere comæ, tacuere volucres,
 Et nive sub tristi dura rigescit humus.
Jam procul intonuit contractis nubibus æther,
 Nigra repentinis ignibus arva micant.
Nox rabidis furiosa Notis ruit undique cælo,
 Et radiant toto sidera nulla polo.
Nunc agite, nunc ferte, viri, quæcumque per agros
 Rapta procelloso vortice silva jacet.
Pauperis oh! tuguri dissolvite frigora, Divi,
 Longus et in noctem luceat igne focus.
Nunc, pueri, properate simul, properate, puellæ,
 Considat mixtis garrula turba jocis,
Bruma, vale, valeatis, agri: dum luceat ignis,
 Ventorum ridet rustica turba minas.
Dum tereti volvunt fuso sua pensa puellæ,
 Altera in alterius carmina carmen adit.
Et pecoris blanda comitatur arundine custos
 Filidis argutos, dulcia verba, sonos.
Hæc canit aligeri contemptos Numinis ignes,
 Atque puellari tela repulsa sinu.

Dumque canit, nititurque animos finxisse superbos;
Nescio quis tacitus conficit ora rubor:
Arrident cunctæ, cunctæ convicia miscent,
Accensis oritur jam nova causa genis:
Nescio quem fingunt, de quo negat illa, Menalcam;
Fabula nec pago notior ulla fuit.
Nunc salibus locus est; nunc verba licentius audent;
Cum vetula in fusum candida fila trahens,
Atque animo longos repetens, quos degerit, annos,
Incipit, et narrat, dum latus omne silet.
Nunc canit, aut trepida regem sub nocte vagantem,
Cui procul é magica visa lucerna domo;
Aut sine posticibus cantatæ mœnia turris,
Regnat ubi in rapta virgine dirus Arabs.
Ora tenent omnes, et longa silentia fiunt,
Dum furit excluso turbidus imbre Notus.
¿Quid cessare juvat? nunc pocula sumere tempus,
Nunc decet arguto tingere verba mero:
Jam mihi castaneæ crepitant sine cortice flav,
Quas prius accensis supposuere focis:
Spargite nunc cineres, et opimam carpite prædam,
Rursus ¡io! pateras, et bona vina date.
Terque, quaterque juvat radiantis munere Libri
Expleri: siccis sit malus unda pudor.
Nos celeres ventos, tonitrus spernamus, et imbres,
Amphora in alternas itque, reditque manus.
Illic et risus, et verba jocantia certant,
Atque pharetrati, candida turba, Dei:
Illic et cœston, veneresque, et gratia triplex,
Lusibus atque comes flava juventa suis.
Basia ferventi fluitant commixta Liæo,
Carmina blanda, novem, munera vestra, Deæ:

Quare agite, et diras, tu vir, tu fœmina, curas
Pellite, non nostrum est, quod petit ira Jovis.
Rumpatur, quicumque ratem temerarius audet
Incerto fragilem conseruisse freto:
Aut captis siquis miles ponit otia telis,
Quique suos unquam deseruere lares.
Nos servant circum, nemoralia mœnia, silvæ:
Non ruit in quercus Jupiter ipse suos.
Stramineis summas ferientia fulmina turres
Parcunt non parvis invidiosa casis.
Nos bona simplicitas, pietas nos alma tuetur,
Lætitiæque parens, Idaliusque puer.
Nos cessare decet, genio indulgere secundo,
Et canere, et quavis cingere fronde caput.
Jam vernæ periere rosæ, cecidistis, aristæ,
Uvaque pampineo grata sapore Deo:
Post aliquot fugient brumalia tempora lunas,
Atque perituras terra feret violas.
Cuncta volant, sapite, ó Juvenes, et, dum sinit ævum,
Lucro apponatur, quæ datur hora brevis.
Vernales aliis venient in gaudia soles,
Qui Jove sub tristi somnia longa gerunt:
At vos, inclusique domo, curisque soluti,
Ludite; cessandi tempora longa manent.
Oscula nec blandis pigeat sumpsisse labellis,
Nec rapere invitis, grataque verba loqui.
¡Me miserum has inter modo Julia nostra fuisset!
Quod moneo, exemplis condocuisse velim.

—

A

MAURICIO JOSE' SENDIM.

Por tres veses solicitou e obteve de mim 'a officiosa amisade d'este nosso, mais ingenhoso e fecundo do que afortunado pintor, que eu me-deixasse por elle retratar: por tres veses sahiu d'esta sua empenhada obra, como de todas o-costuma. D'estes retratos o primeiro e o terceiro, que foram lithographados, conhece-os o público: o segundo, um bello quadro a oleo, conservo-o eu, como offerenda e memória do seo affecto. A epistola foi a expressão do meo agradecimento pelo primeiro.

EPISTOLA.

Já desde Homero, em tráficos do Pindo,
Amigo meo Sendim, não roda o ouro.
Versos, bustos, paineis, primor das graças,
Pague-os sêcco bretão por sommas brutas,
Se muito ha que do auctor deu cabo a fome.
Lisonja em metro, em marmores, em côres,
Incommende-a o mimoso da fortuna;

Pague com seos dobrões a glória alheia.
Nós que, longe da terra, ao vulgo estranhos,
Vivemos facil vida anachoreta
Por solidões de imaginario mundo;
— Que os louros para nós, por nós plantados,
Ouvimos susurrar por sôbre o colmo
Da hermidinha, onde as musas nos-visitam;
— Nós, nós, a quem deu alma a naturesa,
Não terrea, não mortal, não simples alma,
De instinctos animaes fugaz composto,
Mas generosa, esplendida, sublime,
Mixto da etherea luz, do olor das rosas,
Do gorgeio do cysne, e do profundo
Bramir do oceano, e do beijar das rôlas,
E do albôr melancolico da lua,
E da calma do estío, e das sonoras
Bafagens tuas, Hespero, e do lume
Trémulo e scismador dos longes astros,
Não pomos preço vil ao que é sem preço.

Como lá n'outra edade, entre homens simples,
Colono, pescador, monteiro, artista,
De mão a mão seos commodos trocavam,
Tal dura e durará commércio nosso.
Irmãs, e não rivaes, as artes-bellas
Apertem mais e mais seos mutuos laços:
Sua origem commum, seos fins os mesmos
Impõem-lhes lei de amar-se, unir exforços,
Umas ás outras realçar o incanto.
Mais, muito mais que irmãs, são todas uma;
Em nome, em fórma vária é uma a essencia;
A bellesa, a verdade, anceiam todas.
Pinta o Meónio, poetisa Apelles;

Phidias derrama em marmore a harmonia,
Orpheo nos magos sons esculpe os deuses.
Não ha mais que um só deus, uma verdade,
Uma bellesa só: mostral-a em côres,
Em figuras, em sons, em phrases pódes:
São cultos de um só nume em linguas várias.
A amendoeira em flor é primavera,
Primavera é como ella o céo macio,
Primavera a violeta, os ninhos novos.
Unica e pura a interna luz do ingenho
Dos sentidos no prisma se-refrange,
E sahe cambiada em fulgidos matises.
Como as côres são luz, são estro as artes.
De nossa indústria os fructos permutemos.
O mago teo pincel doou-me aos evos;
Se os versos meos aos evos resistirem,
Nos versos meos reflorirá teo nome.
Ah! não poder eu mais..! qual tu meo todo
A' estampadora pedra o-confiaste,
Capaz de confundir maternos olhos!
Não poder eu tambem pintar no metro
Genio, vida, expressão, physionomia
De quadros, onde a mente aos olhos fala!
Desegual foi comnosco a naturesa:
Amante seo feliz tu gosas d'ella,
Abráça-l'a com extasi, surri-te,
Descobre-te um a um seos mil incantos;
E como se um tal bem não fosse immenso,
Diz-te = Eis-me aqui, retrata-me, ó ditoso;
D'onde os gostos extrahes, extrahe a glória. =
Não assim eu: eu busco-a... ella se-occulta;
Chamo-a, invoco.... ou não vem, ou só de longe

Fugaz e esquiva se-entre-mostra, e passa,
Como visão por sonhos vaporosos; —
Como scena confusa e namorada
De já perdido livro; — como idéa
Da mui longinqua infancia, que inda a medo
Por sob as cãs revôa ao pé das urnas; —
Ou como o astro da noite em selva umbrosa; —
Ou como as voses de um serão do estio,
Quando da aldeia as virações as-levam
Sôltas e vagas ao curioso ouvido
De erradio viandante; — ou como o vulto
De ingrata amada em vão, que evita incontros,
Leve atravez das árvores refoge,
Sem deixar mais de si que a viva imagem
D'alva roupa esvoaçada e gostos idos!
Realiso as que a Grecia fabulára
Impaciencias do Alpheo, quando entre as nevuas,
Dôido de amor, frenetico, debalde
A vedada Arethusa andou buscando;
« Nympha, vi-te, clamava, ai! quero ver-te! »
E o *ai*, com que as florestas apiedava,
Não apiedava o coração da exempta.
A' beira de suas águas fugitivas
Depois cançado e triste hia incostar-se
A procurar pelo ânimo saudoso
Que feições inxergou, quaes poderiam
Ser as mais que não viu; compunha-a toda,
Linda sim, mas phantastica; e por ella
Com longo affecto os echos entretinha.

Por isso ninguem peça inteiro canto
Na harpa quebrada! A voz de outros poetas
Que o-sólte; não me-assombra: a solpha inteira

Perante os olhos seos se-desinrola.
Minha harpa incerta em solidões por noite,
Não apontados sons pendente exhala,
A capricho de um zephyro que adeja.
De Achilles, dos Jardins, do Eden os vates
E dos Bardos o Bardo, Ossian o altivo,
(Pelo seo estro o-juro; immensa jura!)
Taes não subiram, se ás geladas trevas
Desde a infancia atro genio os-condemnára.
Manhã da alma existencia, oh! como alegre
Me-alvoreceste! Oh! plena luz, inlêvo
De que o minimo insecto ignaro gosa,
Riquesa, de que é rico o mundo todo,
Luz, com pródiga mão dos céos lançada,
Vida, bellesa, luz! palavra etherea,
A unica de um deus no grão momento,
Em que ao formado mundo erguia o panno...
Luz, luz, eu te-gosei na infancia minha:
Gosei!.... quem te-possue gosa-te acaso?
Não; pródigo, indiff'rente, como todos,
Vi-te, desperdicei-te. Ah! quem me-dera
D'essas horas douradas um minuto,
Uma só gotta d'essas fontes amplas
Por este areal tão sêcco! Oh! com que sêde
N'esse momento me-vingára de annos!
Que joyas no poetico thesouro
Avido para um seculo ajunctára!
Como ás imagens pallidas, que á força
Te-arranco, ó naturesa, como arranca
O ouro entre feses duro escravo á mina,
Como a tantas imagens desbotadas,
Rico legado do minino ao homem,

Revivêra o matiz, o fogo, o lustre!
Então, para pintar florestas, mares,
Não precisára de espreitar confuso
Um ramo a folha e folha, ou já no cópo
Agil movido o rutilar da limpha.
Se ouvisse descrever a magestade
De um rosto varonil, de uma formosa
O incanto, de um minino as graças lindas,
Tudo isso o-variára a mente facil.
O aspecto do varão nem sempre fôra
A paternal presença. Além de Amalia,
De meos brincos pueris ligeira socia,
Mais formosas houvera, e mais formosos
Anjos mortaes que o meo gentil do espelho,
De olhos tão vivos, tão córado aspecto,
Riso tão doce, e que eu amava tanto....
Saudades vãs! desejos vãos e acerbos!
Se o mar, se o céo, se os campos se-me-esquivam,
Róla a mente em seo mundo infindos mares,
Campos lhe-alastra de opulencia estranha,
Circumvolve-o de céos fervendo em astros.
Tal de Agenor o filho a patria perde;
Mas se lei deshumana o-lança em fuga,
Oraculo febeo condul-o a thronos:
Por Tyro que perdeu lá funda Thebas;
A de cem portas nos canoros muros.
Mas a patria... era a patria; aquella Tyro...
Era a Tyro da infancia; o solio, Thebas,
O elysio, o olympo mesmo a não valeram.
Feliz o para quem da vida as portas
Se-lhe-abriram sem luz! Só tem metade
Do humano apêgo ao mundo, e horror á morte;

Não viu, chupando o leite, o seio amigo,
O surrir brando, os olhos, e nos olhos
O coração materno: as irmãs suas
Não foram mais que uns sons; a rosa um cheiro;
Movimento o passeio; o sol quentura;
Um monte, a estiva noite, as Graças... nada.
Longe outra vez, e para sempre longe,
Saudades vãs, desejos vãos e acerbos!
Que me-importam canções? ¿que outrem descreva
Com mais proprio matiz do mundo os quadros?
Que tenha ou não mais asas para um vôo?
Que importa que um volume de poesia
Seja um thesouro para mim sem chave?
E que dos seios do ânimo rebentem
Meos versos caudalosos, sem que eu possa
Co'a propria dextra abrír-lhes a passagem,
Por onde ávidas páginas inundem?
Não me-rege inda a luz os cautos passos?
Não me-tinge inda ao perto as várias fórmas?
Livros... pluma... olhos meos e dextra minha
¿Quando jamais n'outro eu me-falleceram,
N'outro eu, onde os-amei e os-amo em dôbro?
Graças a amor! á naturesa graças!
Logrei constante, e lograrei perpétuo
Nos laços fraternaes consorcio d'almas,
Nos de hymeneo fraternidade nova;
Meo ente n'estes entes se-completa,
Já bardo sou tambem... sahí, meos versos!
Pura mão, dom dos céos que eu pago em beijos,
Solícita vos-abre ao mundo a estrada;
Sahí, voae; da gratidão fervente
Aos olhos de Sendim levae meos votos!

O AMOR E O TEMPO.

CONTO.

Um dia o Amor e o Tempo sosinhos se-incontraram
Em certa solidão.
Alli, entre os dous numes, pendencias se-travaram...
Não sei porque rasão.

O Amor é deus minino, ligeiro, audaz e alado,
E cheio de podêr:
O Tempo é deus forçoso, indomito e apressado;
¿Qual deve pois ceder?

De ralhos e invectivas passaram a violencia;
Combate se-travou:
O Amor brandiu seo arco; e o Tempo, com demencia,
As settas lhe-aparou.

Depois emfim, cançado de tanto soffrimento,
Sacou da foice o páo,
E sem lhe-diser nada, pagou-lhe o atrevimento;
¡Zurziu-o, e não foi máo!

¿Qual foi o resultado? O Tempo ficou morto
E quasi morto o Amor!
Aqui começa o zoilo a achar sentido torto,
Moral inda peior.

Eu conto-lhe uma história, sem lhe-junctar commento
Sem pôr-lhe explicação;
Elle suppõe que eu pinto namôro e casamento....
¡Oh grande sem rasão!

O ANJO DA HARMONIA.

A' SR.ª D. MARIA CONSTANÇA ARNAUD DE MEDEIROS.

Cançoneta.

Amor, que influe os cantos,
E os sons extrahe da lyra,
Amor de amor suspira,
Se te-ouve modular.
Anjo, que o nome
Tomas de Armia,
Dos céos á terra
Toda a harmonia,
Todo o segredo
Vens revelar.

Amor furtado havia
A's nove irmãs o plectro;
De Gnido em trôco o sceptro
Tu vens ás musas dar.
Anjo, que o nome
Tomas de Armia, etc.

¿Que humano póde oppôr-se
Aos sons, que tu soltares?....
Se a ingratidão cantares,
Pódes fasel'a amar.
Anjo, que o nome
Tomas de Armia, etc.

Teos sons, até sem phrase,
Foram linguagem bella.
Rival de Philomella,
Faláras sem falar!
Anjo, que o nome
Tomas de Armia, etc.

Ama a rasão perder-se,
Quando por magos cantos,
Sereia, em mar d'incantos
A-fases naufragar.
Anjo, que o nome,
Tomas de Armia, etc.

Quem disse = adeus = a ingratas,
Fuja de ouvir-te.... ou logo
Verá da cinza o fógo
Mais vivo rebentar.
Anjo, que o nome
Tomas de Armia, etc.

Se a Ignez soltando achassem
Sons, como os teos divinos,
Seos ferreos assassinos
Fugiram, sem n'a-olhar.
Anjo, que o nome,
Tomas de Armia, etc.

—

EPITAPHIO.

Aqui jaz frei Gaspar, geral dos franciscanos:
Crêmos, com pia fé, que esteja em bom logar.
Teve uma vida sancta; e durando oitenta annos
Não fez mais que um peccado este bom frei Gaspar.
Tomou uma broega aos vinte annos de edade,
De que emfim se-desfez no dia em que morreu.
Se acaso és taberneiro aqui d'esta cidade,
Lê, chora, resa, vai-te, e deixa o officio teo.

AO MESMO.

As minhocas nas mais cóvas
Comem quantos lá vão dar;
Nesta bebem as minhocas
O odre velho, frei Gaspar.

AO MESMO.

Debaixo d'esta campa, ó passageiro,
¿ Queres saber quem jaz? toma-lhe o cheiro.

AO MESMO.

N'esta cóva, com fôro de lagar,
Fermenta agora o caxo frei Gaspar.

AO MESMO.

Jaz aqui frei Gaspar do Tabor,
Confessor, prégador, revisor,
Moralista, casuista, scottista;
Latinista, helenista, organista;
Homem grande em sagrado e profano;
Grosso nó do cordão franciscano.
Foi varão tão constante e tão fórte,
Que em noviço uma *lagea* apanhou,
E sómente a-largou, quando a morte
Esta em cima por fim lhe-deitou.

AO MESMO.

Aqui devóra a terra os restos vís, terrestres,
Da glória, inveja, e flôr dos nossos padres mestres.
¿A sua alma, quem sabe agora onde andará?
Talvez dôida, apesar do seo saber profundo.
¿Como havia de achar as portas do outro mundo
Quem até na da cella esbarrava por cá?

Satisfacção.

Saquei á luz os serôdios epigrammas, que ficam lidos, pela mesma rasão porque tambem vieram á praça os meos apódos ao bom, e já finado, de *Filinto*. Eram conhecidos, e cumpria-me tomar aso para explical-os na parte, em que podiam deixar presuppor em mim veleidadesinha villã de calumniador, e calumniador contra gente morta.

A conta, em que tenho, e se-devem ter os frades, já em outro escripto a-expliquei largamente (*Jornal das Bellas Artes n.° 2*), e não receio agora tornar a passar, a tal respeito, por philosophão do *diccionario philosophico*. Mas n'esse mesmo escripto, repassado de toda a sinceridade da minha alma, confessei eu, que, entre os frades os-havia ruins e dissolutos para maior crédito dos outros — e havia; todos os-conheceram e conheci-os eu tambem. Um d'estes, mas ainda vivo a esse tempo, foi o heroe dos meos epitaphios; que por signal, lá foram dar ao convento, e, como castigo justo, não desagradaram aos padres sisudos e honestos. O mais que fiz, e deví faser, foi trocar o verdadeiro nome do tonsurado odre no de fr. Gaspar.

A

FILIPPE FOLQUE.

Já a nossa poetisa, Francilia (a sr.ª D. Francisca de Paula Possolo da Costa), havia padecido, com a morte de um espôso adorado, o golpe que tanto lhe-antecipou a sua, quando, por carta d'ella, me-constou, no meo retiro de S. Mamede da Castanheira, que uma sobrinha, alumna sua, seos amores, e sua companhia desde a infancia, donzella em flor de annos, e ornada, como por tal mão, de prendas e virtudes, hia felicitar com o seo consorcio ao meo bom amigo, Filippe Folque. Fisera eu versos, e muitos, para procurar alguma sombra de consolação á inconsolavel saudade da viuva; versos, que n'outro volume brevemente offerecerei a meos leitores. Rasão era que o unico dia de algum contentamento, que para ella podia haver sôbre a terra, não passasse sem versos meos. Escrevi ao noivo esta epístola, no genero que ella d'entre todos preferia; no genero classico estrême; o que explica, se não defende, certa soltura, não fescennina nem catonniana, mas pouco para imitar, pela qual em dia de bôda deixei correr o pensamento.

Mais explicações que em notas, ou aqui podéra pôr, supprimo-as por escusadas. Todos sabem o que foi e o que é o sr. Folque: a faculdade de mathematica da universidade de Coimbra, viu n'elle um dos seos mais dis-

tinctos alumnos; a eschola polytechnica n'elle vê um de seos mais distinctos professores: um genio facil e amenissimo, e gôsto litterario, qualidades não muito frequentes nos desterrados para as estrellas, relevam e douram os seos meritos scientificos: a minha prophecia de filhos não era das mais temerarias; sahiu muito bem realisada; um minino de 4 annos, e uma minina de 3, derramam já hoje n'este invejavel casal aquella bemaventurança terrestre, que nunca introu onde não intraram as creanças.

Mais uma palavra por despedida. ¿Porque rasão fasiam alguns mythologos filho de Urania, da musa da astronomia, ao hymeneo? A não ser á conta dos horóscopos; a não ser o pensamento d'essa allegoria o mesmo, pouco mais ou menos, do nosso rifão = casamento e mortalha = não a-atino, nem já a-procuro. Com fundamento ou sem elle, achei feita essa filiação; serviu-me para o caso, approveitei-a. ¡ Quantas outras cousas se não approveitam todos os dias, sem se-saberem explicar!

EPISTOLA EPITHALAMICA.

Se musa de ermitão se admitte em bodas,
Das brenhas, em que dorme, invio a musa
A brindar-te no Tejo, amigo Folque:
Leva na dextra rosa de noivado
Por passaporte; e se não basta leva
Os parabens de um bom amigo ausente.
Teos saudadores, folgasãos convivas,

A-accolham pois; que certo nos teos lares
Sei eu, que lhe não falta accolhimento:
Onde das nove irmãs ja vivem duas
A terceira é bem-vinda: é te, toucada
De lúgubre cypreste, a de Francilia
Deixar ao aureo festim sem uso o plectro;
Bem é que a tua Urania ao menos ouça,
Que outra irmã sua o seo praser celébra.
Cahiste emfim, rochedo inabalavel;
Coração desdenhoso; emfim cahiste!
O que tão sem piedade has feito a tantas;
Uma t'o-fez: ¡ estás vencido e escravo!
(O' dia triumphal nos fastos cyprios,
Digno de lettras d'ouro em niveo jaspe!)
Estás vencido e escravo, e o jugo adoras!
Ah! se amor, qual te-pune, aos mais punisse;
Quantos e quantos, em logar de hontal-o
Repulsariam seos primeiros tiros!
Mas por um, como tu; que ingrato anima,
Milhões de servos bons põe elle á morte.
Longe os queixumes, longe os ais dos tristes;
Coroemos nossa alma de praseres,
De murta as nossas testas, de grinaldas
Os nossos copos; coroemos de hera
As nossas lyras, de loureiro as graças;
De palmas o hymenêo; toldam-se os ares
Com os vapores do incenso, que ás mãos cheias
Lhe-arde na pyra. Sejam estas nuvens
D'este alvo dia as unicas, ó deuses!
Desce, não tardes mais, desce do olympo,
Vôa hymeneo, com fresca mangerona
Intertecido a trança lusidia,

Vem soprando, com o halito de rosas
Da bocca alegre, ao facho, que furtaste
Astutamente a amor: baixa, ondeando
O teo manto de púrpura inflammada,
Com que has-de o joven par cobrir nas plumas,
Porque olhos máos de inveja o não fascinem.
Baixa, hymenêo, vôa hymenêo: ja soam
De toda a parte os hymnos; que mais tardas?
O espôso mal soffrido ja te-accusa:
A melindrosa espôsa — toda pêijo
Por ser feliz — co' os olhos baixos, sólta
Suspiros não maguados, mas suspiros.
Ella deseja e teme... o que não sabe,
Elle sabe e não teme o que deseja.
Vôa, accode, hymenêo, despenna-os ambos.
Alteae cantos, alteae, vós moços
Por disfarçar suspiros invejosos,
E vós, ó virgens, turbações visiveis.
  Viva hymenêo! Silencio! Ahi bate a hora!
Eis o nume, eis o nume; o fogo da ara
Atepu-se por si! Vede-o, que rindo
Sacode o facho em tôrno dos esposos.
Par feliz, fausto agouro as gnidias pombas
Deram rolando, volteando em roda,
Unindo os bicos, inlaçando as asas....
Ja está nos pulsos o festão perpétuo;
Ja não sois mais do que um! N'este momento
N'um fuso novo as parcas principiam
A torcer junctos vossos fios alvos,
Em quanto uma das tres surrindo, e á pressa
Carrega em rocas de ouro a seda rubra
Da amavel, numerosa descendencia.

à

Mãe de hymenêo, formosa Urania, exulta,
Esquece o teo ar grave, Horacio o-disse,
=E' de juiso o-doidejar a tempo:=
Máo-grado ao longo manto asul-celeste,
E á nobre c'roa de astros, que te-ufana,
Dança co'as graças hoje: ao teo alumno
Devias muito; mas teo filho o-ha pago.
Dança co'as graças, dança co'os amores,
Bella Urania, e perdoa-lhes o furto,
Que te-fiseram do compasso e esphera.
Torna-te culta, lava-te da nodoa
De nimia sequidão; fase-te humana
Entre os humanos; teos laureis estremes
Não têm a vista de um laurel com rosas;
No que estreme teceste ao teo alumno
Teo filho as-entresacha: os bons amantes
Tão raros são como os ingenhos raros,
Uns e outros ganham jus ás cem trombetas:
Deixa que o teo mimoso á glória corra
Por estrada não êrma. Embora aquelle
Sôbre cujo sepulchro inda hoje choras,
Embora Newton, só fecundo na alma,
Virgem descesse á campa: embora muitos
(Sem o-tomarem por modêlo n'isto)
Nos-preguem, que a abstinencia é mão do ingenho,
E que a deusa mais sábia era a mais casta:
Cada qual tem seo fado, ou tem seo genio,
E mais de uma vereda á fama guia.
Os homens instruir é muito menos
Do que instruil-os e augmentar-lhe a especie.
Se-é bello andar por céos medindo globos,
Bem doce é vir depois gosar na terra

Dous glóbos sem eguaes, por ninguem vistos,
E contemplar os vivos movimentos
De dous astros de amor, onde fulgura
Do observador o horóscopo ditoso.
O estar sosinho e mudo como Newton
A analysar a luz, valerá tanto
Como ser dous a desfructar as trevas?
Deseseis lustros sem amor são muito
Para comprar mais pompas no epitaphio.
Estudem-se altas leis, que a naturesa
Dicta aos mundos e aos sóes, cumprindo aquellas
Que a mesma naturesa em nós imprime.
  Nenhum astro primeiro incéta a noite,
Nenhum déixa mais tarde o céo ja branco,
E nenhum fulge tão gentil como esse,
Que tem da mãe de amor belleza e nome;
Parece posto alli como a atalaya
Das horas do segredo, e das caricias,
Dos doces furtos, das suaves queixas,
Dos tardos prémios, dos triumphos cautos.
Vós que Newton chorais, chorae-lhe a vida;
Vós que estudais o céo, dai culto a Venus!
Tu lh'o-dás, caro Folque, e mais que os outros
Agora carpirás teo pobre mestre.
  Feliz tu, vesés tres e quatro, e tantas
Quantas já nos teos numeros não cabem:
Feliz tu! dos praséres mais subidos
Nenhum ha, que os destinos te não dessem!
Tu conheceste o incanto das viagens,
O de achar a evidencia; o do reinado
Dos corações, co'a mágica harmonia:
Faltava o que hoje tens, e excede a todos,

Dar a ventura e receber a amante.
¡Oh! e quanto amará quem tem por sua
Essa alma, que respira em tua flauta!
Nunca assim nas arcadicas florestas
O deus, inventor d'ella, e o mais amante,
A-fez queixar-se aos ecchos admirados!
Labios, que em vagos sons exprimem tanto,
¡Que não farão em repetindo — eu te-amo!
¡Que não farão beijando um seio intacto!
  Com dextro pé subaes ao ígneo thoro,
Felises corações; e amor sem venda
Vos-seja cada noite o paranympho.
Pensae, que se nos céos se-avista Venus
Tambem lá está Saturno, o deus das eras,
O conductor da morte: aproveitae-vos
Da facil mocidade, que não torna.
Para amar-vos fieis por toda a vida
Sêde sempre. . . . o que sois, amareis ambos,
E julgae cada dia o derradeiro,
Para que a desventura vos-respeite
Fasei que sempre unanimes vos-ache.
Imitae um com o outro esta harmonia,
Que reina entre o planeta, em que habitâmos,
E essa gentil satellite visinha.
Se a lua corte o circulo do anno
E' girando em redor do seo planeta;
Se-este avança na orbita prescripta
Não deixa atraz um só momento a socia;
Ambos elles têm dia, ambos têm noite,
Mas graças á união com que viajam,
Um ao outro allivia, e infeita as noites,
E reflectindo a luz, mais doce a-tornam.

¡ Ah! cumpra em vós o céo, brilhantes astros,
Do vosso hermita as súpplicas ardentes;
Nunca tereis eclypse, eu vol-o juro,
E correreis uma órbita sem termo.
Emquanto eu cá na serra, entre os meos lobos,
(Mas louvores á sorte, ausente de homens)
De ti me-lembro, amigo, e em honra tua
Orno um bom copo de silvestres flores,
Tu a amor, nada mais, por ora intregue,
Depois só repartido entre elle, e Urania,
¿ Terás para a amisade um pensamento?
Sim! ao menos o mez do umbroso Jano,
Que ao mundo me-lançou, fará que observes
Nascer no espaço ethereo a lyra muda;
Muda a lyra, em que Orpheo deu glória á Thracia,
E as Thracias não moveu, movendo os Manes.
Se eu te-lembrar então: dise saudoso;
» Outra menos brilhante existe agora,
» Muda tambem, n'um êrmo em nossa Thracia;
» A que além brilha commovia os brutos,
» Refreava os tufões; e esta receia
» Mandar o som mais leve ás brandas auras,
» Porque feras mais barbaras que as feras,
» Porque bandos mais ebrios que as bacchantes,
» Não desincantem, não devorem vivo
» O vate, réo por não cantar a infámia. »
Se desejas pagar-me o puro zêlo
Com que a lyra espertei para cantar-te,
Dá-me (e darás) em nove luas certas
Novo motivo de c'roar tres copos.

A RIBEIRA E O LAGO.

FABULA

Que já teve mais sentido do que hoje tem.

Uma ribeira plácida,
Filha de pobre fonte,
D'entre rochedos ásperos
Vinha de alpestre monte.

Hia sem nome, e incognita,
Correndo extensós prados,
Auxiliar do agrícola
Os próvidos cuidados.

Aqui lhe-dava o rústico,
Nas hortas, franca intrada;
E a clara lympha argêntea
Em ondas derramada,

Nos sulcos imbebendo-se
Nutria os vegetaes:
Mais longe diffundindo-se
Por concavos canaes,

Hia os pomares flóridos
Regar no fim do dia;
De pasto verde e róscido
Nas margens se-vestia.

A' vaga turba álgera,
Aos gados e aos pastores
Matava a sede rábida
Co'os frigidos licores.

Das aldeãs os cântaros
Inchia até no agosto;
E como espelho lúcido
Lhes-retratava o rosto.

Co'o fresco e co'o murmúrio
As moças convidava;
E em sombra fria e tácita
Os membros lhes-banhava.

Quando no inverno barbaro
Os ventos sibilavam,
E os puros céos diaphanos
De nuvens se-affrontavam,

Quando silencio lúgubre
Nos campos se-estendia,
E só da chuva o estrépito
Nos bosques retinia,

Quando em torrentes rápidas
Dos montes escalvados
As águas, derramando-se,
Vinham cobrir os prados,

Então com maior ímpeto,
Com forte murmurinho,
Tinha maiores préstimos
Por todo o seo caminho.

Cahindo branco e túrgido,
Com sua furia toda,
Do moinho em leves círculos
Voltear fasia a róda;

A galga pesadissima
Na vasa do lagar
Em prolongado vórtice
Fasia remoinhar;

Emfim, sereno ou túmido,
Correndo o bom ribeiro,
Inglório, mas proficuo,
Servia o anno inteiro;

Ja desfalcado e tenue,
Mas sempre doce e ledo,
Se-hia ingolfar por ultimo
N'um lago vasto e quêdo.

Bosque de muitos séculos
Tolhia aos ventos vagos
Turbar o amplo circulo
D'este primôr dos lagos.

Verde broquel frondífero
Por cima lhe-estendia,
Contra as frechadas rábidas
Do sol do meio dia.

N'um fresco, n'um crepusculo
De eterna duração,
Dos fogos da canícula
Zombava o soberbão.

Nas noites solitarias
A maga Philomella
Cantava a paz suavissima
De solidão tão bella.

Do melro a grave música,
E d'outros mil cantores,
Do lago alçava a glória
Nas asas dos louvores.

Nymphas dos valles proximos
O-vinham visitar;
Ouvia de contínuo
Seo nome aos echos dar.

Gosava quantos cómmodos
Um lago póde ter;
Só lhe-faltava o mérito
De proveitoso ser.

Era estagnado pântano
Corrupto, esverdinhado;
Beber-lhe as águas sôrdidas
Temia armento e gado.

Os vermes habitavam-no:
Sahia, e nunca em vão
De seos miasmas putridos
Contínua exhalação.

Nas proximas planicies
Miserrimas doenças
Fasiam com seo hálito
As solidões immensas.

Da habitação selvatica
Fóra jamais passou,
Nem de ajudar o agrícola
Co'as regas se-dignou.

¿A' sua nobre inercia
Que póde haver que impórte?
Só de árvores sem prestimo
Nutrir faustosa côrte.

Eis o gentil depósito
Onde a corrente mansa
Os seos thesouros líquidos
Continuamente lança.

Um dia a torva Nayade
Do lago preguiçoso,
Olhou seo feudatario
Com gesto desdenhoso....

Olhou-o, porque o misero
Té alli nem fôra olhado;
E disse-lhe, surrindo-se:
« — ¡Como tu vens cançado!

» ¡Como vens pobre e humilimo!
» ¡Que bom vassallo que és!
» ¡Vêde as rendidas pareas
» Que arroja ante os meos pés!

« ¿Vil, insolente, pérfido,
» E ousas assim tractar-me?
» Pelos meos bosques, juro-te
» Que saberei vingar-me.

» Farei que a fonte incognita
» D'onde lhe-sabes tão pago
» Venha no centro líquido
» Correr d'este meo lago.

» Co'uma palavra mágica
» Te-sumirei no pó,
» Sem que de ti, sacrilego,
» Fique um vestigio só. »

Não bem findára a Nayade,
Annúe a selva; ¡então!
Das aves sôa, unísona,
Geral acclamação.

O feudatario mísero
Da ameaça vã tremeu,
Porém comsigo tácito
Dest'arte discorreu:

"— ¡Que orgulho e louca insania!
» Um lago é pois mais nobre!
» Insulta-me, despresa-me
» Por util ser, e pobre!

» Suppõe, no seo delirio,
» Que excede a mil ribeiros,
» Por ter antigas árvores
» E alados lisongeiros.

» ¿Com altivez estupida
» Como é que a tal se-atreve?
» ¿Não sabe que a existencia
» A's minhas águas deve? — »

Prelados, duques, principes,
Para não ser molesto
A vossas excellencias,
Vou resumir o resto.

Longas leituras cançam-vos,
Não sendo em pergaminho:
Tornar-me-hei pois lacónico,
Sem me-tornar mesquinho.

O meo regato incógnito
De direcção mudou;
E o lago ficou árido
Quando elle lhe-faltou.

A doce lympha argêntea
Emvez de se-estagnar
Foi mais pomares flóridos,
Mais hortas foi regar.

O bosque inutil e hórrido
Co'o ferro emfim cahiu;
Os males dissiparam-se,
A vida resurgiu.

Esteril e infructifero
O campo inhabitado
Ao curvo dente rígido
Se-abriu do activo arado.

Aqui termina a fábula:
Cautéla co'as violencias;
Deus guarde infindos séculos
A vossas excellencias.

AS

DUAS. PRIMAVERAS.

Lapa dos Esteios
maio de 18[illegible]6.

Non semper idem floribus est honos Vernis-
Horat. *Cam*. *lib* 2. *ord*. 11.

E' este o aprasivel sítio,
A gruta amena e florída,
Onde gosei, entre amigos,
O dia melhor da vida.

Eis o rio argênteo e manso,
O caes vistoso e pequeno,
A abóbada de verdura,
O ar macio, o céo sereno.

São estes mesmos, são estes
Os favonios, que eu senti:
Alli gorgeava um melro,
Um melro gorgeia alli.

Foi n'esta gruta que outr'ora,
C'roado de brancas flores,
Eu cantei a primavera,
E por ella ardi de amores.

Então viessem as nymphas
E a rainha de Cythéra,
Não poderiam mover-me,
Que eu era da primavera.

Suspirei, chamei mil veses;
Gritos, ais... foi tudo em vão;
Nunca incontrei no universo
Quem tinha no coração.

Essa linda e joven deusa,
Cujo surriso celeste
O mundo cobre de flores,
De alma luz o céo reveste;

Essa deusa, pelos vates
Tantas veses celebrada,
De Flora sempre seguida,
Dos favonios cortejada;

Essa que doces desejos,
Praseres e amor inspira;
Que eu amei, que tantas veses
Celebrei na curva lyra,

Jamais existiu na terra;
Foi minha credulidade,
Foram do estro os delírios,
Que lhe deram realidade;

Nasceu de uma voz secreta
Que n'alma senti gritar
—« E's mancebo, é tempo, escolhe!
« E' tempo, deves amar! »—

Quiz seguir a lei sagrada....,
Mas não incontrei jamais
Que valesse os meos suspiros
Uma só d'entre as mortaes.

N'umas o genio orgulhoso
Se-oppunha á minha ternura;
N'outras o estudo affectado;
N'outras o ar da loucura.

Qual era da ira escrava;
Qual invejosa e mordaz;
Qual do trabalho inimiga;
Qual inimiga da paz.

Os vicios, os prejuisos
Incontrava em todas ellas;
Em todas ellas reinava
O genio das bagatellas.

Fujamos da baixa terra;
Gritei ao meo coração;
E procuremos um ente
Digno da nossa paixão.

Da naturesa no seio
Vi uma linda chimera;
Segui-a; tornei-me escravo
Da deusa da primavera.

Pelas mãos da naturesa,
Ja preparado o volcão,
Póde accender-se, e violento
Rebentar do coração.

Era um sonho o lindo objecto;
Mas inda que um sonho fôsse
Eu, tendo-o na phantasia,
Tinha d'elle a amavel posse.

Foi então que, todo cheio
Da minha grata loucura,
Corri a collina, o prado,
A gruta, a fonte, a espessura.

A's aves, ao ar, ás flores
A tudo quanto incontrava,
Noticias da sua e minha
Bella deusa eu perguntava.

Mas passou-se a flórea quadra,
Do anno o tempo melhor,
A estação de mil prodigios,
De praser, de paz, de amor.

A minha doce loucura
Então senti destruida;
Doce loucura que um ponto
Foi de luz na escura vida.

Se esta illusão fosse eterna,
¿ A que outro invejar podéra,
O amante de uma deidade,
O amante da primavera?

O tyranno deus de Gnido,
A quem meo passado culto
Talvez parecêra estranho,
Talvez parecêra insulto,

Quiz, vencendo-me, c'roar-se
De novo, difficil louro:
Accendeu seu facho ardente,
Poz no arco a setta d'ouro;

Viu Julia, e bradou — « Tu, deusa,
« Terás da victória parte:
« Vou pôr um rebelde em ferros,
« E novo escravo entregar-te. » —

— « Temerario, audaz mancebo,
« Toma a lyra, então me-diz,
« Canta que eu soube vingar-me
« Tornando-te mais feliz. » —

Suspirei; nos meos suspiros
Senti divino praser,
¡Céos! quem obrou tal prodigio!
¿Que nume tem tal poder?

O' tu, que as deusas excedes,
Mortal, de quem geme escrava
Esta alma, que as proprias nymphas
Indignas de si julgava.

Tu não és de meos delirios
Uma ficção passageira:
Eu fui de um sonho alguns dias,
Serei teo a vida inteira.

Substitue a primavera
Na posse dos meos amores:
Pódes tão linda como ella
Incher-me a vida de flores.

Sabes o que ella não sabe,
Os meos extremos ouvir;
Responder aos meos affagos;
Aos meos ais retribuir.

E's adoravel, existes,
Tens ingenho, e tens ternura;
Pódes, o que ella não póde,
Faser a minha ventura.

METAMORPHOSES DE TODOS OS TEMPOS.

Viu Gertruria n'um quadro deleitoso
Uma Leda gentil, que era affagada
Por um cysne sem par, alvo e formoso;
E leu por baixo esta inscripção gravada:
—¡ Ah! que não póde sôbre o triste humano
O que assim tracta a Jupiter sob'rano¡—

Juncto d'este, outro quadro figurava
Prado, nymphas, Europa, e o niveo touro,
Lambendo os pés da bella, que o-c'roava:
E em baixo esta legenda em lettras d'ouro:
—Vibra o raio, enche os céos, fez o que existe,
Gigantes vence, e a amor emvão resiste!—

Surriu Gertruria, e cheia de vanglória
Brado:—«¿¡ E pinta-se isto?!¡¿ e é commentado?!
«¿ E achamêno digno d'immortal memória?!
«D'estas faço eu sem ser o nume alado:
«¿ Pois eu não mudo o meo André Maria
«Em pato sempre, e em touro cada dia?!»

AO SR. BORGES

EXCELLENTE COMPOSITOR DE MUSICA.

Epistola accompanhando um exemplar de meo livro
— Amor e Melancholia. —

¿ Entre as serras e o mar quem jaz sentada
Na rocha nua? A brisa solitaria
Lhe-ondeia negra veste, e tranças negras;
O clarão roseo do incendido occaso
Tinge ao pinheiro as balouçadas ramas.
¿ Porque não dá seo fulgido reflexo
Sobre esse rosto pálido? ¿ que idéas
Lhe-voam negras na assombrada mente?
¿ Porque não seos olhos descuidados
Correm de leve as matas venerandas,
Os arduos montes, as planicies verdes,
E o, sem fundo nem fim, turbido oceano,
Para pousar no gothico mosteiro?
¡ Ah! que assaz por seo ar se-lhe-adivinha!
Só descortina a face do universo
Pelo prisma das lagrimas. ¿ E' morta

Sua irmã? ¿sua filha entre essas virgens?
Não: mas respeito aos soltos devaneios
Da musa melancholica do ermo,
Sócia infeliz do adorador de Julia!
Vão-lhe os dias em pranto, em pranto as noites,
Na solidão se-appraz, no horror se-nutre,
E como se-ama o riso, ama os lamentos.
Os filhos do praser, que ao longe ouviram
Seo amargo queixar na voz dos echos,
N'alma pasmaram de paixão tão nova.
¿Que sería, se ao musico instrumento
Casasse a sua dôr, seos ais, seos versos?
Mas que instrumento musico os-diria,
Senão essa que ha seculos intacta
Lyra de infausto amor la jaz pendente
Dos alcantis phebêos sôbre ínvio cume;
Lyra depois de Orpheo tocada a furto
Só pelas plumas de celestes auras?
¿Quem ao loureiro ethereo, onde se-embala,
Ousaria voar, trasêl-a á terra?
Cysne, cysne da magica harmonia,
Podes, ousa, transpõe, assombra os ares,
Furta ao ramo o fatidico thesouro,
Trase-o n'um vôo á musa do deserto;
Que forte por teo dom derrame inchentes
De ignota, omnipotente melodia.
Concebidos na dôr, despidos d'arte,
Acerbos fructos de paixões sombrias,
Seos versos tem o jus dos desgraçados;
Aos desgraçados lagrimas arrancam,
Mas de tua arte accresçam-lhe os prestigios,
Insope o doce canto as agras queixas,

E o segredo das lagrimas aprendam
Os olhos sêccos de mortaes ditosos.
¡Quanto alivio é na dôr o ser carpido!
O veneno das settas do infortunio
Obtem co'o pranto alheio um lenitivo.
Reune aos versos meos, teos sons divinos,
Luso Amphião, empresta ás minhás queixas
A persuasão sympathica do canto;
E os que me-ouvirem, gemerão comigo.
Nas paixões grandes, intimas, revôltas
Quando em fogo as intranhas se-derretem,
E o coração esvoaça pela mente;
Quando ao poder de um nome se-anniquilam
Os céos, a luz, e a terra excepto um ponto,
¡Quanto é pouco o que exprime a phrase nua!
N'essas horas excentricas da vida,
Caia a lyra dos céos nas mãos do genio;
Os anciados segredos de repente
Borbutarão na voz, nos sons das chordas,
Chordas que em longa escala se-variam
De metal em metal, desde o ouro ao ferro,
Desde a expressão do riso ao tom das campas.
A musica, essa harmonica linguagem,
Unica universal, e sempre clara,
Bem que diversa entre as nações diversas,
E' a porteira que franqueia a intrada
Do incantado universo dos delirios:
Tudo é dominio seo, a vida, a morte,
Céo, terra, abysmo, sonhos, existencia,
A saudade, a esperança, o gôsto, as penas:
Prothêo maravilhoso anima tudo,
Diversa em ar e em gesto: entre os pastores

Pastorinha amorosa ingrinaldada;
Ameaçadora e audaz ante as phalanges;
Risonha nos festins, nos templos séria.
Vêr como a terra se-anniquila aos olhos
Na escuridão da noite, e como inteira
Resahe do cahos ao fulgir da aurora;
Cora e surri co'a luz a rosa nova;
Alegra-se a ceara; o mar se-antolha
Vasto e sublime, tristes as montanhas,
Melancolica a pedra funeraria!
A melodia é a luz que extrahe do cahos
As palavras sem ella amortecidas;
Com ella a dôr é dôr, e o gôsto é gôsto.
  Surge Amphião, preenche os teos destinos;
As fadas embalando-te na infancia
Te-votaram cantando á eternidade:
Na boquinha entre-aberta e adormecida
Mel do Parnaso as sylphides vertêram;
Cumpre a tua missão; assaz Thalia
Cantor te-ha visto de seos brincos faceis:
Aguia póde adejar por entre flores,
Mas é seo fado remontar-se ás nuvens:
Imita a naturesa: a naturesa
Foi de tua arte a mestra, e é seo modêlo;
Tomou por harpa a face do universo,
Mas vê com que espantosa variedade
Corre todos os tons; terrivel, fera
No rolar do trovão; selvagem, bruta
Na cataracta; augusta no oceano;
Voluptuosa no zephyro entre os myrtos;
Triste no mocho; languida, saudosa
Na agua fugaz do arroio trepidante;

Nas falas infantis alegre e ingenua;
Diversa em cada objecto, e bella em todos.
Aos risos folgasãos furta-te um dia,
Entra em meo coração, sonda este abysmo,
Concebe quanto eu sinto, e expõe-n'o ao mundo;
Do que me-vai cá dentro, um pouco apenas
Nos versos translusiu: mas se interessam
Mais que os vulcões do globo, os vulcões da alma,
O que a phrase não pôde, exprima o canto.
Das mais vivas paixões pinta os extremos,
E das graças o apuro, uma Heloisa.
Dá-me embora um rival em cada ouvinte;
Mas, para os-aterrar, do som do raio
Ou do igneo, ondeante terramoto,
Tira o som com que exprimas o ciume.
Se adivinhas meos intimos segredos
Transmitte-os á memória do universo
Na harpa dos mais amantes d'entre os anjos,
Na harpa dos seraphins, harpa assombrosa
Aonde as vibrações são labaredas.

POESIA FRANCESA.

Não são muitos os que sabem uma lingua: duas, pouquissimos as-alcançam; de tres, e d'ahi para diante, citam-se innumeraveis, mas não creio eu que exista um só: cada lingua é uma sciencia, e sciencia em que todas as sciencias entram como elementos. — Horacio gabava em Mecenas o saber duas linguas, a sua e a grega: *docte sermones utriusque linguæ.* ¿ Mas o grego de Mecenas pareceria a um atheniense tão para gabos como o-cantava Horacio? Apostára eu cem sertercios em como não. — ¡ E ver o que ahi vai hoje de polyglótos! Áfora o hebraico, o chim, o portuguez, e mais duas ou tres linguas barbaras, falamos todas: e sendo necessario escrevel'-as-hemos tambem ¿ mas como as-escrevemos e as-falamos nós? como se-vê e se-ouve todos os dias. O nosso bom Antonio Ferreira tinha pelo contrario a presumpção, de não haver nunca feito um verso em lingua alheia; mas em tróco fez todos os seos em portuguez de gente. A quem eu crear, darei sempre por conselho, que siga antes n'isto a Ferreira que a Luiz de Camões, Gil Vicente ou Jorge de Monte-mór. Bem vai em saber as perigrinas falas; ás veses serve para a vida e serve sempre para ampliar estudos de litteratura: em tal bem se-applica o dicto d'aquelle sabio monarcha de Hispanha: — «quem tres linguas sabe, tres homens val:» — no intendêl-as e sentil-as está porém o proveito; o ridiculo vai no presumir que n'ellas se-prima em escrevendo.

Dei a sentença, que me-julguem agora por ella; que assim poetei em latim e em francez. Só desejo de ser ouvido antes de executado; se m'o-concedem, aqui está o que por mim allego como *circumstancias attenuantes.*

O latim, que é já hoje *res nullius*, e por cujas perdas e damnos ninguem virá penhorar-me, foi os meos primeiros amores; e por uns amores primeiros póde-se ainda faser, sem estranhesa, alguma loucura: o francez, esse tem na verdade muitos fiscaes e não se-póde assim violar impunemente; mas em francez nunca eu compuz senão quando a isso me-houve como quer que fôsse por obrigado; (obrigação e necessidade em todos os codigos foram sempre boa defensa).

Recolhendo-me eu a casa a 15 de desembro de 1839 á noite, acho com uma carta sem assignatura um soberbo album, que um desconhecido viera traser: na carta se-me-pedia, que attendesse ao livro e o-restituisse ao portador, que o-iria buscar. No album nada mais havia escripto que o seguinte: —

A

M. DE CASTILHO.

Sur son poème de la = Primavera. =

Lisbonne, novembre 1839.

O' chantre du printemps! ton livre en a les charmes.
Que ta muse est aimable en ses simples atours!
Elle a pour les heureux les parfums des beaux jours
Et pour les cœurs soufrants le doux trésor des larmes.

Tu me rends le hameau, le foyer paternel,
L'amour, les vœux, les pleurs, le souris d'une mère,
Le temple, d'où le soir ma naïve prière,
Avec l'encens des fleurs, montait vers l'éternel.

Oui, mon bonheur passé, oui, tous mes jours de fête,
Ces lares, ces amis fiers de mes premiers chants,
Oui, tout renaît pour moi dans tes tableaux touchants;
Tel l'azur d'un beau ciel dans l'onde se réflète.

O bardes inspirés! semez partout des fleurs.
Que votre voix magique endorme la souffrance;
Dans les cœurs attristés ranimez l'espérance;
O célestes amis! enchantez nos douleurs!

Êtres que Dieu forma d'amour et de lumière,
Bardes selon son cœur! purs échos de sa voix!
Harpes des saints parvis qui vibrez sous ses doigts!
Il vous prêta des chants pour consoler la terre.

Vous trompez nos regrets, vous savez assoupir
Ce vague et long ennui, vautour insatiable,
Qui ronge au fond du cœur la fibre impérissable,
Qui toujours renaît pour souffrir.

Poète! que ta main trace sur cette page
Une ligne et ton nom! dans mon pays aimé,
Avec un doux orgueil, un jour mon cœur charmé
Répètera ce nom cher aux échos du Tage.

Une ligne et ton nom! Que sur ces bords lointains,
Une voix sainte et pure, à ma voix inconnue,
Réponde avec amour! Que ma lyre éperdue
Eveille, en gémissant, ta lyre aux sons divins!

Une ligne et ton nom ! Oubliant la tempête,
La fleur qui se penchait sous les froids aquilons,
Pour sourire au soleil, relèvera sa tête,
Et de son humble éclat ornera les vallons.

* Nota. Le poëte, le savant, l'homme vraiment extraordinaire à qui les vers précédents s'adressent, est depuis l'âge de quatre ans privé de la vue.

Não podendo adivinhar quem o anonymo fôsse, e sentindo-me de véras filho de Eva como todos nós, dei-me pressa de obedecer ás tão corteses súpplicas da musa, notoriamente francesa, e pareceu-me (talvez sem rasão) que á minha deveria para isto preferir a sua linguagem. — A segunda pagina do *album* recebeu os versos que seguem, e que assignei :

REPONSE

DE M. DE CASTILHO.

Au milieu de ce bruit d'un éternel orage,
Quand le monde grandit vers un pôle inconnu,
Comme le cèdre altier au haut d'un mont sauvage
Par les vents opposés croît toujours soutenu ;

Quand un siècle géant, sur une terre impie,
Va de son pied d'airain broyant les temps passés,
Et qu'on n'entend plus rien que la confuse orgie
Des égoismes insensés ;

Quelle est cette voix solitaire,
Qui pleine d'amour et de foi,
Comme un beau rêve sur la terre
A daigné descendre sur moi?

Oiseau qui te caches dans l'ombre
Je te devine à ta douceur;
Sors pour moi de ta grotte sombre,
Esprit dont mon âme est la sœur!

Pourquoi, timide violette,
Te cacher sous l'épais gazon?
Viens! ton oiseau, c'est le poète;
L'heure d'aimer c'est ta saison.

Tous deux nous chantons des prières,
Baume divin des cœurs souffrants;
Notre Dieu, nos berceaux, nos mères,
Reçoivent toujours notre encens.

Par la mort, pour nous rien ne tombe
Dans ce néant cher aux pervers;
Tous deux nous avons pour la tombe
Des entretiens, des pleurs, des vers.

Dieu mit en nous sa poésie
Comme une secrète onction
Qui préservât notre humble vie
De l'affreuse destruction.

Cygne plaintif au blanc plumage
Que la mort atteint de son trait,
Porquoi gémir sous ton ombrage
Oú nul écho ne te distrait?

Viens, j'ai souffert; j'ai la voix douce;
Viens que je berce ta douleur.
Dans la pitié, doux nid de mousse,
On dort sans rêver de malheur.

Et quand les lieux de ton jeune âge.
Enivreront ton cœur guéri,
A tes amis, dans cette page,
Montre le nom de ton ami.

Faltava responder á carta: aproveitei o lanço para exprimir ainda mais claramente o insoffrido desejo que me atormentava de conhecer tão amavel correspondente. No dia seguinte ao da partida da carta e do livro torna o portador com esta epistola a M.me de Castilho, assignada *Pauline Flaugergues*: —

A

MADAME DE CASTILHO.

Lisbonne, décembre 1839.

Je chanterai pour toi, compagne du poète!
Ange au pieux amour, au front noble et charmant!
Laisse-les pénétrer encor dans ta retraite,
Ces vers échos d'un cœur aimant.

Plus doux est ton parler que les plus douces lyres;
Dieu para tes vertus de talents enchanteurs.
Ta bouche a, je le sais, d'angéliques sourires,
Charme des rêveuses douleurs.

Compagne du poète! ah! je t'aime et t'appelle.
Quand l'étoile scintille en un ciel de saphir,
Quand la fleur qui s'endort sur sa tige nouvelle,
A livré ses parfums au souffle du zéphir;

Quand le lierre embellit le chêne qu'il embrasse,
Quand la rose, à côté du lis majestueux,
Brille de son éclat et lui prête sa grâce;
Alors mon cœur pense à vous deux.

O' mon Dieu, dis-je alors, aux anges de la terre
Donne autant de bonheur qu'à tes anges du ciel!
Donne-leur un jour pur que nulle ombre n'altère;
Une coupe enchantée où déborde le miel!

Grâce à toi, grâce à toi, dont la main bienveillante
Traça sur le vélin des mots consolateurs!
Que le ciel, s'il se peut, à ma voix suppliante,
Serre encor tes liens de fleurs!

Ces vers harmonieux que dicte un autre Homère,
Qu'ils sont touchants, transmis par ta pieuse main!
Des pleurs en les lisant ont mouillé ma paupière.
Compagne du poète! il est beau ton destin:

Ton nom comme ses chants vivra dans la mémoire
Et ton saint dévoûment charmera l'avenir.
Il te doit le bonheur, tu lui devras la gloire;
Pourrait-on l'admirer et ne pas te bénir!

Pauline Flaugergues.

Escusado é diser se foi para nós uma alegria o descobrimento de nos-acharmos assim inesperadamente em relações (podêmos diser íntimas, que taes são sempre as dos poetas) com a auctora de tão formosos versos como todos haviamos lido e decorado no jornal *L'Abeille*, com a poetisa já então premiada com a violeta d'ouro nos *Jogos floraes*, pelo seo donoso poema de *Clemencia Isaura* (e hoje pelo govêrno de França com uma pensão vitalicia).

Não são tão numerosos na vida os dias agradaveis, que devamos perder a memória d'elles. Todos os que *Mademoiselle Flaugergues* nos-incantou com a sua presença e com os seos versos, ficaram em nossos corações gravados como saudades indeleveis, e estou que ainda hoje lhe-lembrarão: ¡é tão delicioso para o talento o sentir-se entre quem o-apprecie! Na sua primeira visita diligenciei que viesse achar em nossas modestas sallas, quanto lhe-podesse dar gôsto: uma sociedade pequena mas capaz de a-intender: testimunhos de amisade cordeal, que lhe-dessem, se é possivel, uma lembrança, uma illusão de sua gente e de sua casa tão remotas; um bom fogão á moda de sua França, uma pouca de musica particularmente de romances franceses, todas as portas arqueadas de louros e para ella uma coroa de flores: por esta occasião lhe-fiz uns versos, de que não sei que feito foi, mas sôbre os quaes requerendo-lhe eu que m'os-emendasse ella, me-escreveu estes, que, embora vá quebra na modestia, não deixo de copiar do seo livro, onde ella teve a delicadesa de os-inserir sem nomear a quem se-dirigiam.

A M. DE CASTILHO.

RÉPONSE A UNE ÉPITRE.

Lisbonne, décembre 1839.

Tu veux, ô maître de la lyre,
Que je retouche tes beaux vers:
Quoi! le faible ramier qui dans les bois soupire
Doit-il apprendre à l'aigle à planer dans les airs?

L'arbrisseau qui s'incline et qui penche sur l'herbe
Ses rameaux éplorés,
Soutient-il le chêne superbe
Qui va cacher son front dans les cieux azurés?

Moi, je suis le ramier de la verte saulée,
Mon chant n'est qu'un soupir:
Doux roseau, je m'abrite au fond de la vallée,
Tout vent me fait frémir.

Et toi, barde inspiré, nouveau cygne du Tage!
Toi que le ciel regarde avec des yeux d'amour,
Ta gloire illustrera le fortuné rivage
Où tu reçus le jour.

La lyre harmonieuse au burin de l'histoire
Est unie en ta main,
Des temps qui ne sont plus, tu nous rends la mémoire,
Tout s'anime à ta voix comme au verbe divin.

Chante! ta voix est douce à toute âme blessée
Qu'attriste un amer souvenir;
Ravie, en t'écoutant, vers le ciel élancée,
Elle appelle et contemple un meilleur avenir!

Charme de l'existence, ô sainte poésie!
Que je te dois d'encens, que je te dois d'amour!
Tu jettes bien des fleurs sur ma pénible vie,
Grâce à toi, dans ma nuit, a lui plus d'un beau jour.

C'est à vous, ô mes vers, à toi mon humble lyre,
Que je dois ces amis que j'apprends à chérir,
Leur gracieux accueil, leur bienveillant sourire,
Leurs hymnes qu'ils daignent m'offrir!

Pauline Flaugergues.

Além dos serões de perfeita intimidade, passados familiarmente em conversação desambiciosa, leituras faceis, e alternada recitação de versos nossos, uma noite me-lembra de que ella me-pareceu summamente satisfeita, porque lhe-dei incontrar reunidos alguns dos nossos principaes talentos, mormente poeticos, que ella suspirava por conhecer, taes como os Srs. Garrett, Alexandre Herculano, Manuel da Silva Passos, Mendes Leal, Fonceca Magalhães, Antonio Luiz de Seabra, Pereira Marecos, Silva Tullio, meo irmão Augusto Frederico etc., etc., foi um banquete de poesia, cuja memória me-seria tão doce, como a da *festa da primavera* na lapa dos *esteios*, se entre essa e esta não houvessem já decorrido tantos annos, dos que mais invelhecem a alma.

Mas não é rasão cançar mais a meos leitores com regalos domesticos impossiveis de repartir. Concluo por agora esta amostra de poesia francesa com os lisongeiros, mas formosos versos, com que Mademoiselle Flaugergues festejou o nascimento do meo primogenito; versos que pel-o empenharem a elle em grandes obrigações, com muito melhor vontade ponho aqui, não obstante o poder alguem attribuir-m'o a vanglória.

HOROSCOPE.

Tu Marcellus eris!....
Virg.

Jeune enfant, tu seras poète!
Déjà, sur ta débile tête,
Je vois, je vois briller le laurier paternel.
Que la muse te donne un baiser fraternel!

En songe, elle t'a vu bégayer et sourire....
Tes premiers mots étaient des chants.
Ta petite main rose, en jouant sur la lyre,
Faisait voler des airs touchants.

Enfant, heureux enfant, oui, tu seras poète!
Oui, d'un œil enchanté tes pas suivront l'essor!
Vers toi je vois descendre un ange aux aîles d'or,
Qui, pour ton jeune front, tient la couronne prête.

Que ton heureuse mère, en admirant tes charmes,
Nous entende applaudir à tes premiers essais!
Et vous, à qui j'adresse un *adieu* plein de larmes,
Dites-lui qu'une amie a prédit ses succès!

Pauline Flaugergues.

Todas as composições francesas que se-acabam de ler, afóra a última, acham-se publicadas na bellissima collecção, que sob o titulo *Au bord du Tage, par Mademoiselle Pauline Flaugergues*, se-imprimiu em Paris em 1842.

O COMMERCIO DE CITHERA.

Explicação dada aos que só leem pela rama.

A rasão porque eu não deixo fóra d'esta collecção este brinquedo poetico, é porque já corre por muitas mãos e ha muitos annos. A rasão porém porque eu desbaratei horas em fasel-o, essa, muito agradeceria eu a quem m'a-podesse explicar: assim é fadado o nosso espirito; nasce n'elle ás veses, ao pé de uma cousa boa e util, outra ruim ou de nenhum prestimo: é como na terra; sob a raiz de uma oliveira um cogumello; pois viva o cogumello, já que nasceu: ainda assim o meo cogumello poetico não é dos venenosos, a que chamam de sapo: o intuito moral d'estes versos foi cifrar em symbolo parte do meo pensamento sôbre uma questão das dusias, a que assistí quando ainda estudante. Tractava-se de comparar entre si para preferencias os differentes fins, onde o amor, ou o que amor se-chama, póde levar o homem. O estado conjugal perfeito, que é o mais perfeito de todos os estados, não intrava na controversia; esse, concordavam quasi todos em que dava a maior felicidade possivel sôbre a terra. Tractava-se dos amores comprados e vendidos: são ambas estas miserias, as que a musa faceta ridiculisou. O último verso é sermão para os to-

los, que imaginam podérem-se mercar os corações; o penultimo é censura a não pequena parte da moderna sociedade, para quem as riquesas, embora havidas a tróço da honra, são dignas de festejos e respeitos.

CANÇONETA ATRAVESSADA.

De certo pôrto da Europa
Sahiram para Cithera
Uma náu e uma galera,
Para o commércio d'amor.

— *Vista grossa* — era o piloto
Da galera — *Extravagancia* —
Da náu por nome — *Constancia* —
Capitão — *Gentil Fervor.* —

Leva a náu a carga de ouro;
Galhardetes a milhares:
Véla ao vento, e proa aos mares,
Vôa, qual vôa o tufão.

A outra a-segue de longe:
Materia grossa e comprida,
Occa, dura e retorcida,
Tomou por carregação.

O nome ninguem pergunte;
Não tem nome no Parnaso:
D'ella se-faz muito vaso,
Businas, pentes, e anneis:

Em brutas testas se-cria,
E é d'esta materia torta,
Segundo Virgilio, a porta,
Que invia os sonhos fieis.

A que devemos ás damas
Delicadesa discreta,
Tapára a bocca ao poeta,
Que a-tentasse nomear.

Basta saber que só d'isto
Vai cheia e rasa a galera,
De ouro a náo. Vão a Cithera
Ambas ellas traficar.

« ¡Boa viagem! ¡bom vento!
« ¡Bom negocio, e volta breve! »
Lhe-bradava a turba leve,
Que ao botafóra correu.

Ou n'uma, ou na outra carga,
(*) Todos hiam int'ressados:
Fogem-lhe os nortes alados
Co' o rico thesouro seo.

(*) Cuidado com o *todos*: não se-refira o termo ao genero humano, mas só á turba leve ou leviana de que acima se-falou.

Vêm e vão os soes e as luas;
Cresce a esp'rança: o mêdo infia:
Até que emfim rompe o dia,
Que ao longe uns mastros conduz:

«São!... «não são elles!... «são elles!»...
«Juro!... «aposto!... «—Assim ferviam;
E ja mais perto se-viam
As vélas, crescendo a luz:

Ja se-conhecem as prôas:
Vem de nereydas cercada,
Vem de flores inramada
A galera triumphal.

Purpurea véla lhe-ondeia;
Tritão troando a-annuncia;
Pela propria mão a-guia
Da espuma a filha immortal.

Segue-a a náu, que vem pendente,
Rombo aberto, e véla rôta,
Derreada da derrota,
Vergonhosa, escura, e só.

Deitam ferro, abordam lanchas;
Sobem chusmas d'int'ressados:
«¿ Ganho ou perda?» são seos brados,
Mal tocam no portaló.

« Descei, vinde-o ver » lhes-tornam
Os da náu e os da galera;
« Nosso commércio em Cithera
« De trocas todo constou: »

« Pontas levava a galera,
« Ouro a náu: por fim de contas,
« Traz ouro quem levou pontas,
« Pontas quem ouro levou. »

POESIA DINAMARQUESA.

Philinto verteu o Oberon (e foi o que mais graciosamente escreveu em sua vida) sem intender uma palavra do Wieland. Os franceses, de todas as linguas trasladam, intrepidos e denodados, não sabendo quasi nunca mais do que a sua; muitos dos nossos hoje, sem saberem nem sequer a sua, castigam os franceses, tradusindo quantas lástimas elles por lá ingendram. Quanto ao dinamarquez, de que me-appresento traductor, confesso que o sei tanto como os nossos sabem francez, como os franceses sabem as outras linguas, e como o Philinto sabia o allemão: sem embargo affirmo que traduso fiel, porque nada mais faço do que passar para verso a prosa portuguesa, em que a minha amavel e instruida leitora me-vai dando desfeitos os versos (se não é peccado chamar versos ás regrinhas deseguaes da mais surda lingua que nunca houve) dos muitos, e muito bons, poetas da patria de Hamlet.

Pela fidelidade de tal intérprete poria eu as mãos no fogo.

SAUDADES DA PATRIA.

Poesia do Dinamarquez Oelenchlaeger, achando-se em Italia.

TRADUCÇÃO.

¡Que estranha viração da tarde é esta!
¡Onde quereis levar-me o pensamento,
Magas fragrancias da florída terra!
¿Onde ides vós? ¿transpondo o mar sem termo,
Ides-me á patria, á minha doce patria?
Se chegais lá, disei-lhe ¡oh! por piedade!
Lhe-disei meos occultos sentimentos,
Estas saudades, este mal sem nome
Que tanto no interior me-está doendo.
¡Ja por detraz dos penhascosos cumes,
Vermelho sol, te-escondes! ¡e eu cá fico,
N'este êrmo escuro, só! Na minha terra,
Na terra onde eu nasci, não ha taes montes:
Não n'os-ha, não n'os-ha; ¡sou d'ella ausente!
¡Ja esta noite no meo bosque de Hertha
Não poderei dormir! Lembra-me ouvil-o
A um norueguez; — « os gostos verdadeiros,
« Só a patria em seo gremio os-enthesoura. » —
De rochas morador, filho de Helvecia,
Tu me-disseste o mesmo: — « uma saudade
« Terna, viva, piedosa, accesa, sancta

« Vos-chama aos vossos montes costumados. » —
¿Mas cuidam que só montes nos-attráhem?
D'estes, como de brenhas horrorosas,
Meo ânimo erradio anda fugindo.
Se do esguio pinheiro ouço o susurro,
¡Ai! bosques, onde estais, queridos bosques
Da minha patria, exclamo! amenos rios,
Que serpeiam por cá, não geram somno,
Que doce me-descance o pensamento;
Lá, não ha rios, nos meos patrios campos,
E' tudo sêcca argila, areia esteril;
Sim, mas o argênteo mar asul-celeste
Com abraços d'amor cinge essas terras,
Como extremosa mãe as-nutre, as-beija;
E quasi que no seio entra a brincar-lhe
Co'as formosas florinhas, que lh'o-adornam.
Oh! silencio... silencio!... ¿ ouço um barquinho,
Que entre os canaviaes e as sarças densas
Além com o brando zephiro se-embala!
¡De uma nympha ouço o canto mavioso,
Que bordam sons de cythara! ó mixtura,
O' poesia, ó feitiço d'alva noite!
O' divina, ó suavissima toada!
¿Coração, que te-falta? e vós, meos olhos,
¡Vós, lagrimas verteis quando ella esparze
Harmonia, tão meiga aos céos da noite!
¡Lingua formosa é esta! ¡mas quão outra
Da minha patria lingua! ¡estas palavras,
As palavras não são, que outr'ora ouvia
Lá na patria cabana ao réz dos bosques!
Serão phrases mais placidas, mais bellas,
Será mais bello e placido este canto....

¡ Perdoai-me se eu choro! perdoai-me
Lagrimas que por si me-estão brotando;
Quem geme não sou eu, geme a saudade!
¡ Saudosissima esta água está manando:
Vai tão serena, tão fagueira a noite!
Ja lá no bosque meo, tive hóras d'estas:
¡ Ai! tive-as! esse o bem que me-invenena!
Deus me-privou de mãe na prima infancia;
Amargo foi o golpe; inda com tudo,
Tinha outra mãe no mundo, é mãe a patria.
¿ Vel-a-hei eu nunca mais? fragil, incerta
Corre a nossa existencia em mãos do acaso.
¡ Ai! poderei sequer do seo regaço
Mandar aos céos meo último suspiro!

O

CEMITERIO CAMPESTRE.

Nota prévia.

Esta poesia é imitada do dinamarquez de *C. A. Lund*, que a-imitou de *Grey*, que a-imitára do allemão, que a-imitaria sábe deus d'onde, porque em materias taes pouco mais se-póde faser que imitações. Tanto é certo que o natural verdadeiro é o bello universal. Em todos estes versos nada vai novo: pelo contrário, não ha

pensamentos mais veses repetidos em todas as linguas, em verso e em prosa, na conversação e nas meditações, pelos espiritos illustrados como pelos ignorantes. E com tudo, estas idéas, milhões de veses repetidas, ainda não infadaram nem infadarão nunca. E' o que succede a respeito das estrellas, da lua e de todas as formosuras da naturesa. Tambem eu poetei o meo cemiterio campestre: não o-ponho aqui, porque o seo logar proprio é no volume, que immediatamente vai seguir a este, o *Presbyterio da Montanha*; e já outras duas veses o-havia feito:— a *primeira* no fim de meo poema *Um dia de primavera*; a *segunda*, no *Amor e melancholia*. ¡ E deus sabe que de veses não volverei ainda com os meos cantos ao mesmo assumpto, emquanto elle proprio m'o-consentir e me não condemnar ao perpétuo silencio por baixo do murmúrio das suas árvores.

E's as vascas do dia, que fenece,
Crepúsculo da tarde: o sino ao longe
Diz para a terra — « orae » — diz para os ares
— « Entristecei-vos, que se-ausenta o dia ! » —
Volve á cabana o rústico; a seos ramos
A ave: ambos os dous convida o somno,
Elle, da escrava lida a repousar-se;
Ella, de liberdade, amor e cantos:
Por toda a creação reina o silencio.
¡ Vão-se ao longe no vago do horisonte
Os montes a esvahir! ¡ Que pensamentos
N'esta hora tão solemne me-despertas,
Muda estancia da cruz sagrada aos mortos!

Do fadigoso dia aqui descança,
O lavrador com regalado somno,
Que nunca mais o gallo ha-de quebrar-lhe.
Não n'o-distinguem marmores: seo nome
Desceu co'a tumba á terra; e jaz desfeito.
—¡Salve, ó bosque sombrio dos finados!
¡Salgueiros, que abrigais co'as pias ramas
Estes da vida ephémeros espólios!
¡Salve, árido jardim, do somno eterno
Onde só cardo agreste inlaça c'roas
A' sepultura rasa em que é nascido!
—¡Quantos não pousam n'este campo obscuro,
De virtude maior, mais sã piedade,
Que outros, a quem da honra insignias ornam!
Talvez mais véras lagrimas banhassem
O pinho de seos féretros, que os jaspes,
Com que a deidades vãs, vãos templos se-erguem.
—¡Quantas calcam meos pés formosas virgens,
Flores da sua aldeia, a cujas graças
Nunca deram realce o ouro, as joyas!
Falando, a paz dos céos annunciavam;
Exprimiam dos céos o amor, surrindo.
Inda um amante, um noivo aqui divaga,
Dando seo chôro ardente a cinzas frias.
¡Oh! quando esta mansão me-abrir suas portas,
A mim, tambem seo hóspede, ao tristonho
Dobre dos sinos; quando manso e manso,
Ao som dos cantos lúgubres, a terra
Me-houver sobrecahido, e eu dispareça....
Aqui tambem vireis, ó meos amigos,
Sôbre um ente chorar que vos-foi charo,
E co'o pranto unireis memórias doces!

Aqui, pelo crepúsculo da tarde,
Se-hão-de ajunctar as môças aldeanas,
Praticando nos tempos que ja foram.
De amores falarão, de seos praseres
Doce-amargos, do amante que tiveram,
Dos dotes, das virtudes que o-prendavam.
Então dirão talvez: — « De nós bem perto
« N'este humilde logar jaz um poeta,
« Que a ninguem offendeu, que amava a todos;
« Da virtude e do amor doce falava,
« E nos-deixou cantigas de ternura. » —
Ledas em derredor do meo sepulchro
Sentar-se-hão; alvo rancho, e minhas trovas
Repetidas irão de bôcca em bôcca.
E alguma intoará com tom saudoso
Da minha mocidade o melhor canto:
Repetil-o-hão do cemiterio os echos;
E um doce orvalho affagará meos manes.
Quando por traz da tôrre d'essa egreja
Começar de surgir vermelha a lua,
A' aldeia volverão, cantando em côro;
E exclamarão, deixando-me — « Descança,
« Bom homem, dorme em paz um somno brando!
« Deus tenha em seo regaço o bom poeta,
« Que a ninguem offendeu, que amava a todos;
« Da virtude e do amor doce falava,
« E nos-deixou cantigas de ternura. — »

—

O CAMPANARIO DE FARUM.

POEMETO

Tradusido do dinamarquez de Boyë.

Lá onde as águas placidas do Farum
Se-vão por entre moitas e arvoredos
Amorosas lançar no seio ao lago,
Pacífica surri formosa aldeia:
Primavera e verão lhe-circumfundem
Um mar, agora verde, agora d'ouro,
De susurrantes trémulas cearas.
D'entre a povoação campeia o templo
Que vermelho atravez resahe dos ramos
De sabugueiros e chorões frondosos:
Co' o templo convisinha a residencia
(Antes choça) do parocho singello,
Mal coberta de côlmo ao pé das águas.
Era noite de outomno tempestuosa,
Fria, medonha; pelos céos as nuvens
Gyravam torvas, rapidas; apenas
A espaços alvejava um raio frouxo
Da perseguida lua.
E' noite velha;
Unico o bom do parocho vigia
A' luz de solitario candieiro,

Que do mudo aposento espanca as trevas;
Pousam na aberta biblia os olhos fitos;
Grave meditação lhe-absorve a mente,
Sôbre a morte, o peccado, os céos e a vida.
A'cinte o impertinente somno espalha;
Que a uma pobre mulher, em vindo a aurora,
Tem de ir levar piedoso o pão celeste,
Provimento e confôrto á grão viagem.
Ouve uns sons e estremece...... áquellas horas
O sino grande!.... e que toada estranha
Que sahe d'elle!..... estranhissima! não vibra
Como quando o tufão lhe-mette os hombros,
O-recurva, o-balança e manda a espaços
Vãs badaladas aos sumidos échos:
Parece mão subtil que lima o bronze.
Fecha o livro; alevanta-se cuidoso;
Não lhe-põe medo espiritos nocturnos;
Nunca tremeu das infernaes potencias,
Não tem superstições, tem só piedade...
Mas templo e campanario estão desertos!
D'ambos se-fecha a porta ao fim da tarde....
Que é logo esse rumor? convem que o-saiba.
Parte! investe sósinho o cemiterio;
Affoito lhe-atravessa as mortas ruas;
Abre a porta sagrada, e ja se-intranha
Na profundez da nave silenciosa,
Mal prateada de furtiva lua:
Pára, escuta... o silencio ja não quebram
Sons da tôrre nenhuns; ergue animoso
A voz rouca, essa voz, que tantas veses
Deu palido terror ás almas impias.
"¡Quem ousa perturbar a paz da egreja!"

"¡Que temerario a pernoitar se-atreve
"No logar sancto! exclama.„ Echoa o brado
Pela extensão da abóbada soturna,
E recahe tudo em seo primeiro somno.
N'isto um como suspiro eis vem da tôrre
Estremecer-lhe o ouvido — «¡Eia! eu t'o-ordeno;
"Quem quer que sejas, apparece!» — Cala,
E escuta........pela escada uns passos brandos.....
Alguem é, que lá desce. Alça na dextra
Tocha, que os passos, trémula, lhe-rege;
Vê vir do côro ao longo alvo minino
Que nas redondas faces não inculca
Mais rosas que de oitava primavera;
Porém essas ao sôpro desbotadas
De alguma pena grande. ¡Que thesouro
Na mãosinha trará que tanto a-fecha!
«¡Não te-infades comigo!» em tom piedoso
O innocentinho diz; depois suspira.
«Não me-castigues por ficar de noite
"Sem licença na egreja. Quando a porta
"Se-abriu para ir tocar ave-marias
"Intrei pé-ante-pé, sem que me-vissem;
"E escondi-me ca dentro; deus bem sabe
"Que não foi para mal.» — «¿E que buscavas
"Do templo n'esta noite tempestuosa?»
Interrompe o pastor maravilhado.
"¡Sósinho aqui nas trevas, quando os ventos
"Estremecem bramindo tectos, muros!»
— «Sim, mas a minha mãe» volve o minino
«Jaz ás portas da morte!» — e o chôro emtanto
O-suffocava todo. "Animo, ó filho,»
Accode o bom do parocho, "mui grave,

"Bem o-sei, é seo mal; auxílio d'homem
"Pouco póde; mas deus que póde tudo,
"No abysmo da miséria accode ás veses;
"D'elle pendem, são d'elle a morte e a vida."
—"Assim vim eu pensando!"—"¡ Mas deixal-a
"No apêrto a que é chegada!"—"E' que a ferrugem
"Que se-raspa de um sino á meia noite
"Cura tudo: só hontem m'o-disseram
"Por isso a-vim buscar."—"¿ Sósinho?"—"Os outros
"Tinham medo ás phantasmas; que as phantasmas
"São ruins, e de noite é que andam fóra."
—"Mas tu não lhes-tens mêdo?"—"¡Eu muito! E vi-as
"Do meo cantinho andarem pela egreja
"Todas alvas. Resei a minha resa,
"Sumiram-se: mas logo se-me-ergueram
"Do sepulchro outra vez; algumas d'ellas
"Conheci eu, parece-me: tremia
"Sem as-querer olhar, e olhava-as sempre!
"Quiz tornar a resar; tomou-me o susto,
"Não pude: co'a afflicção cantei aos gritos
"A oração, com que ja de pequenino
"Minha mãe me-embalava em seo regaço:

"Entrai, ruins espiritos,
No lume eterno e fosco;
Espiritos angelicos,
Vós ficareis comnosco;
Dareis co'as asas candidas
Abrigo ao vosso irmão.

"Vós sois os primogenitos
De todo o innocentinho;
Para entre nós trouxeste-lo
Do céo, seo patrio ninho;

No valle pois das lagrimas,
Lhe-dae consolação.„
"E eu derramava lagrimas, pensando.......
"Na morte....... d'ella. Tomei força, ergui-me,
"Subi; quando eu subia estava dando
"A meia noite, mas não vi mais almas:
"Quando cheguei a cima, e dei co'os olhos
"No céo roto de estrellas, que me-ria
"Das ventanas da tôrre todas quatro;
"E achei o vento, e percebi lá embaixo
"O ramalhar das árvores; fui outro:
"Parecia-me aquillo uma gaiola,
"E eu dentro um passarinho a espanejar-me
"Todo contente; vou-me logo ao sino
"E raspo o mugre: vede-lo? esperava
"Que rompesse a manhã: que alguem viesse
"Abrir, para eu correr á nossa casa:
"Que isto ha-de-m'a-salvar, sei-o eu de certo.„
—"Fé, bom mocinho, fé. Deus ama os filhos
"Que assim amam seos paes; e póde tudo.
"Póde mudar, querendo, a noite em dia.
"Que tu és bom sabe elle; as nossas preces
"Sabemos nós que elle ouve e que as-despacha.„—
Diz; e em frente do altar ambos se-prostram.
Em quanto pelas faces mudamente
Lhes-corriam as lagrimas, soava
Como o esvoaçar das legiões celestes
O temporal nocturno; canta o vento
Pelos canudos do orgão: pelo côro
Como que uns hymnos soam: clara a lua,
Na abóbada dos céos lâmpada eterna,
Resplendia; os tocheiros prateados

Se-accenderam per si. — " Partamos, filho,
" Vamos ver tua mãe! Nenhuns phantasmas
" Virão ja saltear o teo caminho:
" O que a mão do Senhor com lettras de astros
" Escreve n'essa página infinita,
" Que por cima de nós se-desinrola;
" Não o-lês tu nem eu; ninguem o-alcança,
" Mas, confiar em deus!...,,—"Sim, vamos, vamos...
" Oh!... se eu confio n'elle!..... ¡oh! se me-alegro...,
" ¿ E não sabeis porque? porque esta noite,
" Por diante de mim, quando resava,
" Vi passar uma festa, a mais galante
" Festa, que nunca eu vi: um rancho de anjos,
" Nenhum maior do que eu; mais pequeninos
" Muitos, e todos muito mais formosos;
" Asas de ouro e de asul; asues os olhos;
" Cabellos de ouro; as boccas todas riso,
" As faces todas rosa, e tão ligeiros,
" Que adivinhei, pois nada me-disseram,
" Que era deus quem dos céos os-enviava
" A traser á choupana algum confôrto.
" Oh minha boa mãe! partamos.,,—Partem,
Lá correm.

Vôo de anjo apoz si deixa
Té os vôos do humano pensamento,
Como ave, que atravessa os ares livres,
Perde de vista a serpe, que entre sarças
Rasteja fadigosa. Mal teria
Dado tres pulsações o alvorotado
Coração do minino, quando os anjos
Pousavam ja na terra, eram na cheça,
Ventilavam co'as asas de ouro a infêrma.

Estes mesmos emtórno ao pequenino,
Sem n'o elle presumir, tinham gyrado,
Em quanto a alva mãosinha ao bronze escuro
Furtava o bento pó: que o som piedoso
De um sino, attrahe, namora, inleva os anjos.
Bafejado nos olhos moribundos
Placido somno, o côro bemfasejo
Ja se-era emfim tornado ao patrio empyreo,
Quando o filho e o pastor colhendo o fôl'go,
Aberta manso a porta, o pé furtivo
Suspenso, duvidoso, a vista anciosa,
A alma no ouvido, intraram no aposento.
Respirava saude a pobresinha;
Dormia... e tão serena! a luz brilhava
Na candeia, pouco ha, decrepitante
Em moribundas vascas. A infermeira
Descuidosa dormia. Viram sonhos
Andar nos labios palidos surrindo,
E no int'rior dos dous cantou a esp'rança
Em muda voz seo hymno agradecido.
Pouco tardou que o somno regalado
Se-esvahisse. A ditosa mãe resurge
Agil, vivaz, contente... e abraça o filho!
Cantar as doces lagrimas de todos,
Harpas dos Seraphins, a vós pertence. (*)

NOTA.

(*) De todas as precedentes traducções do dinamarquez, a unica foi esta em que me-permitti alguma liberdade, não cortando, senão accrescentando, e não no principal senão nos ornamentos accessorios.

O

ACALENTAR DA NETA,

Xácara.

Dorme, dorme, minha neta,
Senão não sou tua amiga;
Dorme que eu te-embalo o berço,
E te-canto uma cantiga.

Vai a bella Dona Ausenda
Caminho de Palestina,
Leva traje de romeiro,
Com seo bordão e esclavina.

Dona Ausenda, Dona Ausenda,
'Em sabendo que és fugida,
Tua mãe cahirá morta,
E tuas irmãs sem vida.

Pouco importa a Dona Ausenda
Quem na Hispanha morra ou viva;
Vai em busca de sua alma,
Que em Palestina é captiva.

De lá lhe-vieram cartas,
E uma carta lhe-disia:
"Teo amigo, Dona Ausenda,
"Chora de noite e de dia,

"As cadêas não lhe-pesam,
"Pesas-lhe tu, porque scisma
"Que ha de morrer sem mais vêr-te,
"Nem ver-te quer na Mourisma.,,

Dorme, dorme, minha neta,
E tu, fuso, fia, fia:
Eu canto á minha candêa,
Ao pé da Virgem Maria.

—

Vendeu joyas e arrecadas,
Comprou bordão e esclavina,
E trajada de romeiro
Ja demanda a Palestina.

Vai pedindo pelas portas,
Por sóes e chuvas caminha;
Trabalhos não a-quebrantam,
Com elles vai mais asinha.

Uma tarde, era sol posto,
Quando avistou uma ermida,
Era de Nossa Senhora,
Mãe dos homens se-appellida.

Dorme, dorme, minha neta,
E tu, fuso, fia, fia:
Eu canto á minha candêa,
Mercê da Virgem Maria.

—

Os sóccos descalça á porta,
E ajoelha com fé viva,
Pedindo lhe-restitua
Sua alma que jaz captiva.

Os olhos da Virgem Sancta
Deram mostras de affligida:
Ergueu-se um vento da serra
Que toda tremeu a ermida.

Coitada de Dona Ausenda,
Mais triste sahe, do que vinha:
Cerrou-se-lhe logo a noite;
¡E ella nos bosques sósinha!

Queria andar, e não póde
Que o grande escuro a-tolhia;
Necessitava incostar-se,
Tinha medo, e não dormia.

N'uma raiz pousa a face,
O corpo em folhas reclina,
Com suas penas conversa,
Coitada da perigrina.

Perdi a terra e o palacio,
Perdi a mãe que lá tinha,
Perco-me agora a mim mesma,
E o que procurando vinha.

D. Giraldo, D. Giraldo,
Só a fé não é perdida,
Pois tu sabes que eu te-adoro,
E eu sei como sou querida.

Peço ao meo anjo da guarda,
Se hei-de aqui ficar perdida,
Que vá levar-te por sonhos
Esta minha despedida.

Assim disia a formosa
Dona Ausenda de Molina,
E ao diser *anjo da guarda*,
Lembrou-lhe a irmã pequenina.

Dorme, dorme, minha neta,
E tu, fuso, fia, fia:
Eu canto á minha candêa,
E sou da Virgem Maria.

—

Então dos olhos cançados
Lhe-borbotou a dôr viva,
E ouviu folhas abanadas,
E viu uma luz esquiva.

Logo para aquella parte,
Porque o pavor a-conquista,
Em joelhos com mãos postas
De relance extende a vista.

E viu uma sombra grande,
Que mui devagar caminha;
Quiz resar, benzeu-se errado,
Não deu co'a salve rainha.

Dorme, dorme, minha neta,
E tu, fuso, fia, fia:
Eu canto á minha candêa,
Guarde-me a Virgem Maria.

—

O andar do phantasma branco
Nenhum ruído fasia;
Parou, e pôz nella os olhos;
Mas eram terra, não via.

Extendeu-lhe os braços longos,
E co'uma voz, como brisa,
Lhe-diz = " Eu sou D. Giraldo,
" Que em mim já se não divisa.

" Tu buscavas o captivo,
" Eu procuro a perigrina,
" Tua alma quer deus que esteja
" Co'o meo corpo em Palestina.

" Os nossos anjos da guarda
" Deram palavra sem lingua,
" Que á meia noite aqui mesmo
" Findaria a nossa míngua.

" Deus, á alma invia um corpo,
" E ao corpo uma alma invia.....,,
Já estas finaes palavras
Dona Ausenda não ouvia.

Dorme, dorme, minha neta,
E tu, fuso, fia, fia:
Que eu canto ao pé da candêa,
Que accendo á Virgem Maria.

—

Tinha dado a meia noite,
E Dona Ausenda cahíra:
¡ Ai! ¡ Jaz morta a Dona Ausenda,
Que tantas penas sentíra!

¿ Quem ha-de enterrar seo corpo
N'essa noite desabrida,
Ou quem aos pés da Senhora
A-irá sepultar na ermida?

¡ E a alma de D. Giraldo,
Que tão solitaria fica,
Não terá padre que rese,
O que por almas se-applica!

Mas nunca mais na floresta
Nenhuma cousa foi vista:
Os que o sitio têm buscado
Nunca lhe-acharam a pista.

Dorme, dorme, minha neta,
E tu, fuso, fia, fia:
Eu canto á minha candêa,
E reso á Virgem Maria.

—

N'essa noite, á meia noite,
Indo o septe-estrello acima,
Calou de repente as voses
Môcho que máguas lastíma.

E o gallo, que por taes horas
Com seo canto á resa excita,
Bateu as asas calado
Ao pé do leito do ermita.

Tocou sem mão a sineta,
Abriu-se a porta da ermida,
Ás vélas do altar accesas,
A Senhora mui garrida.

Dorme, dorme, minha neta,
E tu, fuso, fia, fia;
Eu canto á minha candêa,
E vejo a Virgem Maria.

—

E introu a orar um estranho.....
Perigrino, ou perigrina,
Que de tudo dava mostras;
E falava em Palestina.

Se hia ou vinha, nunca o disse,
Quando o ermita o requeria;
Que ora falava em ser volta,
Ora falava que se hia.

E disse: a deus me-incommenda
Por tres, mais tres e tres dias,
Que ao cabo d'uma novena
Findarão mil agonias.

Ora n'essa mesma noite
Quiz a bondade divina,
Que outra novidade grande
Succedesse em Palestina.

Da cóva de D. Giraldo,
A' meia noite precisa,
Surgiu um corpo defuncto
Que a todos atemorisa.

Dorme, dorme, minha neta,
E tu, fuso, fia, fia:
Eu canto á minha candêa,
Ouça-me a Virgem Maria.

—

E veiu uma alma voando,
Que pelos ares foi vista,
Nossa Senhora a-guiava,
Vinha-lhe um anjo na pista.

Metteu-se dentro ao finado,
E o finado cobrou vida;
Pôz-se co'o anjo a caminho;
A Senhora era já ida.

Como a novena acabava,
Ao cabo do nono dia
Vinha pela ermida entrando
Outro romeiro á porfia.

E este assim como o primeiro
Muito ao velho desatina,
Que tambem não cahe na conta
Se é romeiro ou perigrina.

Os dous romeiros se-olhavam,
E a mãe dos homens surria,
O ermita estava pasmado,
E um padre moço appar'cia.

Por debaixo do roquête,
Que era neve sem mentira,
Relusiam duas asas
Ambas de prata e saphira.

Tomou-lhes as mãos direitas
Com signaes de muita estima,
E disse: *conjungo vos:*
E pôz-lhe a estóla por cima.

Dorme, dorme, minha neta,
E tu, fuso, fia, fia:
Eu canto á minha candêa,
Louvor á Virgem Maria.

Nove annos eram passados,
E apoz nove annos um dia,
Quando ao dar da meia noite
Lá na porta se-batia.

Como se-abriu a capella,
Logo introu por ella acima
Um caixão com dous defunctos,
Todo de obra muito prima.

Dorme, dorme, minha neta,
E tu, fuso, fia, fia:
Eu canto á minha candêa
E estou co'a Virgem Maria.

—

Vinham ambos abraçados,
Com mostras de quem dormia,
Com c'rôas de flôres brancas,
E ninguem os lá trasia.

Mãos que pegavam á argola
Eram mãos que se não viam,
Nem se-inxergava pessoa
Nos cantares que se-ouviam.

Dorme, dorme, minha neta,
E tu, fuso, fia, fia:
Eu canto á minha candêa,
Ao pé da Virgem Maria.

—

Foi escripta esta memória
N'uma tábua bem polída,
Que inda agora na Biscaya
Se-vai vêr áquella ermida.

A campa ficou sem nomes;
Mas toda a gente disia,
Que era Ausenda e D. Giraldo,
Filhos da Virgem Maria.

Por devoção que um e outro
Com o sancto rosario tinha,
Inda por morte casaram,
Sendo a Senhora madrinha.

Dorme, dorme, minha neta,
Que tenho a rocada finda;
A'manhã, querendo a Virgem,
Te-direi outra mais linda.

—

NA FESTA DE UM BAPTISADO.

A 3 DE JANEIRO DE 1843.

Gentil botãosinho de candida rosa,
Que, n'este recanto do mundo tão triste,
Em quadra tão feia, cruel, invernosa,
Áos ares incertos da vida surgiste!

De amores e bençãos, de abraços e beijos
Effeito mimoso, mimoso incentivo;
Gentil botãosinho, por ti mil desejos
Se-vêm transformados no gôsto mais vivo.

Viceja, e te-exalça, prospéra, e floresce;
Para ti as horas se-hão feito douradas:
E o místico orvalho, que sôbre ti desce,
Promette virtudes e prósperas fadas.

Mas ah! quem soubera, formoso innocente,
Soletrar dos fados os livros escuros!
E aos paes, aos amigos, expôr claramente
De que hão-de ser cheios teos amplos futuros!

De que altos praseres, de que íntimas glórias
Se não accendêra mais de um coração!
Mas quem do passado mal crê nas histórias,
De ler *buenas-dichas* não tem presumpção.

O mais que me-é dado farei n'este dia;
A' tua saude farei mil saudes;
E votos ao anjo que a infancia vigía,
Para que te-inspire seo genio e virtudes.

EPIGRAMMA.

André Pinto andar não póde;
Manda médico chamar;
Chega o médico.... receita....
¡E André Pinto põe-se a andar!

Vénia.

Se me-perguntassem como, porquê, e para quê engendrei este abortinho de epigramma, á-fé que me-poriam em grande apêrto, porque sempre cri na medicina, não tanto, verdade seja, como alguns doctores novos pertendem que accreditêmos, mas o bastante para sempre os-consultar e obedecer-lhes com um escrupulo, que ás veses transcénderá para fanatismo. Epigrammei-os porque *Marcial*, *Molière*, *Filinto*, *e Bocage* os-tinham epigrammado: epigrammei-os porque era isso moda, e o ha-de ser sempre, como aquell'outra tonteria de falar e escrever contra as mulheres: epigrammei-os, finalmente, porque não tinha outra cousa que faser n'essa hora, nem me-doía nada.

A

FRANCISCO DE ASSÍS RODRIGUES.

Introducção.

Melhores versos do que estes, merecia o perigrino busto, que em 1836 fez, retratando-me, o meo amigo Francisco de Assís Rodrigues, lente de esculptura na academia das bellas-artes de Lisboa. Como similhança e imagem, e como obra artistica, de todos obteve applausos. Rodrigues foi, assim como seo pae, discipulo de Machado de Castro, cuja cadeira hoje occupa, e a quem pagou parte da sua immensa dívida de alumno e amigo, escrevendo em elegante prósa o seo elogio, publicado por mim na *Revista Universal Lisbonense*, a 17 de novembro de 1842. Tambem eu tinha uma dívida grande e antiga para com o auctor da estatua equestre, cuja amisade ja em casa achei quando vim ao mundo; e a maior e a insoluvel chegaria ella, se os seos desejos se-houveram podido realisar.

Para a esculptura é que eu tinha nascido.

Ja entre os dez e onze annos de edade, a minha mais querida e continuada occupação era imitar, não só a figura humana, senão quantos objectos da naturesa havia conhecido; e trasladar quantas formas em vulto se-me-offereciam ao tacto. Um genio alado, de pouco mais de um palmo de altura, que por esses tempos fiz, acertou casualmente de ser mostrado a Machado de Castro: a anatomia externa, mas que outros méritos ahi faltassem, digo afou-

to, que devia de ser boa: era ponto por ponto copiada do vivo; copiada de mim mesmo: o effeito que lhe-produsiu, que vol-o diga elle mesmo; que, para isso, lanço aqui fielmente trasladado um documento, que ainda conservo authographo e assignado.

Joaquim Machado de Castro ficou tão estupefacto e aturdido, quando viu estes ultimos brinquêdos plastico-pueris, do sr. Antonio Feliciano de Castilho, especialmente attendendo ás suas circumstancias, que todo se-inflammou nos seguintes

DESEJOS.

Primeiro.

Que deus fosse servido dar ao dicto minino prompta, e firme saúde, dando-lhe a sua perfeita vista, etc.

Segundo.

Que o mesmo senhor dilatasse mais ao dicto Machado ao menos dez annos de vida sadía,

Terceiro.

Que o principe regente nosso senhor, ordenasse ao pae do dicto minino que o-intregasse ao dicto Machado: e a este que fôsse cultivando este singular pimpolho, segundo as luses que tem na esculptura adquirido; mandando sua altesa aprompțar todos os meios que o dicto professor julgasse convenientes a preparar um prodigio.

E como (por desgraça e labéo da nossa nação) as artes, n'este reino, se-podem chamar *beccos sem sahida*, desejaria mais;

Quarto.

Que sua altesa real mandasse matricular o dicto minino em o collegio dos nobres e fortificação, para alcançar por este modo augmentos e postos, etc. etc. E que no tempo d'estes estudos, os lentes d'aquellas aulas com este da de esculptura combinassem, e regulassem as applicações de um tão distincto alumno.

—Eis-aqui como se podem formar prodigios, e utilisar-se a nação de genios extraordinarios.

A respeitavel antiguidade é tão célebre pelos Themistocles, Lycurgos, Socrates (1), e Avicennas; como pelos Apelles, Phydias, Diocenos, e Policletos, etc.

Lisboa 7 de desembro de 1811.

Joaquim Machado de Castro.

Sabido é como todos estes seos, tão portugueses, tão artisticos, e tão amigaveis desejos, sahiram frustrados; por amor da arte me-pêsa, não por cobiças de fortuna, que se a penna val pouco, menos val por ora o cinzel n'esta pobre terra. No mesmo Machado se-viu a prova: ¿que testou este depois de meio seculo, e mais, de primorosissimo trabalhar? glórias á patria (que n'outra parte houveram sido maiores); pobresa e penuria (que maiores não podiam ser) a suas filhas.

Como o Jáo, que pediu esmola para Camões, levantei brado, (que o-devia mais que ninguem) pedindo esmola para as orphãs de Machado. Não somos ainda de todo mortos: alguns jornaes fiseram echo á *Revista Universal Lisbonense*. A *Restauração* empenhou-se na boa obra mais

(1) Socrates primeiro foi esculptor que philosopho, e as meditações, a que o-condusiu a esculptura, o-intranharam na philosophia.

Nota do authographo.

ardentemente que nenhum. A instancias de meo irmão José Feliciano de Castilho, se-reuniram, a 29 de julho, na bibliotheca publica, muitos dos nossos litteratos e artistas, para concordarem no meio porque se-poderia *«accodir á pobresa das filhas do auctor da estatua equestre.»* Assentou-se em que se-faria logo uma representação a seo beneficio no theatro de S. Carlos: para promover, e dirigir, esta festividade, se-elegeu, d'entre os presentes, uma juncta composta dos senhores: conselheiro José Joaquim Gomes de Castro (presidente) — conselheiro Rodrigo da Fonseca Magalhães — conselheiro Francisco de Sousa Loureiro — doctor José Feliciano de Castilho — doctor Luiz Antonio Rebello da Silva — Francisco de Assís Rodrigues — J. S. Mendes Leal Junior — J. J. Dias de Carvalho (thesoureiro) — A. da Silva Tullio (secretario).

Alguns dias depois, a 11 d'agosto, executava-se em S. Carlos o mais variado e brilhante espectaculo que nunca se alli víra, constando do bem conhecido drama do sr. Mendes Leal = *Os Dous Renegados* = representado gratuitamente pela companhia portuguesa, e de muitas peças de musica vocal e instrumental, tambem gratuitamente desempenhadas pelos mais distinctos artistas de Lisboa. O concurso era quanto a casa podia comportar, e demais cortesão e explendido. Não era mais espectaculo o tablado que a platéa e camarotes: os logares ínfimos, e as torrinhas, resplandecíam egualmente guarnecidos, como a ordem nobre, de senhoras da primeira grandesa, de condecorações, e de tudo quanto o estado tem de mais alto por sua posição social. Foi uma festa verdadeiramente nacional.

As beneficiadas recolheram perto de oitocentos mil réis d'este beneficio. E porque a benemérita e solícita juncta se não limitou só em Lisboa; de Coimbra, onde houve

para o mesmo fim um baile publico, lhes-vieram cento e cincoenta mil réis. E ainda se-espera do Porto o auxilio que junctamente lhe-foi pedido para ir solvendo esta dívida nacional.

¡Oxalá que assim continue o povo portuguez, em quanto o público thesouro não póde, a alimentar a progenie de quem pensou mais na patria do que nos filhos! Será isso ainda algum incentivo aos talentos, que até hoje mais tinham grangeado a seos donos amarguras do que favores.

Não sejamos porêm péssimistas; e confessemos por honra d'esta edade, que se ainda hoje se não dá aos ingenhos o necessario arrimo de que elles carecem para florescer e fructificar, algumas demonstrações de aprêço se-lhes-começam de offerecer. A estatua equestre d'el-rei D. José, que nossos paes consentiram ficasse anonyma aos olhos da posteridade, vai receber esta inscripção mandada insculpir (sendo ministro dos negocios do reino o sr. Antonio Bernardo da Costa Cabral), por portaria de 23 de janeiro de 1844.

JOSEPHO. I.
Augusto. pio. felici. patri. patriæ
Quod. regiis. juribus. adsertis. Legibus. emendatis
Commercio. propagato. militiá. et bonis. artibus. restitutis
Urbem. funditus. eversam. terræmotu. elegantiorem. restauraverit
Auspice. administro. ejus. marchione. pombalio. et. Collegio. negotiatorum. curante.
S. P. Q. O.
Beneficiorum. memor
A. MDCCLXXV
P.
Joachimus. Machadius. Castrius. finxit. et sculpsit: Bartholomæus. Costius. statuam equestrem ex ære fudit.

EPISTOLA.

O' tu, que a sciencia, que o genio dirigem,
O' novo, piedoso, melhor Prometheu;
O fogo, que accendes no céo, sua origem,
Por ti á materia de novo desceu.

Tu dises á terra: — « ¡ levanta-te humana! »
E a terra, lembrada da mão do Senhor,
Converte-se em homem, levanta-se ufana,
E exprime os affectos do seo creador.

A' pedra de Paros tu dises: — « ¡ sê viva! »
A pedra estremece, resôa... accordou!
O véo desparece da nayade esquiva;
E o pêjo lhe-veda diser-te « aqui estou. »

O sol namorado surri-lhe á lindesa,
Lhe-apura delícias em candida luz,
Admira-lhe o immovel da trança não prêsa:
Da urna lhe-espera torrentes a flux.

Suspiram mancebos, suspiram donzellas
Contrarios pesares ao ver a immortal;
Uns, só de que o mundo não crie eguaes bellas;
As outras, de que a arte creasse uma egual.

Com tantos prodigios tu mesmo incantado
Ordenas ao bronze, que intôe canções;
Ja arde, ja ferve, ja brilha c'roado
De louros eternos, o eterno Camões.

¡Oh! basta! ir avante sería ja crime;
Oh! basta! que usurpas do vate o laurel.
Descança contente do arrôjo sublíme,
E fase pedaços o altivo cinzel...

¡Mas não! de heroes lusos a turba agitada
Te-assalta nos sonhos, te-aponta o porvir,
Te-pede mais glórias, te-impelle e te-brada,
Que alfim dos sepulchros os-façus surgir.

Não ha resistir-lhes: é Vasco da Gama,
E' Castro, o de Diu terrivel Heitor,
E o nume Albuquerque, por quem inda chama
A aurora, viuva de tanto esplendor:

E' Sancho, que aos louros inlaça a oliveira,
E escuda os vencidos co'a espada real;
São mil outros lustres da história guerreira,
Indígetes numes do teo Portugal.

¡Em Pântheon sacro mudou-se a officina!
¡Povôa-a congresso tremendo, sem par!
¡Que nomes! ¡que rostos!...... A inveja se-inclina,
Se-prostra em joelhos, forçada a adorar.

¡Ditoso cem veses, ó tu, que das fadas
Condão de prodigios lograste ao nascer!
¡Que extrahes tuas glórias das glórias passadas,
Do gôso triumphos, da lida praser!

¡Que alegre e ditoso não vives entre este
Congresso, obra tua, teo socio, amor teo,
Que as veses te-suppre dos paes que perdeste,
De filhos, de espôsa, que o céo te não deu!

¡Eis tua familia! velhice, nem morte
Não hão-de em seos membros ferir-te jamais;
Por elles ao menos triumphas da sorte,
E ja dos vindoiros o applauso escutais.

Se as leis se-transformam, se ha paz, se arde a guerra,
Se o povo é tyranno, se aos reis beija os pés,
Se vai dia ou noite na face da terra,
Não sabes, não curas; do mundo não és.

Os vivas, os morras, por perto, por longe,
Surrindo e scismando, mal sentes passar,
Qual sonha céos e anjos o tacito monge;
Na cóva, ao murmúrio do vento e do mar.

¡Tudo isso que estruge.... revólve-se e expira,
As vagas das turbas, do oceano o escarceo!
E a obra indiff'rente, que o genio te-inspira,
Resiste; e sem termo rirá sob o céo.

¡Que de ouro, que tempo, talvez que desgraças
Não foram já paga de ephemeras leis!
Emquanto a flôr mármor, que cinges ás graças,
Verá desfolhar-se mil c'roas de reis.

¡Que digo! altas glórias, socêgo, praseres
Não são, não são esses, teos únicos bens.
Do amor ás virtudes, do affêrro aos deveres
Tu crias modelos e oraculos tens.

Com cada gigante, que avivas á glória,
Conversas, estúda-lo, embébe-lo em ti;
Depois, em seo rosto cifrando uma história,
Tua alma o-contempla; vos-mede, e surri.

Assim bronze, e pedras, assim troncos rudes,
Que estão povoando teo mundo de paz,
Quaes tu lh'as-emprestas, te-imprimem virtudes;
E a vida te-esmaltam, se vida lhes-dás.

¡Amigo, que sorte brilhante e quieta!
¡Que palmas sem odios! ¡que placido ermar!
¡Amigo, que invejas sentíra o poeta,
Se a terna amisade soubera invejar!

¡Oh! quem pelo escopro trocasse esta lyra,
E o sol reaccendesse que a infancia me-incheu!
Teo canto de mármor, que invejas inspira,
Talvez que irmão émulo achasse no meo.

Das artes o genio, teo mestre, o grão Castro,
Ao vêr meos brinquedos, fadou-me esculptor:
Por sôbre o meo berço lusiu pois o astro
Que te-enche a existencia de raro fulgor.

Fatidico o velho sondára a minh'alma;
Quanto elle augurava, sínto eu dentro em mim.
Artista, cingira-te, ó Lysia, uma palma,
Que houvera zombado dos tempos; ¡oh! sim.

¡Oh! ¡sim! ¡que a-cingíra! que o fogo d'artista
Baldado inda aos pulsos, e á mente me-vem.
Dos Castros, Thorwaldsens, e Phydias na lista,
O meo, qual teo nome, se-lêra tambem.

¡Sim, sim! ¡que de glórias!... lembrança importuna,
Não mais me-persigas, me-tentes em vão!
Typheo, com montanhas me-opprime a fortuna;
Aos sins, que murmúro, responde ella: não!

Miserrimo Tantalo, os fructos, e as águas,
Faminto, sedento, jamais tocarás.
Não olhes essa árvore; esquece tuas máguas;
E ao som vê se dormes do rio fugaz.

De inglório sepulchro nas trevas avaras
Expira, ó minh'alma, rebelde vestal:
Ser mãe, ser ditosa, ser nume sonháras
E esteril teo fado do amor foi rival.

Venceu-te, sumiu-te, perece ignorada,
Não és a primeira que a sorte desfez.
¿¡Não vês tanta perla no mar sepultada;
No germen extinctas mil plantas não vês!?

Resigna-te e morre. No tronco silvestre,
Nas penhas, do raio pulvereos tropheos,
Continha-se o olympo, se o escopro do mestre
Chegasse primeiro que a furia dos céos.

¡E é esta cabeça, de louros despida,
De quem tu, c'roado, te-apiadas, te does!
¡E' esta a quem pródigo off'reces a vida
Que eterna e brilhante só cabe aos heróes!

¿Porque? ¡porque alívio de exilio amargoso
Uma harpa saudosa me-sôa entre as mãos?
¿Porque? ¡porque as penas da mente reponso,
Aos proximos échos mandando uns sons vãos?

Suspende, suspende; Camões esculpiste:
Camões redivivo nos-olha: não vês?
Do empenho sacrilego a tempo desiste:
O que é dos elysios ao lethes não dês.

E' tarde: a mão ignea, que a subitas lavra
Sem conto os portentos e a minha apertou,
Correu mais ligeira que a sôlta palavra;
Não pude retel-a no vôo.... acabou.

Eterno me-has feito: ¿mas dise-me, que ha-de,
Ao ver-me entre numes, diser o porvir?
Que á explendida glória, que á doce amisade,
Pontifice de ambas, soubeste-servir.

FIM.

INDICE.

LISTA

DE

ASSIGNANTES.

SUA MAGESTADE EL-REI D. FERNANDO

A. A. Torres Cortez
A. C. Campos
Agostinho da Costa e Sousa Rebocho Freire
Agostinho José Carneiro
Agostinho Maria Duarte Silva
A. J. Pereira
Albino Maria Leitão
Alexandre Corrêa de Lemos
Alexandre José Loureiro
Alexandre Theophilo de Carvalho Leal
André Avelino de Brito Simões
André Joaquim Ramalho e Sousa
Angelo Raphael Vecchiato
Antonio d'Albuquerque do Amaral Cardoso
Antonio de Asevedo Mello e Carvalho
Antonio Augusto de Sá e Sampaio
Antonio Augusto de Sequeira Thedim
Antonio Brandão Pereira
Antonio Carlos da Silva
Antonio da Cunha Pereira Bandeira de Neiva
Antonio Dias d'Asevedo
Antonio Feio de Magalhães Coutinho
Antonio Ferreira Couto
Antonio Ferreira de Macedo Pinto
Antonio Francisco da Silva
Antonio Gil
Antonio Guedes Vilhegas Quinhones
Antonio Ignacio Marques
Antonio Joaquim de Carvalho Pinho e Sousa
Antonio Joaquim Gomes d'Oliveira
A. J. Gomes, Junior
Antonio Joaquim Pinto
Antonio Joaquim Placido da Silva Negrão
Antonio Joaquim de Sousa Freitas, Junior
Antonio Joaquim Valente
Antonio José d'Avila
Antonio José Barroso Alvaro da Cunha
Antonio José Cardoso
Antonio José Dique, Junior
Antonio José Faria
Antonio José Leite Veiga
Antonio José M. Corrêa Caldeira
Antonio Julio de Frias Pimentel e Abreu
Antonio Manuel Alvares
Antonio Maria Corrêa
Antonio Maria Diniz
Antonio Maria Gentil
Antonio Maria Pinheiro
Antonio de Mattos Leitão
Antonio Mauricio Pereira Cabral
Antonio do Nascimento Rosendo
Antonio Pedro de Sales
Antonio Pereira da Cunha
Antonio Pimenta
Antonio Ribeiro Neves
Antonio Ribeiro Viegas
Antonio da Silva Tullio
Antonio Simão de Noronha
Antonio Teixeira de Carvalho Sampaio
Antonio Vicente Peixoto
Antonio Xavier Cerveira e Sousa
Antonio Xavier Marques
Augusto Ferreira Pinto Basto
Augusto Xavier Palmeirim

Ayres Freire de Andrade
Barão d'Almeirim
Barão d'Eschwege
Bartholomeu dos Martyres Dias e Sousa
Belarmino da Cunha Barros
Bento Miguel Leite Pereira
Bento Pereira do Carmo
Bernardo José
Bernardo de Sequeira Carvalho
Bernardo Teixeira de Almeida Queiroz
Bispo Eleito de Aveiro
Bispo do Funchal
Caetano José Pereira de Abreu e Sousa
Candido Joaquim Xavier Cordeiro
Carlos Cardoso Moniz Castello-Branco Bacellar
Carlos Vieira da Silva
Casimiro Barreto Ferraz
Cesario José de Oliveira, Junior
Christovão José de Carvalho
Conde de Mello
Condeça de Murça, D. Helena
Constancio José Alves
Domingos Cardoso de Macedo
Domingos José de Sá Barbosa
Domingos José de Sousa Magalhães
Eduardo Brackenbury
Eduardo da Silva Vasconcellos
Esmoler Mór
Eugenio Caetano da Costa
Feliciano Antonio Marques Pereira
Felix Manuel Placido da Silva Negrão
Felisardo Antonio Silverio
Firmino Ferreira Faria
Fortunato José Barreiros
Francisco Antonio Barroso Pereira
Domingos Maria Coelho de Moura
Francisco Antonio Raposo
Francisco d'Assís Rodrigues
Francisco Caetano Pedrosa
Francisco de Castro Freire
Francisco da Costa Pessoa
Francisco Emilio dos Santos
Francisco Guilherme Xavier Moreira
Francisco Ignacio Ferreira de Mendonça
Francisco Ignacio de Sousa Albuquerque
Francisco Joaquim Pereira e Sousa
Francisco José Caldas Aulete
Francisco Julio Caldas Aulete
Francisco Lopes d'Azevedo
Francisco Manuel de Menezes Feio
Francisco Manuel de Serpa
Francisco Manuel Soares Brandão
Francisco Maria Vilhena
Francisco Nicoláo
Francisco Roberto da Cunha
Francisco Rodrigues Ferreira
Francisco de Sena Fernandes
Francisco de Sousa Loureiro
Francisco Thomaz Lacerda
Francisco Xavier Rodrigues
Francisco Xavier de Sousa Torres e Almeida
Gaspar José Ribeiro
D. Gastão Fausto da Camara
Germano Francisco Nunes Chaves
Gregorio Thomaz Figueiredo
Guilherme Antonio Ferreira
D. Guilherme da Cunha Reis
Guilherme Telles de Araujo Pacheco
Henrique Joaquim Moraes
Henrique José Mariares
Henrique da Silva Ramos
Honorato Olympio Pereira
Jacintho da Silva Mengo
J. A. Torres
J. B. Festa
J. C. M. Aboim
J. E. Martins
J. J. A. Amado
J. J. de Gouvêa
J. L. Xavier de Bulhões
J. M. d'A. T. de Queiroz
J. M. M. Fragoso
Innocencio Francisco da Silva
João de Abreu Maia Brandão

João Antonio Brignoli
João Antonio Carvalho
João Antonio Marques do Amaral Guerra
João Augusto Dias de Carvalho
João Bernardo Corrêa Caupers
João Cabral Pinto
João Carvalho Ribeiro Vianna
João de Deus Antunes Pinto
João Dias de Castro
João Evangelista de Sousa Torres e Almeida
João Felix Alves de Minhava
João Ferreira da Costa Sampaio
João Freme de Oliveira e Malta
João Gomes Roldan
João Gregorio Mascarenhas Neto
João José de Almeida
João José Barbosa Marreca
João José de Carvalho
João José Ignacio Lima
João José de Lima e Silva
João José Nepomuceno Corrêa
João Machado de Asevedo e Mello
João Maria Brandão
João Paulo Nunes
João Pedro Baptista Lopes
João Sebastião Serra
João Teixeira Sarmento
João Thomaz Guerra
João Thomaz Soares
João Xavier Soares
Joaquim do Amparo Sobral
Joaquim Antonio Olavo d'Araujo
Joaquim Caetano Lopes da Silva
Joaquim da Costa Cascaes
Joaquim da Costa Valle
Joaquim Dias Torres
Joaquim Feliciano da Fonseca Noronha e Foios
Joaquim Ferreira Machado
Joaquim Ferreira Real
Joaquim Frederico Pimentel
Joaquim Gomes da Silva Feio
Joaquim José Dias Lopes de Vasconcellos
Joaquim de Magalhães Coutinho
Joaquim José da Motta
Joaquim Manuel Corrêa
Joaquim Manuel dos Santos
Joaquim Maria Benevides
Joaquim Maria Bruno de Moraes
Joaquim Maria Machado
Joaquim Pedro da Silva
Joaquim Pereira de Campos
Joaquim Philippe de Soure
Joaquim Pires da Veiga
Joaquim Rodrigues Lima
Joaquim de Sousa Pereira Pato
Joaquim Ventura Pereira
Joaquim Xavier da Silva
José Adão dos Santos Moura
José Antonio de Abreu
José Antonio Ferreira da Costa
José Antonio da Fonseca
José Antonio Morão
José Antonio Pereira Mattos do Valle
José Arthur Pinto Monteiro
José Borges Pacheco Pereira
José Bruno de Cabedo
José Caetano Paes Branco
José de Cupertino Efrem
José Cypriano dos Santos
José Ferreira Pestana
José de Freitas Amorim Barbosa
José Gaudencio Ferreira Cardoso
José Henriques Pereira da Silva
José Jacintho Tavares
José Ignacio da Silva Pimenta
José Joaquim Lopes de Lima
José Joaquim Lopes da Silva
José Joaquim Rodrigues de Bastos
José Joaquim Soares Russel
José Luis Fonseca
José Manuel de Carvalho
José Manuel da Costa
José Maria de Almeida e Silva
José Maria Corrêa de Seabra
José Maria da Costa Silveira da Motta
José Maria Duarte Peixoto
José Maria Forte Gatto
José Maria de Mattos
José Maria de Mello e Castro de Abreu
José Maria Pereira Baptista Lessa
José Maria Pereira de Castro e Silva.

José Maria Pereira Forjaz
José Maria Pires
José Maria de Sant-Iago
José Maria da Silveira Zusarte
José Maria de Sousa
José Maria Valente
José Pedro de Sousa Calheiros
José Rodrigues Sousa
José Romão Rodrigues Nilo
José Servulo da Costa e Silva
José da Silva Neto
José Silvestre de Andrade
José Victorino Freire Cardoso
Julio Antonio Ribeiro
Justiniano Luiz da Motta
Lucas Vieira de Sá
Luiz de Almeida Xavier
Luiz Antonio da Cunha
Luiz Antonio de Magalhães
Luiz Antonio Temudo
Luiz Augusto Martins
Luiz Augusto Rebello da Silva
Luiz Bravo de Abreu e Lima
Luiz da Cunha Barreto
Luiz Cypriano Coelho de Magalhães
Luiz Monteiro Almeida
Luiz Ribeiro de Sousa Saraiva
D. Lusia Felicidade da Costa
Manuel Alexandre de Campos
Manuel Antonio Camello
Manuel Antonio da Costa
Manuel Augusto de Moraes e Sousa
Manuel Bento Rodrigues
Manuel Francisco da Incarnação
Manuel Frasão
Manuel Freire de Faria
Manuel Ignacio de Araujo
Manuel Ignacio da Cunha Meneses
Manuel Joaquim de Araujo
Manuel Joaquim Resende
Manuel Joaquim Sampaio
Manuel Maria Corrêa de Seabra
Manuel Maria Coutinho de Albergaria Freire
Manuel Maria Holbeche Granate de Oliveira da Cunha e Silva
Manuel Maria e Maia
Manuel Pinheiro de Almeida e Asevedo
Manuel Pinheiro Ribeiro
Manuel de Sousa Couto
Manuel de Sousa Raivoso
Manuel Teixeira de Figueiredo
D. Maria das Dôres Corpas
D. Maria José de Castro
D. Maria José dos Santos
D. Maria José da Silva Canuto
D. Maria Rita Corrêa de Sá
Marino Miguel Franzini
Marquez de Cantagallo
Mathias de Carvalho Mendes Coutinho e Vasconcellos
M. J.
M. J. Gavinha
D. Michaela Luisa Gonzaga
Miguel Maria Barbosa
Miguel Maria Bastos
Miguel Maria Figueira
Miguel Maria Fontes
Pantaleão Rodrigues de Sequeira
Pedro Antonio de Figueiredo
Pedro Antonio Rebocho
Pedro Carlos d'Eça Figueiró da Gama Lobo
Philippe Folque
Philippe Nery Gorjão
Raymundo Xavier Coutinho
D. Rodrigo de Asevedo Coutinho
Rodrigo Cambiaço
Sebastião Corrêa de Sá Brandão
Sebastião Faria Machado
Sebastião M. de Andrade e Sousa
Silvestre Pinheiro Ferreira
Thomaz Pinto de Almeida Carvalhaes
Tito Livio de Sequeira
Vicente Elesbão de Campos
Vicente José de Seiça Almeida e Silva
Victorino João Carlos Dantas Pereira
D. Virginia da Arrochela
Visconde de Sá da Bandeira